



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* GESTÃO EM ARQUIVOS**

**O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA
FORMADO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Eliseu dos Santos Lima

Santa Maria, RS, Brasil

2012

O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA FORMADO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Eliseu dos Santos Lima

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização
Lato-Sensu Gestão em Arquivos, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS)/Universidade Aberta do Brasil (UAB), como requisito parcial para
obtenção do grau de
Especialista em Gestão em Arquivos

Orientador: Prof^ª. Ms. Fernanda Kieling Pedrazzi

Santa Maria, RS, Brasil

2012

**Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Aberta do Brasil
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA FORMADO PELA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

Elaborada por
Eliseu dos Santos Lima

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão em Arquivos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Fernanda Kieling Pedrazzi, Ms.
(Presidente/Orientador)

Gláucia Vieira Ramos Konrad, Dr. (UFSM)

Sonia Elisabete Constante, Ms. (UFSM)

Santa Maria, RS, 9 de novembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Neste importante momento de conclusão de mais uma etapa da minha formação acadêmica, agradeço aqueles que de uma forma ou outra colaboraram para que essa meta fosse alcançada. Como o espaço não permite que todos sejam mencionados, destaco às presenças fundamentais na realização dessa atividade de pesquisa:

À Deus...

À meus familiares...

À Universidade Federal de Santa Maria/Universidade Aberta do Brasil por propiciarem o ensino gratuito e com qualidade...

À professora Fernanda Kieling Pedrazzi, por ter aceitado me orientar, pelo comprometimento e transmissão de conhecimentos que muito colaboraram para o êxito da pesquisa...

À Coordenação e todos os professores do Curso de Especialização Gestão em Arquivos, pelos ensinamentos e experiências compartilhados no andamento do Curso...

Aos tutores das disciplinas e do pólo de Cruz Alta e as estagiárias do Curso de Especialização Gestão em Arquivos, pela dedicação na solução de dúvidas e orientações...

Aos meus colegas, em especial aqueles que desde a graduação estiveram comigo nessa trajetória...

Aos arquivistas participantes da pesquisa, sem os quais seria inviável a realização deste estudo...

Muito obrigado.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos
Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Aberta do Brasil

O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA FORMADO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

AUTOR: ELISEU DOS SANTOS LIMA

ORIENTADORA: FERNANDA KIELING PEDRAZZI

Data e local da Defesa: Santa Maria/RS, 9 de novembro de 2012.

O estudo apresenta os resultados da investigação que teve como objetivo identificar o perfil dos arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2001 e sua atual ocupação. A pesquisa classifica-se como descritiva de abordagem qualitativa/quantitativa, sendo que para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semi-estruturada com as duas últimas coordenações do Curso de Arquivologia da UFSM, bem como a aplicação de um questionário, composto de 45 questões à turma de arquivistas graduados no ano de 2001. Após a interpretação e análise dos resultados concluiu-se que os egressos são em sua maioria do sexo feminino, na faixa etária entre 30 e 34 anos, casados, com renda salarial mensal de cinco a seis salários mínimos, nascidos em Santa Maria e demais cidades da região central do Estado, residindo e trabalhando atualmente em grandes centros urbanos. Possuem somente a graduação em Arquivologia e Pós-Graduação concluída em nível de especialização e mestrado, com conhecimentos de outros idiomas, especialmente inglês e espanhol, não possuem a cultura de desenvolver pesquisas científicas, mas participam dos eventos da área para buscar o aperfeiçoamento profissional. Além disso, sempre atuaram como arquivista exercendo em órgãos públicos e privados, atividades de todas as fases da gestão de documentos de acordo com a lei que regulamenta a profissão, embora sintam necessidade de maiores conhecimentos em Tecnologia da Informação e legislação arquivística. Possuem o registro de arquivista na DRT, mas não fazem parte de movimentos associativos, desejam que seja constituído o conselho da profissão e têm o maior reconhecimento profissional como principal expectativa em relação ao futuro.

Palavras-chave: arquivista, formação, atuação profissional, mercado de trabalho

ABSTRACT

Monograph Specialization
Postgraduate Course of the distance
Specialization *Lato-Sensu* Archives Management
Federal University of Santa Maria
Open University of Brazil

THE PROFILE PROFESSIONAL ARCHIVIST FORMED BY THE FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA

AUTHOR: ELISEU DOS SANTOS LIMA

ADVISOR: FERNANDA KIELING PEDRAZZI

Defense Place and Date: Santa Maria/RS, november 9th, 2012.

The study presents the results of research, which aimed to identify the profile of archivists formed by Course Archival Federal University of Santa Maria in 2001 and his current occupation. The survey classified themselves as descriptive qualitative/ quantitative, and for data collection was performed a semi-structured interview with the last two Coordinators Course Archivology UFSM, as well as a questionnaire consisting of forty five questions to the class of archivists graduated in 2001. After the interpretation and analysis of the results it was concluded that the graduates are mostly female, aged between 30 and 34 years, married, with monthly wage income from 05 to 06 minimum wages, born in Santa Maria and other cities the central region of the state currently residing and working in large urban centers. They have only to undergraduate and graduate Archivology completed in level of expertise and Masters, with knowledge of other languages, especially English and Spanish, have no culture of developing scientific research, but participate in area events to seek further training. Also, always acted as archivist exercising in public and private activities in all phases of the management of documents according to the law regulating the profession, but feel the need for more knowledge in Information Technology and archival legislation. They have the record archivist at DRT but not part of associative movements, want the board consists of the profession and greater professional recognition as the primary expectation for the future.

Keywords: archivist, training, professional activity, labor market

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Gênero.....	51
GRÁFICO 2 – Faixa etária.....	52
GRÁFICO 3 – Origem dos arquivistas	53
GRÁFICO 4 – Cidades em que residem os arquivistas	54
GRÁFICO 5 – Cidades onde trabalham os arquivistas	54
GRÁFICO 6 – Estado civil.....	55
GRÁFICO 7 – Possui ou não filhos	56
GRÁFICO 8 – Número de filhos.....	57
GRÁFICO 9 – Renda salarial mensal	58
GRÁFICO 10 – Possui outra formação além de Arquivologia.....	59
GRÁFICO 11 – Considerou-se preparado para ingressar no mercado de trabalho	60
GRÁFICO 12 - A formação oferecida pelo Curso de Arquivologia da UFSM atende as exigências do mercado de trabalho.....	62
GRÁFICO 13 – Possui ou faz Pós-graduação.....	63
GRÁFICO 14 – Nível da Pós-graduação	63
GRÁFICO 15 – Área de formação na Pós-graduação.....	64
GRÁFICO 16 – Falar, ler ou escrever em outro idioma	65
GRÁFICO 17 – Idiomas falados, lidos ou escritos pelos arquivistas	65
GRÁFICO 18 – Desenvolvimento de atividade técnico-científica voltada aos arquivos	66
GRÁFICO 19 – Apresentação e/ou publicação de trabalhos científicos.....	67
GRÁFICO 20 – Participação em eventos da área	68
GRÁFICO 21 – Frequência de participação nos eventos da área	68
GRÁFICO 22 – Contato com os demais arquivistas formados no mesmo ano	69
GRÁFICO 23 – Forma de inserção no mercado de trabalho	70
GRÁFICO 24 – Desenvolvimento de atividades arquivísticas no primeiro emprego	71
GRÁFICO 25 – Atuação como arquivista desde que concluiu a graduação.....	72
GRÁFICO 26 – Tempo de atuação profissional como arquivista.....	73
GRÁFICO 27 – Área de atuação dos profissionais que não atuam como arquivista.....	74
GRÁFICO 28 – Atividades arquivísticas desenvolvidas no exercício da profissão	75
GRÁFICO 29 – Conhecimentos que mais sentiu necessidade no desempenho da função de arquivista	77
GRÁFICO 30 – Como classifica o domínio sobre as Tecnologias da informação aplicadas aos arquivos	78
GRÁFICO 31 – Denominação do cargo ocupado atualmente na instituição	79
GRÁFICO 32 – Regime de trabalho	80
GRÁFICO 33 – Carga horária semanal de trabalho.....	81
GRÁFICO 34 – Instituição empregadora atual	82
GRÁFICO 35 – Forma de ingresso na instituição.....	83
GRÁFICO 36 – Requisitos para ingresso na instituição	84
GRÁFICO 37 – Desempenha função de chefia de setor/departamento/divisão	85
GRÁFICO 38 – A instituição incentiva/subsidia o aperfeiçoamento.....	86
GRÁFICO 39 – Tem apoio para efetivar as ações do campo arquivístico e/ou para adquirir materiais e equipamentos.....	87
GRÁFICO 40 – Considera adequada a remuneração salarial	88
GRÁFICO 41 – O arquivista é respeitado por profissionais de outras áreas	89
GRÁFICO 42 – O seu trabalho é reconhecido e valorizado pelos colegas de outras áreas de formação	90

GRÁFICO 43 – Sua opinião é levada em consideração no debate sobre atividades arquivísticas com outros profissionais.....	91
GRÁFICO 44 - Acredita que o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com não arquivistas.....	92
GRÁFICO 45 – Acredita que quando não arquivistas realizam atividades arquivísticas a qualidade técnica do trabalho fica comprometida	93
GRÁFICO 46 - As atividades desenvolvidas atualmente estão previstas na Lei da profissão do arquivista	95
GRÁFICO 47 - Tem conhecimento e mantém-se informado sobre a legislação arquivística ..	96
GRÁFICO 48 – É filiado a alguma entidade ou associação profissional de arquivistas.....	97
GRÁFICO 49 – Considera a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia um empecilho para que a profissão seja mais reconhecida	98
GRÁFICO 50 – Possui registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho (DRT).....	99
GRÁFICO 51 – Principal expectativa profissional em relação ao futuro	100
GRÁFICO 52 – Acredita que a profissão de arquivista está em ascensão.....	101

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Currículo do Curso de Arquivologia da UFSM de 1994.....	46
QUADRO 2 – Currículo do Curso de Arquivologia da UFSM de 2004.....	47
QUADRO 3 – Dados inerentes à integralização curricular do Curso de Arquivologia da UFSM	47
QUADRO 4 – Cidade de origem, onde residem e onde trabalham os arquivistas.....	52
QUADRO 5 – Justificativas quanto estar ou não preparado para ingressar no mercado de trabalho	60
QUADRO 6 – Justificativas quanto a realização de atividades arquivísticas por outros profissionais.....	94
QUADRO 7 – Justificativas quanto acreditar que a profissão de arquivista está em ascensão	102

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Gênero.....	51
TABELA 2 – Faixa etária.....	51
TABELA 3 – Estado civil	55
TABELA 4 – Possui ou não filhos	56
TABELA 5 – Renda salarial mensal	57
TABELA 6 – Possuir outra formação além de Arquivologia	58
TABELA 7 – Considerou-se preparado para ingressar no mercado de trabalho	59
TABELA 8 – Se a formação oferecida pelo Curso de Arquivologia da UFSM atende as exigências do mercado de trabalho.....	61
TABELA 9 – Possui ou faz Pós-Graduação.....	62
TABELA 10 – Falar, ler ou escrever em outro idioma	64
TABELA 11 – Desenvolvimento de atividade técnico-científica voltada aos arquivos	66
TABELA 12 – Participação em eventos da área	67
TABELA 13 – Forma de inserção no mercado de trabalho	70
TABELA 14 – Desenvolvimento de atividades arquivísticas no primeiro emprego	71
TABELA 15 – Atuação como arquivista desde que concluiu a graduação.....	72
TABELA 16 – Atividades arquivísticas desenvolvidas no exercício da profissão	74
TABELA 17 – Conhecimentos que mais sentiu necessidade no desempenho da função de arquivista	76
TABELA 18 – Como classifica o domínio sobre as Tecnologias da Informação aplicadas aos arquivos	77
TABELA 19 – Denominação do cargo ocupado atualmente na instituição.....	79
TABELA 20 – Regime de trabalho	80
TABELA 21 – Carga horária semanal de trabalho	81
TABELA 22 – Instituição empregadora atual.....	82
TABELA 23 – Forma de ingresso na Instituição	83
TABELA 24 – Requisitos para ingresso na instituição.....	84
TABELA 25 – Desempenha função de chefia de setor/departamento/divisão	85
TABELA 26 – A instituição incentiva/subsidia o aperfeiçoamento	86
TABELA 27 – Tem apoio para efetivar as ações do campo arquivístico e/ou para adquirir materiais e equipamentos.....	87
TABELA 28 – Considera adequada a remuneração salarial	88
TABELA 29 – O arquivista é respeitado por profissionais de outras áreas	89
TABELA 30 – O seu trabalho é reconhecido e valorizado pelos colegas de outras áreas de formação	90
TABELA 31 – Sua opinião é levada em consideração no debate sobre atividades arquivísticas com outros profissionais	91
TABELA 32 – Acredita que o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com não arquivistas.....	92
TABELA 33 – Acredita que quando não arquivistas realizam atividades arquivísticas a qualidade técnica do trabalho fica comprometida	93
TABELA 34 – As atividades desenvolvidas atualmente estão previstas na Lei da profissão do arquivista	95
TABELA 35 – Tem conhecimento e mantém-se informado sobre a legislação arquivística...	96
TABELA 36 – É filiado a alguma entidade ou associação profissional de arquivistas	97
TABELA 37 – Considera a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia um empecilho para que a profissão seja mais reconhecida	98

TABELA 38 – Possui registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho (DRT).....	99
TABELA 39 – Principal expectativa profissional em relação ao futuro.....	100
TABELA 40 – Acredita que a profissão de arquivista está em ascensão.....	101

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com a Coordenação do Curso de Arquivologia.....	134
APÊNDICE B – Questionário aplicado ao Universo da Pesquisa	136

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	6
LISTA DE QUADROS.....	8
LISTA DE TABELAS.....	9
LISTA DE APÊNDICES	11
INTRODUÇÃO	13
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	14
1.1 Tema	14
1.2 Delimitação.....	14
1.3 Problemas	14
1.4 Pressupostos	15
1.5 Objetivo geral.....	15
1.6 Objetivos específicos.....	15
1.7 Justificativa	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 O profissional da informação	18
2.2 Ensino de Arquivologia	19
2.3 Formação do arquivista	21
2.4 O profissional arquivista.....	24
2.5 O mercado de trabalho para o arquivista	29
2.6 O arquivista frente às novas Tecnologias da Informação e Comunicação.....	33
2.7 Regulamentação profissional.....	36
2.8 Associativismo profissional dos arquivistas	37
3 A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA NA UFSM.....	40
3.1 O arquivista formado pela UFSM.....	41
3.2 Diretrizes curriculares do Curso de Arquivologia da UFSM.....	43
4 METODOLOGIA.....	48
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	50
5.1 Características socioeconômicas	50
5.2 Aspectos da formação acadêmica e capacitação profissional.....	58
5.3 Aspectos da inserção no mercado de trabalho e atuação profissional.....	69
5.4 Aspectos da relação com a instituição empregadora atual	78
5.5 Aspectos das relações interpessoais de trabalho	88
5.6 Aspectos de legalização e reconhecimento da profissão.....	94
5.7 Percepções da coordenação do Curso de Arquivologia	103
5.7.1 Percepção da coordenação da Gestão 2010-2012.....	104
5.7.2 Percepção da coordenação da Gestão 2012-2014.....	105
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	106
6.1 Características socioeconômicas	106
6.2 Formação acadêmica e capacitação Profissional.....	108
6.3 Inserção no mercado de trabalho e atuação profissional.....	113
6.4 Relação com a instituição empregadora atual	116
6.5 Relações interpessoais de trabalho.....	119
6.6 Legalização e reconhecimento da profissão	120
6.7 Percepções da coordenação do Curso de Arquivologia	124
CONCLUSÃO.....	126
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICES	133

INTRODUÇÃO

Em todas as épocas, a informação é um elemento essencial para a sociedade, tanto para garantia de prova, como para comprovação de direitos adquiridos.

Com o desenvolvimento e a burocratização das organizações, aliados ao acelerado desenvolvimento da tecnologia, nota-se o crescimento na produção e acumulação de documentos, o que demanda a procura por profissionais capacitados para gerir toda essa gama de informações.

O arquivista é o profissional capacitado para atuar com a gestão documental e só a ele é permitido o exercício da profissão segundo a Lei nº 6.546/1978, que regulamenta a profissão e diferencia as atribuições de arquivistas e técnicos de arquivo.

O momento de inserção ao mercado de trabalho por qualquer profissional é marcado por indagações de como agir perante a nova vida que lhe espera. Procurar atuar em determinado setor, buscar qualificação e capacitação para trabalhar e manter-se num mercado que cada vez mais competitivo requer um profissional polivalente para dar conta das constantes exigências que o exercício da profissão traz.

Dessa forma, o arquivista precisa estar preparado para atuar frente a situações diversas que surgirão a partir das atividades do seu dia a dia profissional, principalmente, as advindas das Tecnologias da Informação e Comunicação, com presença marcante atualmente nos arquivos.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Frente a atual realidade que circunda o mundo profissional, o tema da pesquisa surgiu do interesse em analisar como se deu a inserção dos arquivistas graduados pela Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2001 no mercado de trabalho, e como foram suas trajetórias profissionais em dez anos de atuação, bem como procurar informações sobre os aspectos relacionados à capacitação profissional, relações com as instituições empregadoras e relações interpessoais de trabalho e legalização e reconhecimento profissional. Para tanto foi selecionada uma das turmas de arquivistas graduados pela UFSM com pelo menos dez anos de formatura: a de 2001.

1.1 Tema

O perfil do profissional arquivista formado há dez anos pela Universidade Federal de Santa Maria.

1.2 Delimitação

A pesquisa limitou-se em averiguar aspectos relacionados ao perfil socioeconômico, a formação acadêmica, inserção no mercado de trabalho, atuação e capacitação profissional, relação com a instituição empregadora atual, relações interpessoais de trabalho e aspectos relacionados à legalização e reconhecimento profissional dos arquivistas egressos do Curso de Arquivologia da UFSM, tanto os formados em cerimônia de “colação de grau” ou “gabinete”, no ano de 2001.

1.3 Problemas

Na pesquisa foram levadas em consideração as seguintes situações problemáticas:

- Onde estão atuando os arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM em 2001?
- Como estão atuando os arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM em 2001?

1.4 Pressupostos

Tendo em vista os problemas acima apresentados, supõe-se que:

- Como o ramo de atuação do arquivista é amplo, acredita-se que os profissionais estejam atuando em instituições públicas, empresas privadas, atuem autonomamente, ou ainda, não desempenhem a profissão de arquivista.
- Por ser capacitado para atuar em atividades de planejamento e direção, bem como atividades técnicas, acredita-se que são diversos os cargos ocupados pelos arquivistas nas instituições, podendo seu cargo receber a denominação de Arquivista, Chefe de Arquivo, Técnico de Arquivo, Auxiliar de Arquivo, ou ainda estarem exercendo atividades de docência.

No estudo foram estabelecidos objetivo geral e específicos que são apresentados a seguir.

1.5 Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa consiste em identificar o perfil dos arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM no ano de 2001 e sua atual ocupação profissional.

1.6 Objetivos específicos

Em termos específicos, pretendeu-se:

- revisar a trajetória do ensino e formação do arquivista no Brasil;
- identificar as características socioeconômicas dos arquivistas egressos do Curso de Arquivologia da UFSM do ano de 2001;
- analisar as peculiaridades da formação acadêmica, inserção no mercado de trabalho, atuação e capacitação profissional da turma de Arquivologia da UFSM de 2001;
- averiguar as relações destes profissionais com as instituições empregadoras e com os demais profissionais de outras áreas;
- verificar aspectos relacionados à legalização e reconhecimento profissional do arquivista.

1.7 Justificativa

Muito tem se pesquisado sobre o perfil do estudante de Arquivologia, e suas expectativas com relação ao seu futuro profissional, mas também é importante o estudo sobre o profissional formado, já atuante, e como está sendo realizado o seu exercício profissional.

José Maria Jardim, entrevistado por Cardoso (2006, p. 15), ao tratar sobre esse assunto explicita que:

Nós precisamos de mais pesquisas sobre os nossos padrões de formação, sobre os nossos professores, os nossos alunos, nossa profissão, nosso associativismo, sob o risco de, em um dado momento, passarmos a discutir a questão – e acho que isso tende a acontecer – de uma maneira impressionista. Você pode trazer a sua experiência, eu posso trazer a minha, mas nós não podemos, a partir daí, produzir uma determinada generalização, que aponte para um conhecimento sistematizado sobre a área. Na verdade, nós precisamos de mais pesquisas sobre isto no Brasil. Há outros estudos, mas penso que ainda pesquisamos pouco sobre isso. Esse tema certamente merece estar numa agenda de pesquisa que temos a desenvolver na Arquivologia no Brasil.

E complementa, apontando que:

nós precisamos conhecer mais, avançar mais. Nós precisamos de mais conhecimento, não só sobre quem somos e como estamos na formação, mas também sobre quem somos e como estamos no mercado de trabalho, quem somos e como estamos em termos de produção e difusão do conhecimento. Nós não temos hoje uma produção de conhecimento sistematizada sobre o campo profissional no Brasil. (JARDIM, 2006, p.15).

Souza (2010, p.13) também reforça essa ideia ao explicitar que:

os estudos sobre o mercado de trabalho do arquivista, no Brasil, ainda são escassos ou quase inexistentes, ainda que nas últimas décadas tenha ocorrido uma ampliação considerável das oportunidades de trabalho para esse profissional. No entanto, pouco se sabe sobre quem são e o que fazem os profissionais oriundos dos cursos de Arquivologia, os arquivistas.

A escolha da população questionada (apenas uma turma de formados na Arquivologia da UFSM) deu-se pelo fato de não ser possível, devido ao tempo que se levaria para levantar e tabular os dados, realizar uma pesquisa com todos os egressos do Curso de Arquivologia da UFSM, optando-se por estudar a turma graduada em 2001, podendo-se assim, traçar o perfil do profissional formado há dez anos, fazendo um paralelo da época de formação com a atuação profissional na atualidade.

A opção por estudar os arquivistas graduados em 2001 justifica-se porque se acredita que dez anos seja um tempo razoável de atuação para os profissionais terem desempenhado a função e terem alcançado certa estabilidade profissional.

A realização desta pesquisa visa contribuir para a formação de um profissional mais capacitado e crítico quanto a sua atuação profissional, bem como subsidiar as instituições formadoras a refletir sobre o ensino da Arquivologia, contribuindo assim, com a formação de um profissional cada vez mais qualificado e que satisfaça as necessidades do mercado de trabalho.

A investigação realizada vem contribuir para o enriquecimento do conhecimento científico na Arquivologia, uma vez que nota-se certa carência de bibliografia no que diz respeito à linha de pesquisa em formação/atuação profissional. Espera-se que a partir desta investigação novas pesquisas sejam suscitadas e desenvolvidas sobre este assunto.

O estudo apresenta-se em sete capítulos: Introdução (tema, delimitação do tema, problemas e pressupostos, objetivos e justificativa), Referencial Teórico (O profissional da informação, Ensino de Arquivologia, Formação do arquivista, O profissional arquivista, O mercado de trabalho para o arquivista, O arquivista frente às novas Tecnologias da Informação e Comunicação, Regulamentação profissional e Associativismo profissional dos arquivistas), A formação do arquivista na UFSM (O arquivista formado pela UFSM, Diretrizes curriculares do Curso de Arquivologia da UFSM), Metodologia, Apresentação dos Resultados, Análise e Discussão dos Resultados e Conclusão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A profissão de arquivista ao longo do tempo tem passado por diversas transformações, desde outros períodos em que era lembrado apenas por trabalhar em arquivos garantindo a integridade física dos documentos. Hoje o arquivista é reconhecido por gerir a informação e não somente o suporte que a sustenta, pois a demanda por informação tratada e como torná-la acessível é o grande desafio para este profissional nesta época profundamente marcada pela tecnologia.

2.1 O profissional da informação

Rodrigues, Marques e Costa (2005, p.1) ao tratarem sobre o profissional da informação apontam que “as exigências informacionais da sociedade contemporânea – sejam no âmbito das organizações e instituições públicas ou privadas ou simplesmente dos cidadãos – têm mudado radicalmente e repercutem nos tipos de funções e atividades exigidas dos profissionais da área de informação”.

Dessa forma, “os profissionais que atuam, diretamente, com a informação passam a ter um papel de destaque na denominada Sociedade da Informação, contudo esse destaque é proporcional à responsabilidade que o profissional da informação passa a ter” (CARDOSO, VALENTIM, 2008, p.2).

Os autores complementam dizendo que os profissionais da informação deverão ser os mediadores frente à informação e seu usuário, e que devem ser dotados de habilidades que visem sempre melhorar o fluxo informacional no ambiente em que irão atuar.

Ao tratar do profissional arquivista, Cardoso e Valentim (2008), denotam que este precisa ter características que o identifiquem como um profissional da informação.

Duarte (2006, p. 145) apresenta algumas qualificações ao explicitar que “o arquivista tem sido orientado para satisfazer necessidades informativas, de modo que a administração desenvolva suas funções com rapidez, eficiência, eficácia e economia, para salvaguardar direitos e deveres das pessoas contidos nos documentos, e para tornar possíveis a pesquisa e difusão cultural”. Com essa visão, dá-se a ele a denominação de profissional da informação.

Ao tratar o arquivista como profissional da informação, Barbosa (2008, p.20) afirma que:

O arquivista precisa se atualizar, saber manipular adequadamente os novos recursos tecnológicos, usar sua criatividade buscando inovar e ser pró-ativo no atendimento das necessidades dos usuários. Portanto no tocante as competências específicas do arquivista, ou seja, suas competências profissionais, sociais e intelectuais, estão no eixo central as competências informacionais, porque ele é um dos profissionais que têm a informação como objeto de trabalho.

Maldaner (2010, p.11) afirma que com a valorização da informação, “o papel do arquivo e do arquivista passa a ser visto de outra maneira, configurado na fonte de informações”. O que altera a forma como o arquivista é visto pelas organizações, não mais como um guardador de papéis mas, sim, como um gestor da informação.

Souza (2011, p.121) aponta que o arquivista como gestor da informação, enquadra-se na categoria de profissional da informação, e que “sua tarefa é trabalhar a informação enquanto matéria prima das atividades cotidianas, ou seja, como objeto de estudo, a fim de facilitar o acesso a quem necessite”.

2.2 Ensino de Arquivologia

Vedoin (2010, p.22) aponta que ao longo dos anos, “o volume informacional tomou proporções gigantescas, o que demandou uma necessidade de formação de profissionais capacitados para gerir as informações arquivísticas que se originavam e se acumulavam”. E destaca que neste contexto, começou-se a fomentar iniciativas que sinalizaram para o estabelecimento do ensino de Arquivologia.

Krause (2005) ao se referir sobre o desenvolvimento da arquivística afirma que:

A partir da segunda metade do século XX, um novo impulso foi dado à arquivologia, com a criação do Conselho Internacional de Arquivos (CIA) pela UNESCO em 1950; a realização dos congressos internacionais de arquivos e das conferências internacionais da mesa-redonda-dos arquivos; o surgimento da associação dos arquivistas; a preocupação com os arquivos privados; a conservação do patrimônio histórico-documental; o surgimento da microfilmagem e da informática aplicada aos arquivos; o crescente interesse pelos arquivos impressos, cartográficos, sonoros e iconográficos; a publicação do Dicionário Internacional de Terminologia Arquivística em 1984 e de outros dicionários nacionais; (KRAUSE 2005, p.2)

Richter (2004, p.74) ao tratar sobre a evolução do ensino de arquivologia afirma que “o seu berço foi a Europa, onde estão concentradas as escolas mais antigas e a maioria delas”.

No Brasil o desenvolvimento da Arquivologia ocorreu na década de 1970, sendo que anteriormente “a formação profissional dos arquivistas vinha sendo feita através de cursos especiais, ministrados pelo Arquivo Nacional, pela Fundação Getúlio Vargas e por outras instituições”. (PAES, 2004, p. 43)

Ao tratar sobre o nascimento da Arquivologia no Brasil, Richter (2004) explica que nos anos de 1970, com a criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros – AAB (1971) presencia-se no cenário nacional o início do desenvolvimento da Arquivologia, seguido da promoção de Congressos Brasileiros de Arquivologia, da criação de cursos de graduação em Arquivologia por universidades e da regulamentação profissional (BRASIL, Lei nº 6.546/1978).

Paes (2004, p.43) relata que a criação do Curso Superior de Arquivos foi aprovado em 6 de março de 1972 pelo Conselho Federal de Educação, “que a 7 do mesmo mês aprovou o Currículo do Curso de Arquivística como habilitação profissional no ensino de segundo grau”.

Ainda, segundo Paes (2004), em agosto de 1974, foi instituído o Curso Superior de Arquivologia, com duração de três anos.

Através da Resolução nº 28 de 13 de maio de 1974, como explica Richter (2004, p.79), “o Conselho Federal de Educação (CFE) fixou o currículo mínimo dos cursos de graduação em Arquivologia bem como sua duração”.

Richter (2004) relata que em 1977 a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) outorgou mandato universitário ao Arquivo Nacional para o Curso Permanente de Arquivo, sendo o referido curso absorvido pela UNIRIO como Curso Superior de Arquivologia. No mesmo ano foi criado o Curso de Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, em 1978, pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Hoje existem no Brasil 16 cursos de graduação em Arquivologia, “sendo que três deles estão localizados no Rio Grande do Sul: o da UFSM, o da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo os três, como o nome indica, escolas federais” (PEDRAZZI, 2011, p.3).

Além dos cursos localizados no Rio Grande do Sul, a página do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) na *internet*, aponta a existência dos demais 13 Cursos de Arquivologia no País, a saber: Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal da Bahia

(UFBA), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Estadual Paulista (UNESP/MARÍLIA), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Em setembro de 2011 foi aprovada a criação do Curso de Graduação em Arquivologia na Universidade Federal do Pará (UFPA)¹, que deve ter o início de suas atividades acadêmicas no segundo semestre de 2012.

Oliveira (2010, p.2), ao tratar do ensino arquivístico, explica que o curso de Arquivologia tem o compromisso da:

(...) formação de profissionais responsáveis pelo gerenciamento de documentos e das informações arquivísticas, o que significa ser capaz de gerir o acervo documental, de identificar a relevância das informações existentes em diversos suportes, classificar e buscar métodos e tecnologias para disponibilizar essas informações. Além disso, precisam compreender os fluxos informacionais das organizações em que atuam, visando fornecer e/ou armazenar informações que alimentem os processos decisórios e a garantia dos direitos e deveres das organizações, de seus parceiros e funcionários.

Dessa forma, espera-se que o ensino de arquivologia oferecido pelas universidades forme um profissional capaz de gerir toda a cadeia informacional da organização, independente de suporte e que os arquivistas possam dirimir o “distanciamento entre as teorias arquivísticas estudadas nos cursos de graduação e a realidade encontrada no mercado de trabalho” (RODRIGUES, 2009, p.25).

2.3 Formação do arquivista

Duarte (2006, p. 148) aponta que:

no princípio, um arquivo organizado certamente satisfazia às necessidades emergenciais de seus produtores e custódios. A revolução promovida pelo advento da tecnologia da informação desconstruiu essa visão de custódia e, atualmente, o arquivista precisa receber formação que o torne receptivo ao comportamento da sociedade do conhecimento e da informação.

¹ Fonte: Arquivologia é uma das novidades do PS 2012 da UFPA. Disponível em: portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=5038. Acesso em: 08 dez. 2011.

Jardim, em entrevista a Cardoso (2006, p.14) ao falar da inserção do arquivista no mercado de trabalho, explica que:

O desafio é procurar construir essa perspectiva com o futuro arquivista, deixando-o muito alerta para o fato de que, em diversas situações, a alternativa que ele vai ter em termos de início de percurso profissional, é aquela na qual o mercado solicita menos um arquivista e mais um guardador de papel. Com seu arsenal de conhecimento arquivístico, mas também de administração, de relações públicas, de pedagogia, o arquivista poderá alterar os papéis que muitas vezes o mercado está lhe impondo. Identificar esse universo sem transformação constante e atuar nele com qualidade é uma tarefa cada vez mais complexa para o arquivista. Uma formação adequada é absolutamente fundamental para que o futuro arquivista cumpra essa tarefa com desenvoltura.

Souza (2011, p.87) explica que “diferindo da tradição europeia, de caráter histórico, e da norte-americana, com uma vertente para a gestão de documentos, no Brasil, a formação se caracteriza por preparar um profissional dotado de conhecimentos teóricos e habilidades para atuar nas três fases do arquivo”.

Para Santos (2009, p. 188) [...] “a formação do profissional dos arquivos deve priorizar o desenvolvimento da capacidade de questionar, mudar, procurar, descobrir, inventar, modificar, melhorar, sentir, participar, arriscar e inovar”. E salienta que a formação profissional deve estar ligada aos seguintes aspectos: agir, pensar, refletir, inovar e, sobretudo, recriar.

Sousa (2008, p.14) complementa a ideia de Santos, afirmando que “o sucesso desse processo está na possibilidade de articulação entre teoria e prática, conhecimento e realidade e ensino e pesquisa”.

Ao relacionar a universidade com a formação profissional, Oliveira (2010, p.9), afirma que ela “não pode ignorar as expectativas sociais. Assim como a arquivística, a universidade também carece de remodelagem. Ela precisa se adaptar às demandas contemporâneas, em um momento em que as formações necessitam de uma abordagem mais ampla e menos tecnicista”.

Pena (2005, p.5) é enfático ao afirmar que “a formação universitária dos arquivistas pode buscar um profissional dinâmico e competitivo que realmente acolha as vontades da sociedade, e não puramente os anseios do mercado de trabalho”. E complementa dizendo que a maioria dos cursos ainda privilegia mais a formação técnica em detrimento da formação humanista.

Souza (2011, p.79) afirma que a formação em arquivística deve possibilitar que “o profissional obtenha habilidades e competências para gerenciar os documentos e informações arquivísticas em todas as instâncias e para qualquer pessoa”. Já para Oliveira (2010, p.10), além da necessidade de remodelagem da formação acadêmica, “é preciso destacar a importância do investimento, por parte dos profissionais, na educação continuada, especialmente, para a melhoria no desempenho das atividades multidisciplinares, administrativas e gerenciais”.

Jardim, entrevistado por Cardoso (2006, p.13) acredita que “é preciso formar um arquivista que seja um cidadão crítico. Crítico em relação à sua profissão, ao seu tempo, à sua inserção social”.

Pena (2005, p.7) enfatiza que a formação do arquivista “é, ainda, muito pautada em uma dimensão profissionalizante, que valoriza a prática, ao invés de uma formação mais interdisciplinar e teórica”.

Ao tratar dos aspectos que envolvem a formação do arquivista, Richter (2004, p.77) diz que esta “deve basear-se em conteúdos que preparem um profissional da área da informação arquivística, com perfil de natureza interdisciplinar”.

Stahl (2008) relata que o atual mercado de trabalho exige do arquivista uma formação que o possibilite atuar frente aos problemas contemporâneos, pois com o avanço das tecnologias e a crescente demanda documental produzida e recebida pelas instituições públicas e privadas aumenta cada vez mais a necessidade de profissionais que tratem, gerenciem e preservem as informações e os documentos.

Vedoin (2010, p.29) ao tratar sobre o ensino e a formação do arquivista acredita que:

Portanto, melhorias contínuas devem ser agregadas ao ensino de arquivologia no país, para que o profissional formado possa cumprir seu efetivo papel, e, por conseguinte, ser o agente responsável pela implementação de sistemas de gestão da informação arquivística nas organizações. Mas, isso pressupõe uma formação com qualidade e adequada ao mercado, no qual o arquivista transcenda as atividades técnicas e científicas; explore e difunda conhecimentos por meio de uma crítica à realidade que o circunda, e ainda, que tenha como elementos norteadores os padrões éticos e morais do ser humano.

Souza (2011) aponta como fator preocupante a quase inexistência de atividades de pesquisa científica na formação dos arquivistas no Brasil, pois “alguns cursos não implantaram a exigência de elaboração da monografia de final de curso, o que afeta e compromete a produção e a difusão de novos conhecimentos” (SOUZA, 2011, p.97).

Mas, Santos (2009, p. 188) afirma que a formação propiciada ao arquivista deve preparar um profissional de arquivo capaz de: “desenvolver pesquisas científicas, planejar e coordenar atividades relacionadas à produção, à gestão, à preservação e ao acesso às informações orgânicas; [...] produzir conhecimento, planejar e propor alternativas adequadas à realidade na qual atua”.

2.4 O profissional arquivista

Segundo Souza (2011) o surgimento do arquivista relaciona-se com a criação dos arquivos, ou ainda:

[...] ao momento em que o homem começou a produzir e a custodiar seus documentos. Desde que se iniciou o registro da informação em algum tipo de suporte, a prática de arquivá-la se constituiu como uma atividade que perdura até os dias de hoje. A gestão desses registros está a cargo dos profissionais da informação, os arquivistas (SOUZA, 2011, p.51).

Pedrazzi (2011, p.2) diz que “na sociedade atual as profissões são garantias para executar determinado saber em uma prática útil à coletividade. Ser profissional de uma área indica estar capacitado para atuar nela, sejam quais forem as suas exigências”.

Barreto (2011, p.11) ao tratar sobre os arquivos e o fazer do arquivista, afirma que:

Os arquivos existem desde a mais remota antiguidade, quando as sociedades passaram a registrar seus conhecimentos em formas rudimentares. Muitas mudanças ocorreram nos registros e mesmo nas formas de arquivamento ao longo dos anos. As mudanças necessárias atualmente são barreiras de uma enorme dimensão e precisam ser vencidas rapidamente, pois o espaço para o profissional de arquivo está aberto e deve ser ocupado.

Bittencourt (2007, p.1) diz que “o desenvolvimento das organizações e das tecnologias utilizadas tem resultado no crescimento da produção de documentos arquivísticos em suportes diversos e, conseqüentemente, aumentado a busca por profissionais da área de arquivo”.

Para Paes (2004, p.42), “o arquivo possui, atualmente, importância capital em todos os ramos da atividade humana. No entanto, ainda é bastante comum a falta de conhecimentos técnicos por parte das pessoas encarregadas dos serviços de arquivamento, falta essa que irá influir, naturalmente, na vida da organização”.

Roncaglio (2004, p.12) infere que manter os arquivos organizados corretamente significa, “em última análise, manter a informação organizada e à disposição para os fins que se fizerem importantes e necessários para as empresas, sejam elas públicas ou privadas, e para a sociedade em geral”.

Para Paes (2004, p.42) “um serviço de arquivo bem organizado possui valor inestimável. É a memória viva da instituição, fonte e base de informações; oferece provas das atividades institucionais; aproveita experiências anteriores, o que evita a repetição, simplifica e racionaliza o trabalho”.

Para que esses objetivos sejam atingidos, a autora afirma ainda que torna-se necessária a preparação de pessoal especializado nas técnicas de arquivo.

Santos (2009, p. 183) afirma que “o tratamento da documentação arquivística – gerada e recebida pela instituição em decorrência da realização de suas atividades, ou seja, o arquivo ou fundo institucional – é uma atribuição do arquivista”.

Bahia e Seitz (2009, p.471) definem o arquivista como sendo o:

profissional liberal que trata a informação e a torna acessível ao usuário final, independente do suporte informacional. Ele trabalha em arquivos públicos e empresariais; hospitalares; fonográfico etc., e pode gerir redes e sistemas de informação, além de recursos informacionais e trabalhar com tecnologia de ponta.

Bahia e Seitz (2009, p. 479) complementam, afirmando que “o arquivista precisa estar atento às rápidas mudanças por que passa a sociedade, e desenvolver competências profissionais que lhe permitam oferecer serviços confiáveis e de qualidade aos usuários da informação”.

Para Richter (2004, p.68) ser arquivista é:

compreender a natureza da arquivística como área do conhecimento, limitada por seu objeto principal que é o arquivo. Isto significa compreender a história dos arquivos, a legislação arquivística, a profissão, a terminologia, a teoria, a metodologia e o contexto da produção de informações e documentos arquivísticos, bem como os procedimentos técnicos relacionados ao tratamento dos arquivos.

Rodrigues, Marques, Costa (2005, p.2) acreditam que “[...] a base fundamental sobre a qual está assentada a Arquivologia e o papel de seu profissional continua a mesma, ou seja, tratar e disponibilizar a informação orgânica registrada para os seus usuários e manter sua integridade e segurança”.

O pensamento de Krause (2005, p.3) relaciona-se com o dos autores quando diz “que nos dias atuais, os profissionais da informação arquivística continuam sendo chamados para tratar dos problemas decorrentes da produção e do acúmulo de documentos textuais em suporte de papel”. Entretanto, são lembrados cada vez com maior frequência para definir:

- organização de acervos sonoros e de imagens;
- tratamento dos acervos registrados em suportes eletrônicos;
- acesso às informações mantidas em redes locais;
- sistemas de informação automatizados;
- padrões de trabalho para a pesquisa científica;
- avaliação de *softwares* e *hardwares*;
- desenho de campos de bases de dados, sob o aspecto de aumento da qualidade na operação de recuperar a informação.

Neste cenário, o profissional arquivista, “em particular, deverá estar habilitado a exercer as diversas atividades a que se propõe, considerando as tecnologias disponíveis. Entre essas atividades, destacam-se: a produção documental/informacional, a utilização e destinação de documentos, a gestão da informação, a preservação e a disseminação da informação arquivística” (ANDRADE, 2006, p.153).

Bellotto (2004) afirma que a função do profissional de arquivo vai além da organização de papéis, e no que tange ao *métier* de sua profissão, afirma que:

É preciso que o administrador e o burocrata compreendam que o arquivista não é um simples trabalhador administrativo, dentro de um órgão público ou de uma organização privada, que não está ali apenas para passar papéis ou mídia eletrônica às mãos dos interessados. Ele é um provedor da informação administrativa e jurídica. É preciso também que os historiadores compreendam que o arquivista está suficientemente capacitado para elaborar os instrumentos de pesquisa que dão acesso à informação, que sua formação lhe dá elementos que o habilitam a não permitir que se perca a essência da informação na montagem da representação descritiva (BELLOTTO, 2004, p.306).

Barbosa (2008, p.18) diz que “em outros períodos, os arquivistas eram essencialmente técnicos e atuavam nos arquivos para garantir a integridade física e intelectual dos documentos”.

No que tange a esse assunto, Duarte (2006, p.147) afirma que “os profissionais de arquivo não devem depreciar seus papéis como guardiões dos documentos, entretanto, os arquivistas devem transcender seu papel de custódios, se desejam sobreviver como profissionais neste século”.

Para Erthal (2005, p.17), “apesar de a Arquivística ser uma categoria profissional, com princípios e procedimentos bem definidos, são raros os profissionais que se destacam nesse meio e que conseguem transpor as fronteiras limítrofes e, entendidas como únicas, do tecnicismo e da estagnação”.

Barbosa (2008, p.19) afirma que:

diante da complexidade do mundo dos arquivos vale ressaltar que as competências exigidas dos arquivistas vêm se alterando no ambiente arquivístico e as demandas sociais por informação tratada e acessível nesse período pós-custodial requerem um profissional apto a lidar com problemas de informação cada vez mais diversos e, ao mesmo tempo específicos.

A ideia de Jardim (2006, p.16) relaciona-se com a das autoras anteriormente citadas, quando afirma que “exercitar o complexo e sofisticado conceito de organicidade, faz toda a diferença entre o que é um arquivista e o que é um guardador de papéis”.

Bellotto (2004, p.302) é enfática ao afirmar que “mais do que nunca é preciso que o arquivista trace sua identidade, conheça nitidamente seus contornos e fronteiras, de modo a não confundir com outra a sua profissão”.

Ao tratar da especificidade e do alcance do fazer do profissional de arquivo, Bellotto afirma que:

o arquivista é o mediador e o possibilitador da concretização do pleno acesso aos documentos. E, não é só, relativamente às informações governamentais ou às informações cidadãs, que o arquivista assume um papel ativo e dinâmico, oposto à atitude passiva que tinha esse profissional nos tempos passados (BELLOTTO, 2007, p.6).

Ao destacar as atribuições do arquivista, Richter (2004, p.68) diz que o mesmo “deve estar apto para, além de exercer suas atividades técnico-científicas, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade, buscar aprimoramento contínuo e observar os padrões éticos de conduta”.

Bellotto (2004) ao enumerar algumas qualidades esperadas do profissional arquivista, assim as menciona:

- capacidade de análise e síntese, juntamente com uma aptidão particular para esclarecer situações complexas e ir ao essencial;
- habilidade de formular claramente suas ideias, tanto na forma escrita quanto na verbal;
- capacidade de julgamento seguro;
- aptidão para tomar decisões sobre questões ligadas à memória da sociedade;

- abertura às novas tecnologias da informação;
- bom senso para tomar decisões;
- adaptação à realidade, às condições de seu tempo e lugar.

A autora ainda complementa, dizendo que “ademais de toda essa qualificação de cunho pessoal, deverá ainda estar capacitado profissionalmente para intervir em toda cadeia do tratamento documental, qualquer que seja o suporte” (BELLOTTO, 2004, p.301).

Para Rodrigues, Marques, Costa (2005, p.1):

[...] a tendência que parece se configurar para o futuro é a de um profissional que tenha competência para organizar cientificamente e tornar acessível (legal, física e intelectualmente) um conjunto dinâmico de informações, de origens diversas, seja em arquivos, bibliotecas ou centro de documentação, isto é, informações oriundas de diversos serviços de informação.

Duarte (2006) chama a atenção para que:

O arquivista, no desempenho de sua função de gestor, deve estar apto a trabalhar as soluções de tratamento funcional da informação e atender às demandas administrativas, jurídicas e técnico-científicas das instituições. Seu perfil profissional supõe acompanhamento da evolução das tecnologias da informação e da produção do conhecimento e domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira. Isso faz o seu diferencial, embora, na crescente competitividade, já possa ser considerado uma competência banal (DUARTE, 2006, p.149).

Complementa dizendo que o arquivista “tem sido orientado para satisfazer necessidades informativas, de modo que a administração desenvolva suas funções com rapidez, eficiência e economia, para salvaguardar direitos e deveres das pessoas, contidos nos documentos, e para tornar possíveis a pesquisa e a difusão cultural” (DUARTE, 2006, p.1).

Jardim, em entrevista a Cardoso (2006, p.13), afirma que “um bom arquivista hoje tem que dar conta da complexa especificidade da Arquivologia, mas exercitar seu ofício tendo também conhecimento de outros saberes afins”.

Além disso, Ramos (2011, p.25) afirma que “antes de tudo, o arquivista tem de investir em seu talento, qualificando-se e buscando seu aprimoramento contínuo, a fim de que possa acompanhar a evolução dos princípios teóricos e dos processos tecnológicos aplicados em sua área, que, na atualidade, mudam constantemente”.

Já para Bellotto (2004, p. 306), “outro não é o papel do arquivista na sociedade contemporânea senão o de colaborar estreitamente para que os fluxos informacionais na sua área de ação possam se dar de forma plena e o mais satisfatória possível, dentro dessa sociedade, toda ela beneficiária de seus arquivos e dos arquivistas”.

2.5 O mercado de trabalho para o arquivista

Oliveira (2010, p.2) aponta que “a valorização da informação, como recurso que define a competitividade entre as pessoas, organizações e demais atividades que coexistem no mercado de trabalho, tornou crescente a demanda no mercado por profissionais da informação”.

Para Souza (2011, p.20):

os sinais mais claros do ingresso do arquivista no mercado de trabalho no Brasil são percebidos, inicialmente, nos anos 90 mas com mais intensidade a partir da década seguinte, com a publicação de diversos concursos públicos, algo que se tornou mais frequente nestes últimos anos graças à iniciativa dos governos brasileiros.

Por outro lado, Cardoso e Valentim (2008, p.2) apontam que “existem nichos tradicionais e emergentes de mercado de trabalho para o arquivista, nos tradicionais temos um campo de trabalho mais consolidado e os emergentes surgem das tendências e necessidades informacionais de determinadas organizações”. Os autores enfatizam ainda que com a abertura de novos nichos de mercado para o profissional arquivista como os ambientes empresariais, verifica-se um novo paradigma de atuação profissional.

A ideia de Andrade (2009) corrobora com essa questão quando afirma que “embora ainda mais solicitado em órgãos públicos, o arquivista vem ganhando espaço na iniciativa privada”.

Roncaglio (2004, p.4) ao tratar desse assunto, afirma que:

O papel do arquivista nas empresas, no entanto, é fundamental. Cabe a este profissional planejar a organização do arquivo, considerando as qualidades inerentes aos documentos de arquivo, a importância da organicidade e do ciclo vital dos documentos. Ele deve distinguir tais documentos de outros conjuntos documentais acumulados por interesses particulares como, por exemplo, os jornais colecionados por um dirigente da empresa. Em seguida, deve-se distinguir as atividades de apoio (materiais, recursos humanos, financeiros, etc.), conhecidas como atividades-meio, das atividades-fim, que são aquelas que justificam a própria existência da empresa e a razão pela qual ela foi criada. Finalmente, um passo importante na organização de arquivos, é identificar no desenvolvimento de cada atividade institucional a série de documentos que se constitui, natural e inevitavelmente. Manter a ordem original dos documentos ou restabelecê-la quando for perdida é outra tarefa do arquivista.

Pedrazzi (2011, p.4) ao retratar a atuação do arquivista afirma que “não apenas os conjuntos documentais produzidos e recebidos por órgãos públicos e privados constituem-se

arquivos passíveis de receber tratamento do arquivista, como também aqueles referentes à pessoa física”.

Já, para Bahia e Seitz (2009) o mercado de trabalho solicitará do profissional arquivista diversas competências, inclusive de outras áreas. E apontam que “espera-se do arquivista, além das competências e habilidades técnicas tradicionais da área, competências empreendedoras para sobreviver ao mercado mutante, globalizado, competitivo que requer profissionais atualizados, éticos e dinâmicos” (BAHIA, SEITZ, 2009, p.479).

Vedoin (2010, p.28) acredita que o mercado de trabalho para o arquivista:

assim como na realidade das demais profissões, não é mais o mesmo de anos atrás. A contemporaneidade remete a um profissional atento ao cenário de mudanças, advindas principalmente de inovações em tecnologias e de modernas técnicas e práticas em gestão e administração, exigindo-se assim um profissional em contínua atualização, capacitação e aperfeiçoamento.

Para Duarte (2006) são múltiplas as possibilidades de atuação do bacharel em Arquivologia no mercado de trabalho, o qual pode atuar em instituições arquivísticas, em setores de documentação ou informação, em centros culturais, serviços ou redes de informação, em órgãos de gestão do patrimônio cultural ou noutros responsáveis pela salvaguarda de acervos documentais.

Já Souza (2011, p.112) em uma definição mais recente sobre o mercado laboral dos profissionais que atuam nos arquivos gerindo as informações afirma que:

Os espaços de trabalho dos profissionais arquivistas são as empresas públicas e privadas, as instituições arquivísticas públicas e privadas, os centros de documentação e informação, as universidades e os centros de pesquisa, as filmotecas e os museus, junto com os bancos de dados e serviços de consultoria arquivística. Além disso, também se inserem as clínicas médicas e os hospitais, as instituições culturais e financeiras, as sociedades e cooperativas, os centros de ensino, os arquivos particulares e as consultorias, além dos órgãos dos poderes legislativo, executivo e judiciário, entre outros. De fato, qualquer instituição produtora de informação é um espaço de trabalho potencial para os arquivistas.

Lopez (2008, p.6) ao tratar sobre o campo de atuação do arquivista afirma que este tem:

um vasto campo de trabalho formado por empresas, instituições e organizações das mais diferentes categorias. Neste universo, todas as organizações que mantêm algum tipo de registro formal com o estado brasileiro possuem material arquivístico, vital para poderem exercer suas atividades e, muitas vezes, exigido por órgãos fiscalizadores para a comprovação de direitos e para o respeito à legalidade jurídica.

O autor complementa afirmando que:

(...) todas elas, para terem existência oficial, realizam atividades típicas de arquivo, ao gerenciar e custodiar, com finalidade de prova, os documentos que informam sobre a própria existência e sobre as atividades realizadas. As organizações que, hoje, buscam o auxílio de um profissional de arquivos (alguns órgãos públicos e algumas grandes empresas) representam apenas uma parcela ínfima da totalidade. Porém, de um modo ou de outro, existem pessoas que se dedicam profissionalmente à gestão de tais documentos na maioria dessas organizações, sem serem reconhecidos formalmente como arquivistas (LOPEZ, 2008, p.6).

Para o autor, nas empresas e organizações podem ser identificados quatro níveis de qualificação para as pessoas que fazem a gestão documental:

- Nenhuma qualificação - a gestão é executada intuitivamente pela pessoa que lida cotidianamente com os documentos, ou por alguém designado para essa atividade (por exemplo, uma secretária). A gestão limita-se aos aspectos legais mínimos, podendo haver a intervenção de profissionais da contabilidade e/ou do direito. Esse cenário, provavelmente, é hegemônico.
- Qualificação mínima - tem um caráter autodidata, no qual a pessoa designada para a gestão dos documentos busca aprimorar seus conhecimentos arquivísticos através de consulta a livros, sítios da *internet*, etc.
- Profissional semi-capacitado - há a busca de aprimoramento funcional, com o investimento na participação do pessoal designado para a gestão documental em eventos de formação paralela – tais como mini-cursos, *workshops*, palestras etc. -, com vistas à melhor capacitação e formação. Ainda pode haver contratação de profissionais que atendam parcialmente aos requisitos da área, porém sem embasamento teórico arquivístico, como, por exemplo: bibliotecários, empresas de gestão eletrônica de documentos, de memória institucional, de gestão da informação. Nas organizações que buscam a qualificação para a gestão documental, esse é provavelmente o cenário mais recorrente.
- Profissional capacitado - há uma pessoa (ou um setor em organizações maiores) com formação qualificada que pode ter sido obtida através de curso de especialização, somado aos eventos de formação paralela e/ou graduação em Arquivologia. Nos órgãos públicos localizados em regiões nas quais há grande ocorrência do graduado em Arquivologia – como Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília, por exemplo – os cargos são preenchidos por profissionais portadores de diploma específico. Nos locais onde a oferta não é abundante, a gestão arquivística nos órgãos públicos continua a ser

feita por profissionais sem diploma de Arquivologia, contratados formalmente para outras funções.

Andrade (2009) ao tratar da importância dos arquivos nas organizações, diz que “nenhuma empresa existe sem arquivo; mesmo que não saiba disso”. A mesma ideia é defendida por Lopez (2008, p.5) quando afirma que “os arquivos, por se configurarem como um produto natural de atividades administrativas estão presentes em todas as esferas da sociedade e, de um modo ou de outro, existem pessoas executando a atividade de gestão documental arquivística”. No entanto, como apontado por Oliveira (2010, p.2) “os graduados em Arquivologia constataam a predominância da atuação de profissionais de outras áreas, em especial de Administração e de Informática nos cargos de gerenciamento de informações”.

Mas, Oliveira (2010, p.5) é enfática ao afirmar que “tanto as atividades gerenciais como as atividades técnico-operacionais são demandadas aos arquivistas”. Além disso, como afirma Duarte (2006, p.5) “ainda não se reconhece como deveria a imprescindível presença desse profissional no desenvolvimento administrativo, sociopolítico e econômico das instituições e, sobretudo, da máquina administrativa do Estado”.

Lopez (2008, p.5) aponta que “é baixíssima a quantidade de graduados colocados no mercado, em relação ao tamanho do país e em relação às demandas do mercado por esse tipo de profissional”. O autor complementa dizendo que “com a extrema burocratização da vida pública e privada, cada vez mais as atividades rotineiras demandam provas de sua consecução, produzindo os mais diferentes documentos, contínua e progressivamente, o que faz com que a demanda por profissionais qualificados cresça a cada dia”.

Jardim (2006) afirma que há muitos espaços a serem ocupados pelo profissional arquivista no mercado de trabalho. E ainda afirma que “a maior inserção do arquivista e a sua maior visualização no mercado de trabalho, é um processo que tende a se desenvolver.

Souza (2010, p.24) aponta novos desafios e novas direções profissionais para os arquivistas, “já que a práxis arquivística tem extrapolado os limites da Lei nº 6.546, de 1978, que regulamenta a profissão. Desta maneira, o arquivista vem criando novos espaços de trabalho conforme verificado pela ampliação das ofertas apresentadas no mercado”.

A autora ainda afirma que “as atividades do arquivista são essenciais para toda organização e no mundo laboral espera-se que o profissional obtenha o mesmo reconhecimento, ou seja, um profissional indispensável” (SOUZA, 2010, p.24).

Stahl (2008) afirma que visualiza-se um mercado de trabalho amplo para o arquivista, o qual continua em expansão devido ao fato de que cada vez mais as empresas produzem documentos, que testemunham sua criação, evolução, desenvolvimento, e precisam de

profissionais arquivistas para organizar os arquivos de modo a facilitar a busca pelas informações.

Souza (2011, p.22) acredita que ultimamente “têm-se ampliado as oportunidades no mercado de trabalho para este profissional, e o reconhecimento de suas atribuições começa a mostrar um avanço significativo, principalmente na última década”.

Mas, a autora lembra que a ausência de estudos sobre o mercado de trabalho faz com que a universidade desconheça onde estão atuando os graduados e que “o mercado laboral obterá crescimento na medida em que se criarem novos cursos nos quais se requeiram a prática de uma maior sintonia entre os espaços de formação, os coletivos profissionais e os arquivistas” (SOUZA, 2011, p.228).

2.6 O arquivista frente às novas Tecnologias da Informação e Comunicação

Ramos (2008, p.24) aponta que as profissões nunca sofreram mudanças tão drásticas, como as provocadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). “Algumas profissões, no entanto, sofreram muito mais este impacto, tais como os arquivistas e bibliotecários, cujo fazer esteve sempre ligado ao processamento da informação e à difusão do conhecimento”.

Atualmente o arquivista, além de ter o domínio das funções e atividades que regem a sua profissão, deve estar atento às novas tecnologias voltadas aos arquivos, pois como aponta Bellotto (2004, p.299), “o arquivista hoje não pode esquecer que vive e atua profissionalmente na chamada era da informação, na qual as Tecnologias da Informação e Comunicação têm presença marcante”.

O pensamento de Souza (2011, p.76) relaciona-se com o da autora, quando afirma que “se anteriormente o perfil exigido era eminentemente técnico, inclusive com a primazia de uma função de guardador da informação, atualmente os arquivistas [...] devem ter um perfil com competência para as tecnologias da informação a atuar, fundamentalmente, como disseminadores das informações”.

Erthal (2005, p.14) ao pronunciar-se sobre o assunto, diz que “as novas tecnologias têm brindado a possibilidade de automatizar muitos processos com inúmeras vantagens: a gestão administrativa, o armazenamento e substituição de suportes, as transferências, o controle sobre o descarte, a descrição, a difusão”. A autora ainda complementa afirmando que

este novo mundo de possibilidades exige do profissional arquivista a aproximação com essa nova e presente realidade da informática.

Para Bellotto (2004) o crescimento do uso das tecnologias é responsável pelas mudanças nas necessidades informacionais da sociedade. E acrescenta dizendo que “o arquivista só poderá cumprir a contento suas tarefas se compreender esse quadro atual de sua profissão, profundamente marcado pela informática” (BELLOTTO, 2004, p.305).

Krause (2005, p.3) ao mencionar a rápida transformação tecnológica diz que:

Mesmo com todas as permanentes e cada vez mais aceleradas inovações, o computador não substitui o homem na tomada de decisões. Cabe ao arquivista desenvolver-se constantemente para cumprir o papel de promover da forma mais otimizada e precisa possível as ações estratégicas de gerenciamento de informação e definições de planos de ação por parte das organizações.

Para Erthal (2005, p.13), “o impacto das novas Tecnologias da Informação sobre as práticas arquivísticas não podem ser ignoradas e deixar de ser discutidas, uma vez que é preciso entender que elas chegaram para ocupar um lugar permanente no desenvolvimento dos trabalhos arquivísticos”.

Ao tratar da inserção de novas tecnologias no trabalho do arquivista, Krause (2005, p.5) afirma que:

As novas tecnologias transformaram as formas tradicionais de gerenciamento da informação colocando o arquivista diante de um novo contexto onde a tecnologia é a principal ferramenta para o arquivamento, preservação e distribuição da informação. O arquivista tem à sua frente o desafio de conhecer e adaptar-se aos novos suportes e formas de gestão da informação criados pela evolução tecnológica. Novas habilidades foram inseridas ao currículo do arquivista colocando-o como um profissional que deve reconhecer a informática como ponte para seu sucesso, como gestor e mediador da informação.

Krause (2005, p.6) complementa dizendo que “o arquivista, enquanto cientista da informação, tem um papel de suma importância a desempenhar no âmbito da construção e gerenciamento de sistemas de informações”. Pois, para a autora é dele que deve partir a atividade humana do processo, cabendo a ele identificar necessidades, particularidades, objetivos e aplicações que sejam viáveis aos usuários e também a mediação da informação é sua função.

A ideia de Bellotto (2004, p. 305) assemelha-se a da autora, quando diz que “deve haver a colaboração dos arquivistas nos processos de elaboração de *software*, para que não se

percam os vínculos da informação arquivística com os princípios da proveniência e da organicidade, levando-se em conta, ainda, a padronização internacional de procedimentos”.

Ainda em sua exposição, a autora alerta dizendo que “os especialistas chamam a atenção dos arquivistas para o fato de que todo o processamento que se dê a informação arquivística não pode se afastar dos princípios teóricos básicos da arquivística” (BELLOTTO, 2004, p.300).

Stahl (2008) afirma que com a mudança do contexto social e tecnológico muda também o contexto de atuação do arquivista, “o qual pode dispor de ferramentas das tecnologias da informação para auxiliar o trabalho arquivístico, porém, não extingue ou substitui a necessidade do profissional arquivista que está capacitado para desempenhar as atividades relacionadas à gestão documental/informacional”.

Krause (2005, p.4), afirma que “em países como o Brasil, no qual as tecnologias não estão disponíveis em todos os setores sociais e institucionais, o papel é ainda o melhor e o mais utilizado suporte de informação”. A autora salienta que é muito importante o profissional da informação dominar as técnicas arquivísticas e saber aplicá-las em conjunto com as novas tecnologias, agregando valor ao fazer tecnológico.

Nesse contexto, Barreto (2006, p.1) acredita que “a mudança de mídia a ser preservada, sejam arquivos em papel ou arquivos digitais, necessitam do trabalho do profissional de arquivo”.

Já para Jardim (2006, p.19) “o imperativo tecnológico resultante dos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação tem influenciado diretamente os modos de produção, armazenagem e uso social da informação arquivística”. Para ele [...] outra influência da Arquivologia no meio tecnológico está no gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos e na preservação desses documentos eletrônicos. Funções que são esperadas do arquivista.

Dessa forma, como apontado por Andrade (2006, p.158) “espera-se do arquivista competência suficiente para exercer as atividades que a ocupação demanda, o que exige habilidades para lidar com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Elas já fazem parte dos seus instrumentos de trabalho e serão cada vez mais comuns, caminhando celeremente para a obrigatoriedade de uso”.

Souza (2011, p. 53) chama atenção para os avanços tecnológicos que “refletem-se nas tarefas e serviços dos arquivos e os arquivistas devem manter uma atualização contínua a fim de seguir sendo profissionais reconhecidos e respeitados na sociedade”.

2.7 Regulamentação profissional

Pedrazzi (2011, p.3) relata que “com a criação de cursos superiores de graduação, a partir de 1977, tornou-se imperativa a regulamentação da profissão de arquivista”. Em julho de 1978 foi publicada a Lei nº 6.546 que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências.

O exercício da profissão de arquivista só é permitido, segundo a Lei nº 6.546, de 04 de julho de 1978 e o Decreto nº 82.590, de 06 de novembro de 1978, que regulamentam a profissão, aos diplomados por Curso Superior em Arquivologia, ou aqueles que na época de publicação da Lei comprovaram pelo menos, cinco anos ininterruptos de atividade ou dez intercalados, sendo estes provisionados com o registro de arquivista. Souza (2011, p.51) explica que “somente nestes dois casos reconhece-se a dita lei ao profissional arquivista no Brasil, de maneira que a legislação cria um obstáculo ao impedir o exercício ao profissional sem formação”.

Ainda, de acordo com a lei, para exercerem a profissão, estes profissionais devem estar registrados na Delegacia Regional do Trabalho (DRT) do Ministério do Trabalho.

Dessa forma, em nosso país, “habilitam-se para exercer a profissão de arquivista nos arquivos, profissionais que cursaram a graduação em Arquivologia, ao amparo legal da Lei nº. 6.546, de 4 de julho de 1978” (SOUZA, 2011, p.20).

O artigo 2º da Lei nº 6.546, de 04 de julho de 1978, que regulamenta a profissão, atribui ao arquivista:

1. Planejamento, organização e direção de serviços de arquivo;
2. Planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;
3. Planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;
4. Planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;
5. Planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;
6. Orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;
7. Orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;
8. Orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;
9. Promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;
10. Elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;

11. Assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
12. Desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes.

Para Souza (2011, p.74) “as atribuições previstas na legislação propõem a aplicação de metodologia para a gerência dos arquivos, ou para a orientação das atividades operacionais, sobretudo o tratamento técnico a ser aplicado aos documentos”.

A autora ainda lembra que “a regulamentação da profissão ocorreu há 33 anos e percebe-se que carece de uma revisão de suas atribuições. A formação acompanha, praticamente, a mesma existência temporal e revela-se com um quantitativo insuficiente para responder às demandas do mercado” (SOUZA, 2011, p.13).

2.8 Associativismo profissional dos arquivistas

Ao tratar sobre as associações profissionais e definir os seus objetivos, Link (2009, p.17) afirma que:

As associações são sociedades de cunho científico, criadas com o objetivo de auxiliar os profissionais e estudantes com atividades que agreguem valor aos seus currículos, como cursos, palestras, congressos, jornadas, encontros, simpósios e demais eventos científicos. Elas devem cuidar de reciclar os conhecimentos técnico-científicos, tendo como objetivo atualizá-los diante de uma sociedade que exige cada vez mais qualidade, especialização, excelência e competência.

Já, para Souza (2011, p.134) “os objetivos principais das associações profissionais existentes no Brasil consistem em congregar os profissionais e lutar por seus direitos”. Afirma ainda que as associações de arquivistas têm como objetivo máximo atuar na defesa da categoria, além de:

organizar cursos e outros eventos no intuito de melhorar a categoria, as associações oferecem alguns benefícios que atendem a todos os associados. Por exemplo, convênios com clínicas odontológicas, cursos de idiomas, livrarias, venda de livros de publicação nacional e internacional e descontos em instituições que oferecem cursos específicos da área (SOUZA, 2011, p.134).

Souza (2011) afirma que no Brasil, a responsabilidade de fiscalização do exercício profissional é de responsabilidade dos Conselhos Profissionais e, que “na ausência de um

conselho profissional, as associações profissionais desempenham o papel de representantes da categoria, ainda com pouco eco” (SOUZA, 2011, p.13).

A autora aponta ainda que:

No que se refere aos arquivistas, até hoje não foi constituído um Conselho que possa exercer a função de órgão fiscalizador do exercício da profissão. Não obstante, foram apresentadas ao Governo Federal três propostas de criação de um conselho próprio (surgidas como iniciativas isoladas das associações profissionais nos anos 1997, 2000 e 2004), mas todas foram arquivadas (SOUZA, 2011, p.134).

Esposel (2008) explica que o projeto de regulamentação da profissão de arquivista previa a criação de um Conselho Federal, porém durante o trâmite do projeto de lei, acabou ocorrendo uma modificação, sendo então exigido dos arquivistas, técnicos de arquivo e provisionados o registro no Ministério do trabalho.

Com a ausência de um conselho profissional para arquivistas, e como apontado por Souza (2011, p.134) “as associações não só exercem seu papel de representar a categoria profissional mas, também, colaboram com as instâncias governamentais em prol dos direitos dos arquivistas e de reconhecimento de seu papel na sociedade”.

Em evento recente ocorrido em Brasília – DF, a Plenária da I Conferência Nacional de Arquivos (I CNARQ) em suas moções, apoiou a criação do Conselho Federal de Arquivologia.

O marco de criação do movimento associativo de arquivistas no Brasil é a década de 1970, época em que surgiu a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), antes mesmo da criação dos cursos de graduação em Arquivologia e da regulamentação da profissão pela Lei nº 6.546 de 04 de julho de 1978.

Neste sentido, situação semelhante ocorreu em Brasília onde também “surgiu um núcleo da AAB, antes da criação do curso em 1991. Outro exemplo apresenta-se em São Paulo, com a Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), onde não existe curso de graduação em Arquivologia” (SOUZA, 2011, p.116).

Souza (2011) aponta que a AAB, órgão pioneiro dos arquivistas, surgiu no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1971, sendo a associação profissional mais antiga do Brasil.

Ao apontar grandes momentos da Associação dos Arquivistas Brasileiros, Souza (2011, p.131) destaca que “com o esforço e dedicação dos primeiros diretores da AAB, pode-se contar com um currículo mínimo para os cursos de graduação. Além disso, a AAB teve uma atuação determinante no momento de sua fundação, sobretudo na regulamentação da profissão”.

A AAB funcionou com os núcleos regionais até 1998, quando optou por extingui-los, o que possibilitou o surgimento de novas associações.

Dessa forma, como aponta Souza (2011, p.132):

[...] foram criadas novas associações profissionais: Associação Brasileira de Arquivologia, Abarq, Associação dos Arquivistas de São Paulo, ARQ-SP e Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul, AARGS. Depois foram criadas as demais Associações. Atualmente existem nove associações profissionais distribuídas por todo o país: São Paulo, Brasília, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo, Paraná e a última criada em Goiânia, Goiás. Somente o Rio de Janeiro conta com duas associações profissionais.

A autora indica ainda que dos 16 cursos de graduação em Arquivologia ministrados no Brasil, nos estados onde se estabeleceram os últimos, ou seja, Paraíba, Amazonas, Minas Gerais, Santa Catarina e Pará, ainda não existem associações profissionais.

O Rio Grande do Sul, desde 1999, conta com a Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul (AARS) que “tem como prioridades atuar no desenvolvimento de ações para a promoção da Arquivologia e dos profissionais arquivistas” (LINK, 2009, p.19). Além de atuar na defesa do profissional arquivista, bem como promover eventos que agreguem valor ao desenvolvimento profissional de seus associados. Quando surgiu em 22 de janeiro de 1999, a AARS contava com 32 associados, “e atualmente conta já com mais de 200” (SOUZA, 2011, p.138).

Em sua pesquisa sobre o mercado de trabalho dos arquivistas sócios da AARS, Link (2009, p. 19) indica que fazem parte do quadro de associados da AARS “estudantes de Arquivologia, graduados em Arquivologia e demais sócios que se identificam com a área de Arquivologia e Documentação”.

3 A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA NA UFSM

Rossato (2005, p.1) aponta que a “Universidade Federal de Santa Maria, criada em 1960, abriga em sua estrutura, desde 1976, o primeiro Curso de Arquivologia em uma Universidade Federal do Brasil”. Segundo o autor o Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria “foi projetado no sentido de atender a demanda regional de profissionais arquivistas” (ROSSATO, 2005, p.1).

A Universidade Federal de Santa Maria, pioneira na interiorização do ensino superior público no país, originou-se da então Universidade de Santa Maria, idealizada e fundada pelo Professor José Mariano da Rocha Filho, através da Lei nº 3834-C de 14 de dezembro de 1960. Na Universidade de Santa Maria já funcionavam outras faculdades como a Faculdade de Farmácia de Santa Maria, existente desde 1931.

Cinco anos após sua criação, a Universidade de Santa Maria foi federalizada em 20 de agosto de 1965 pela Lei nº 4759/65, passando então a denominar-se Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Pedrazzi e Silva (2006, p.4) relatam que em 1970 a UFSM passou por uma reestruturação “visando racionalidade administrativa e acadêmica. Assim foram criadas oito unidades de ensino, formados por cursos e departamentos, novos órgãos foram instituídos e outros transformados”.

Em 10 de agosto de 1976 é criado o Curso de Arquivologia através do Parecer nº 179/76 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UFSM, sendo reconhecido pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da Portaria nº 076/81/MEC, em 1981.

Março de 1977 é a data que marca a instalação do Curso de Graduação em Arquivologia na UFSM, o qual integrava o Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas (CCJEA), que “passou a denominar-se Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) em 1978, no contexto da organização vigente em toda a instituição denominada estrutura departamentalizada” (CASTANHO, RICHTER, GARCIA, 2002, p.21).

O início das atividades do Curso fica registrado em 18 de abril de 1977, quando, em ato solene, José Pedro Pinto Esposel, arquivista e historiador, ministra a aula inaugural do Curso de Arquivologia da UFSM.

Como em sua criação o Curso de Arquivologia não dispunha de um departamento com professores lotados para proferir as disciplinas do Curso “professores de vários departamentos

da UFSM e professores convidados de outras instituições contribuíram para o funcionamento inicial do mesmo” (CASTANHO, RICHTER, GARCIA, 2002, p.30).

Em 1978, é criado o Departamento de Documentação com o objetivo de atender “especialmente ao Curso de Arquivologia com as atividades de seus docentes em disciplinas técnicas profissionalizantes” (PEDRAZZI, SILVA, 2006, p.4).

Além das disciplinas concentradas no Departamento de Documentação, outros departamentos complementam a oferta de disciplinas para o Curso de Arquivologia “como Administração, Ciências Contábeis, Direito, Comunicação e História” (CASTANHO, SILVA, 2011, p.297).

3.1 O arquivista formado pela UFSM

Para Castanho, Richter e Garcia (2002, p.33) arquivista é o:

Bacharel em Arquivologia cuja formação é generalista, pautada numa construção interdisciplinar com a História, Direito, Informática, Administração, Comunicação e Paleografia, com a finalidade de preparar um arquivista cidadão apto para estabelecer uma inter-relação atual com a sociedade onde está inserido. Este profissional vivencia no mundo novas perspectivas com relação à sua atuação, isto é, a ele é imposto o desafio frente aos novos paradigmas das tecnologias aplicadas aos arquivos.

No início de suas atividades o Curso de Arquivologia da UFSM “oferecia 25 vagas anuais e quatro habilitações: Arquivos Empresariais, Arquivos Escolares, Arquivos Históricos e Arquivos Médicos” (CASTANHO, RICHTER, GARCIA, 2002, p.27).

Hoje, como apontado por Castanho e Silva (2011, p.283) o Curso de Graduação em Arquivologia da UFSM “é um bacharelado, diurno, com ingresso único no primeiro semestre de cada ano letivo, tendo a oferta de 30 vagas anuais mediante concurso vestibular ou processo de transferência ou reingresso”.

Segundo as autoras, “até o momento o curso de graduação em arquivologia formou aproximadamente 600 profissionais, que hoje atuam no mercado em diferentes instituições, cumprindo um relevante papel no contexto arquivístico nacional” (CASTANHO, SILVA, 2011, p. 287).

Ao traçar o objetivo do Curso de Arquivologia da UFSM, Castanho, Richter e Garcia (2002, p.33) afirmam que o mesmo “destina-se a formar profissionais da informação, capazes

de implementar sistemas de gestão da informação arquivística no universo de atuação que a lei e a praxe lhe concedem”. E complementam afirmando que os arquivistas “devem estar aptos para, além de exercer atividades técnicas e científicas, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que o envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta” (CASTANHO, RICHTER, GARCIA, 2002, p. 33).

Para a realização das aulas práticas o Curso de Arquivologia da UFSM conta com a estrutura física de laboratórios que dão suporte ao desenvolvimento do ensino de graduação: “Laboratório de Tecnologia da Informação, Laboratório de Reprografia, Laboratório de Restauração de Documentos, Laboratório de Fotografia, Laboratório de Arranjo, Descrição e Memória, Laboratório de Documentos Digitais” (CASTANHO, SILVA, 2011, p. 292).

O egresso em Arquivologia pela UFSM pode dar continuidade à sua formação profissional em programas de pós-graduação voltados aos arquivos na própria instituição. Pois, como aponta Souza (2011, p.120) “a formação não se esgota no nível da graduação [...] a formação é um processo contínuo, principalmente no caso dos arquivistas que acompanham as atualizações em seus processos de trabalho”.

Nesse sentido, Ciscato (2011), explica que nos anos de 2000 houve uma nova aplicação em cursos de pós-graduação, surgindo, por exemplo, o Curso de Especialização a Distância em Gestão em Arquivos, o primeiro nesta modalidade no Brasil, vinculado à UFSM e a Universidade Aberta do Brasil.

Castanho e Silva (2011) enfatizam que o curso de Gestão em Arquivos contempla os interesses dos alunos egressos da graduação em Arquivologia e áreas afins. As autoras, ao tratarem sobre a importância do referido curso de pós-graduação na contínua qualificação dos egressos em Arquivologia, inferem que:

Dessa forma, o eixo balizador do curso consiste na atualização de teorias e práticas, ampliando o conhecimento na área, incorporando novos conceitos, redimensionando o vocabulário e o contato com diferentes recursos tecnológicos, permitindo aos discentes o desenvolvimento de competências e mudança de atitude. Além disso, é oportunizada uma vivência inovadora que transcende os respectivos espaços de atuação profissional (CASTANHO, SILVA, 2011, p.295).

O discente do curso de pós-graduação em Gestão em Arquivos pode desenvolver sua pesquisa na linha de “políticas públicas e gestão da informação arquivística, arquivologia e educação, gestão eletrônica de documentos arquivísticos e formação/atuação profissional” (CASTANHO, SILVA, 2011, p. 295).

O arquivista formado pela UFSM tem ainda a opção, desde 2008, de cursar na mesma Instituição o Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural – PPGPPC, no nível de mestrado na linha de pesquisa em Patrimônio Documental, sendo pré-requisito para participação no programa, a graduação.

3.2 Diretrizes curriculares do Curso de Arquivologia da UFSM

Ao retratar sobre o primeiro currículo do Curso de Arquivologia da UFSM, Rossato (2005) relata que o currículo mínimo foi criado pela Resolução nº 28/74 do Conselho Federal de Educação, sendo que a primeira grade curricular dava ênfase ao binômio Administração e História, e por necessidade de adaptação ao mercado de trabalho local e regional em 1980 ocorreu a primeira reformulação do currículo, que se voltou mais especificamente para a administração de arquivos correntes e a gestão de documentos empresariais.

Ainda segundo o autor:

Uma segunda reestruturação foi iniciada em 1984, quando o curso ainda estava em processo de ajustamento às novas tecnologias, principalmente com o surgimento da informática e suas conseqüências no gerenciamento das informações nas organizações. Esta nova proposta foi aprovada e entrou em vigor em 1994, perdurando até 2004, quando houve uma terceira reformulação curricular do curso, agora adequando-se às diretrizes curriculares propostas e aprovadas por lei federal. (ROSSATO, 2005, p.2).

Castanho e Silva (2011) explicam que a reforma curricular ocorrida em 2004 visou elaborar um novo projeto político pedagógico para o Curso de Arquivologia da UFSM, em vigor até os dias atuais.

As autoras afirmam que a revisão dos conteúdos curriculares nesta reforma teve como objetivos:

Propor disciplinas com conteúdos elencados para a formação de um profissional humano, crítico, em condições de interagir na sociedade, de modo a preencher a lacuna existente entre a construção do conhecimento e sua difusão; formar um profissional ciente da responsabilidade do gerenciamento da informação arquivística e de seu papel frente à democratização da informação (CASTANHO, SILVA, 2011, p. 287).

Costa (2008, p.40) ao tratar sobre as diretrizes curriculares para formação dos arquivistas afirma que o modelo estabelecido nos anos 1970, “e aparentemente defasado do

ponto de vista social, científico e pedagógico, ainda é, característica marcante nos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil”.

E complementa afirmando que:

Discute-se há algum tempo a necessidade de revisão do currículo desses cursos, diante do desafio representado pelo grande volume informacional produzido pela sociedade contemporânea, o que exige novas formas no tratamento, recuperação, acesso e difusão das informações, com rapidez e precisão. Essas questões interferem diretamente, tanto na formação teórica quanto prática dos discentes de cursos de graduação em Arquivologia e para o exercício profissional de profissionais de arquivo (COSTA, 2008, p.40).

Pensando nisso, o Curso de Arquivologia da UFSM visando à melhor qualificação dos novos arquivistas e oferecer uma formação com mais qualidade “atualmente tem, em seu Colegiado de Curso, uma Comissão de Organização do Processo de Revisão Curricular, instituída em junho de 2010 para que faça ajustes no currículo em vigor” (CISCATO, 2011, p.51).

Nesse sentido, Costa (2008, p.44) ressalta que “as necessidades apontadas pelo mundo do trabalho podem direcionar as novas formas de pensar a formação do profissional arquivista, seja para modificar currículos, para incluir na rotina do curso a proximidade entre a teoria e prática ou propiciar diálogos entre o mundo do trabalho e a Academia”.

Souza (2011) também acredita que para a criação de novos currículos ou reformulação dos já existentes, deve haver um diálogo entre os agentes de formação e os espaços de trabalho.

Ao longo de sua história, o Curso de Arquivologia da UFSM “teve cinco currículos vigentes (1977, 1979, 1981, 1994 e 2004)” (CISCATO, 2011, p.51). As reformulações curriculares ocorreram considerando as novas realidades que circundam o fazer profissional do arquivista “visando a adequação na formação profissional às expectativas institucionais e empresariais” (CASTANHO, RICHTER, GARCIA, 2002, p.30).

O currículo que ficou em vigor por dez anos (currículo de 1994), como apontado por Castanho, Richter e Garcia (2002), previa a formação do arquivista num total de 2160 horas em disciplinas obrigatórias e 225 horas em atividades complementares de graduação.

Hoje, o Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia da UFSM prevê a formação do arquivista em um total de 2.070 horas distribuídas em 31 disciplinas obrigatórias que devem ser vencidas em sete semestres, ou no prazo mínimo de seis semestres e no máximo em dez semestres.

Castanho e Silva (2011, p.287) apontam que o estudante de Arquivologia da UFSM “deve cumprir 1.845 horas-aula em disciplinas obrigatórias e 225 horas em estágio supervisionado, sendo a parte fixa da matriz curricular; e 480 horas-aula a serem integralizadas na parte flexível do currículo, em disciplinas complementares de graduação (DCGs) e atividades complementares de graduação (ACGs)”.

Elesbão (2011) explica que das 480 horas que compõem a parte flexível do currículo no mínimo 300 horas devem ser dispensadas às Disciplinas Complementares de Graduação (DCGs) e 180 horas em Atividades Complementares de Graduação (ACGs), perfazendo um total de 2.550 horas.

Castanho, Richter e Garcia (2002, p. 39) afirmam que as atividades complementares de graduação “podem ser registradas através de atividades extracurriculares, tais como: participação em eventos, atuação em núcleos temáticos, atividades de extensão, estágios extracurriculares, atividades de iniciação científica e de pesquisa, publicação de trabalhos, participação em órgãos colegiados e monitoria”.

Atualmente o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com carga horária de 120 horas, bem como o Estágio Supervisionado, que contempla 225 horas, são desenvolvidos no último semestre do Curso.

O Quadro a seguir apresenta o Currículo do Curso de Arquivologia da UFSM de 1994, o qual formou os arquivistas, alvo de investigação desta pesquisa.

Sequência aconselhada – Matriz Curricular do Curso de Arquivologia da UFSM de 1994		
Semestre	Carga horária (hs)	Disciplina
1°	60	Introdução à ciência da Administração I
1°	30	Educação Física
1°	30	Ética e Legislação Arquivística
1°	60	Introdução ao Estudo da Arquivologia
1°	60	Instituições de Direito Público e Privado A
1°	60	Introdução ao Estudo da História
1°	60	Inglês Instrumental I
2°	30	Educação Física
2°	60	Introdução à Comunicação
2°	60	Documentação
2°	90	Produção Documental
2°	60	Notariado
2°	60	Inglês Instrumental II
3°	60	Organização e Métodos I
3°	45	Noções de Contabilidade
3°	60	Avaliação de Documentos
3°	60	Prática em Produção Documental I

3°	60	História Social do Brasil
3°	60	Estatística B
4°	75	Arquivos Especializados
4°	75	Arranjo e Descrição de Documentos
4°	60	Automação em Arquivos
4°	60	Organização em Arquivos
4°	75	Prática em Produção Documental II
5°	90	Conservação de Documentos
5°	60	Paleografia
5°	75	Prática em Arranjo e Descrição de Documentos
5°	45	Referência e Difusão em Arquivos
5°	60	Reprografia I
6°	30	Diplomática
6°	60	Noções de Biblioteconomia e Museologia
6°	90	Projeto de Arquivo
6°	60	Reprografia II
7°	225	Estágio Supervisionado em Arquivologia

QUADRO 1 – Currículo do Curso de Arquivologia da UFSM de 1994²

A seguir é apresentado no Quadro 2, o currículo do Curso de Arquivologia da UFSM em vigor nos dias atuais.

Sequência aconselhada – Matriz Curricular do Curso de Arquivologia da UFSM de 2004		
Semestre	Carga horária (hs)	Disciplina
1°	60	Introdução à ciência da Administração I
1°	60	Informação e linguagens documentárias
1°	60	Introdução ao estudo da Arquivologia
1°	60	Direito administrativo
1°	60	Introdução ao estudo da História
2°	60	Introdução à Comunicação
2°	30	Noções de Contabilidade
2°	90	Fundamentos da Arquivística
2°	60	História social do Brasil
3°	60	Arquivística aplicada
3°	60	Avaliação de documentos
3°	60	Bancos de dados aplicados à Arquivística
3°	60	Gerência de arquivos I
3°	60	Estatística para Arquivologia
4°	60	Arranjo e descrição de documentos I
4°	60	Conservação preventiva de arquivos
4°	60	Gerência de arquivos II
4°	60	Metodologia da pesquisa
4°	60	Processamento da informação digital
5°	60	Arranjo e descrição de documentos II

² Fonte: Projeto de Curso/Currículo – Curso de Arquivologia – Hab: Arquivista do Centro de Ciências Sociais e Humanas, ano de 1994.

5°	60	Paleografia
5°	30	Ética e legislação Arquivística
5°	60	Reprografia
5°	30	Restauração de documentos
5°	30	Seminário de pesquisa I
6°	45	Diplomática
6°	45	Referência e difusão em Arquivos
6°	165	Projeto de Arquivo
6°	60	Seminário de pesquisa II
7°	225	Estágio Supervisionado em Arquivologia
7°	120	Trabalho de Conclusão de Curso

QUADRO 2 – Currículo do Curso de Arquivologia da UFSM de 2004³

Abaixo são apresentados os dados inerentes à integralização curricular do Curso de Arquivologia da UFSM.

Dados Inerentes à integralização Curricular do Curso de Arquivologia da UFSM	
Carga horária em disciplinas obrigatórias	2.070 horas
Carga horária mínima em disciplinas complementares de graduação (DCGs)	300 horas
Carga horária mínima em atividades complementares de graduação (ACGs)	180 horas
Carga horária total mínima	2.550 horas
Número de disciplinas a serem cursadas (depende da oferta de DCGs)	VAR. Disc.
Prazo mínimo para integralização curricular	6 semestres
Tempo médio para integralização curricular	7 semestres
Prazo máximo para integralização curricular	10 semestres
Limite mínimo de carga horária por semestre	165 horas, conforme Guia do Estudante da UFSM
Limite máximo de carga horária por semestre	540 horas, conforme Guia do Estudante da UFSM

QUADRO 3 – Dados inerentes à integralização curricular do Curso de Arquivologia da UFSM⁴

³ Fonte: VEDOIN, Aline Medianeira Ramiro. **Tendência empreendedora: Perfil dos Alunos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria**. 2010. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

⁴ Fonte: CASTANHO, Denise Molon. SILVA, Rosani Beatriz Pivetta da. O Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). In: MARQUES, Angélica Alves da Cunha. RONCAGLIO, Cynthia. RODRIGUES, Georgete Medleg. **A formação e a pesquisa nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia/Angélica Alves da Cunha Marques, Cynthia Roncaglio e Georgete Medleg Rodrigues, organizadoras. – Brasília, DF: Thesaurus, 2011.

4 METODOLOGIA

A pesquisa classifica-se como uma pesquisa descritiva de abordagem quali/quantitativa, que utilizou técnicas padronizadas para a coleta de dados, como a entrevista e o questionário, visando o levantamento das informações para análise dos dados e resultados que foram obtidos com a investigação.

Com relação aos procedimentos metodológicos, inicialmente foi escolhido o tema a ser desenvolvido, bem como a população a ser investigada, no caso desta pesquisa a população em questão são os arquivistas egressos do Curso de Arquivologia da UFSM formados no ano de 2001.

Em seguida foram definidos os objetivos, bem como a delimitação do tema e a formulação dos problemas com os respectivos pressupostos que temporariamente buscavam responder a situação problemática, enquanto a investigação não fosse concluída.

Como a pesquisa pretendia abordar o perfil dos arquivistas, buscou-se inicialmente levantar material bibliográfico que abordasse esse tema, como profissional da informação, formação do arquivista no Brasil, o profissional arquivista e o arquivista formado pela UFSM. Assim foi possível formular o referencial teórico baseado em livros, artigos, *sites* e trabalhos já publicados sobre este assunto.

A coleta dos dados para identificar o perfil do profissional formado há dez anos pelo Curso de Arquivologia da UFSM deu-se por intermédio de uma entrevista estruturada (APÊNDICE A) com o último Coordenador do Curso, para levantar informações iniciais e conhecer o universo dos arquivistas formados no ano de 2001, bem como por meio de um questionário, elaborado no início de 2012 e aplicado ao universo da pesquisa, durante os meses de março e abril, no primeiro semestre de 2012.

O questionário elaborado foi submetido à correção da professora orientadora, que após sugestões e alterações, foi também submetido à apreciação de mais três professores do Departamento de Documentação do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM para validação. Após essa etapa o questionário (APÊNDICE B) foi disponibilizado para preenchimento aos egressos durante um mês, de 14 de março a 14 de abril de 2012.

O questionário aplicado para a coleta de dados compõem-se no total de 45 questões, dividido em seis blocos temáticos que contemplam as seguintes indagações: aspectos socioeconômicos, formação acadêmica e capacitação profissional, inserção no mercado de

trabalho e atuação profissional, relação com a instituição empregadora atual, relações interpessoais de trabalho e legalização e reconhecimento profissional.

O levantamento dos dados para investigação foi totalmente virtual, através da aplicação do questionário, via endereço eletrônico da população questionada. Os endereços eletrônicos foram obtidos por meio de contatos através das listas de discussões comuns à arquivística na *internet*, bem como pelos *sites* de relacionamento que congregam comunidades virtuais voltadas para o Curso de Arquivologia da UFSM (*Orkut, Facebook, Twitter*). Além da busca pelo universo pesquisado nos *sites* da *Web*, o contato com estes foi realizado ainda, por intermédio dos arquivistas que mantinham contato com os demais egressos do ano de 2001, bem como professores do Departamento de Documentação e representante da Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul – AARGS, que colaboraram para que alguns egressos fossem localizados por *e-mail*.

Dos 23 egressos que colaram grau em 2001, 22 receberam o questionário para levantamento dos dados, sendo que 15 questionários foram devolvidos, perfazendo um percentual de 68,18% questionários respondidos.

De posse dos questionários respondidos foi realizada a tabulação dos dados em tabelas, gráficos e quadros usando os *softwares Microsoft Office Excel e Word*, com o objetivo de melhor apresentar os resultados alcançados. A apresentação dos resultados foi realizada em blocos, respeitando as subdivisões das questões no instrumento de coleta dos dados.

Da mesma forma a análise e discussão qualitativa dos resultados também foi apresentada a partir das categorias que integram o questionário.

Após a análise e redação do relatório final, os resultados obtidos estão sendo apresentados à comunidade arquivística, em forma de monografia de especialização para cumprir o objetivo da pesquisa e aprofundar os conhecimentos sobre o tema.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa realizada teve como população os egressos do Curso de Arquivologia da UFSM do ano de 2001, ou seja, com pelo menos dez anos de formação. De acordo com informações da Coordenação do Curso, 23 alunos (100% da população) colaram grau nesse ano. No entanto foram localizados 22 arquivistas, que receberam o questionário para coleta de dados. Destes, 15 egressos devolveram o instrumento de coleta de dados preenchido, o que corresponde a 68,18% do total de egressos.

Aos arquivistas foi aplicado um questionário com 45 questões distribuídas em seis blocos referentes a aspectos socioeconômicos, formação acadêmica, inserção no mercado de trabalho, atuação e capacitação profissional, relações com as instituições empregadoras e interpessoais de trabalho, bem como aspectos relacionados à legalização e o reconhecimento da profissão. Os resultados são apresentados de forma quali/quantitativa.

Este estudo caracteriza-se como a oportunidade de verificar como se deu a formação e a inserção ao mercado de trabalho dos profissionais formados há pelo menos dez anos pelo Curso de Arquivologia da UFSM, e como está sendo a atuação desses profissionais, as dificuldades encontradas e as percepções de cada um sobre a trajetória profissional em pelo menos uma década de atuação no mercado de trabalho. A seguir são apresentados os resultados dos dados coletados através do questionário e da entrevista dirigida à Coordenação do Curso de Arquivologia da UFSM.

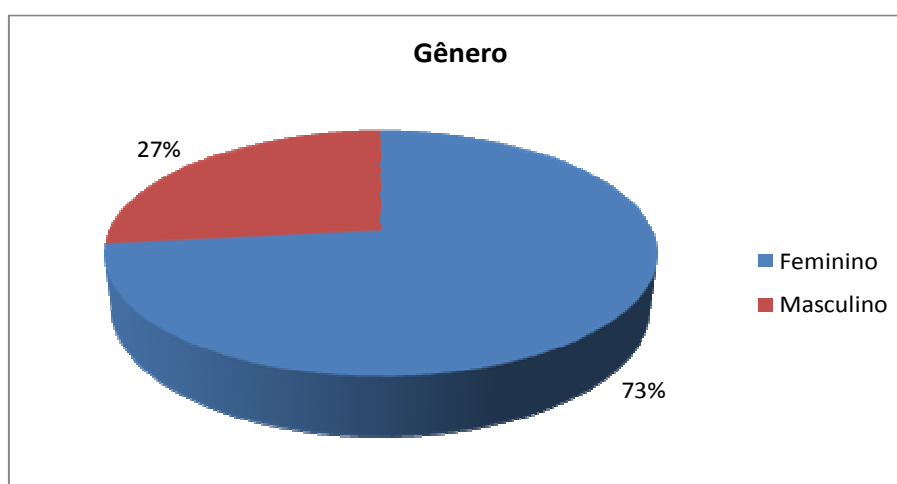
5.1 Características socioeconômicas

Buscando identificar o perfil dos arquivistas, foram aplicadas oito questões relacionadas aos aspectos socioeconômicos. Foram levantados o gênero, a faixa etária, a cidade de origem, a cidade onde reside e onde trabalha, o estado civil e se possui filhos e a renda salarial mensal do pesquisado. Observaram-se os seguintes resultados:

TABELA 1 – Gênero

	População	Percentual
Feminino	11	73%
Masculino	4	27%
TOTAL	15	100%

O resultado da investigação mostra que, dentre os respondentes, a maior parcela de arquivistas formados em 2001 é do sexo feminino, num total de onze pessoas (73%), enquanto que o gênero masculino contabilizou a quantia de quatro pessoas (27%). Conforme apresentado no Gráfico 1.

**GRÁFICO 1 – Gênero**

Visando melhor conhecer o universo da pesquisa, foi pesquisada a faixa etária dos arquivistas (Tabela 2).

TABELA 2 – Faixa etária

	População	Percentual
30 a 34 anos	12	80%
35 a 39 anos	2	13%
45 a 49 anos	1	7%
TOTAL	15	100%

Quanto à faixa etária dos arquivistas respondentes, verificou-se que 80% possuem entre 30 a 34 anos, seguidos por 13% que estão na faixa dos 35 a 39 anos de idade. Pode-se observar que 7% possuem de 45 a 49 anos de idade. Na faixa de até 30 anos, de 40 a 44, de 50 a 54 e acima dos 55 anos não foi computado nenhum arquivista, como mostra o Gráfico 2.

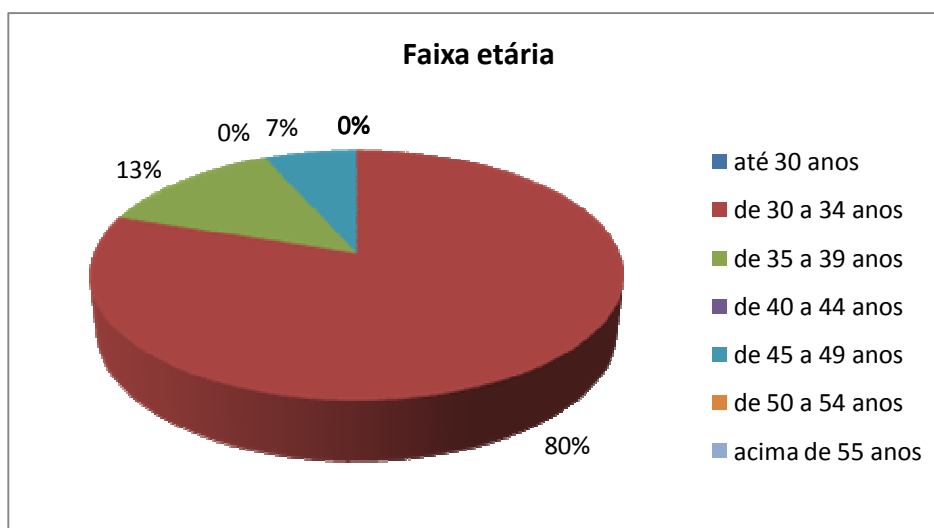


GRÁFICO 2 – Faixa etária

Visando conhecer a cidade de origem, a cidade onde reside e a localidade onde trabalha, apresentam-se, a seguir, as respostas dos arquivistas a este questionamento, conforme explanado no Quadro 4.

QUADRO 4 – Cidade de origem, onde residem e onde trabalham os arquivistas

CIDADE DE ORIGEM	CIDADE ONDE RESIDE	CIDADE ONDE TRABALHA
Agudo - RS	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS
Alegrete - RS	Curitiba - PR	Curitiba - PR
Bagé - RS	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS
Cacequi - RS	Rio Grande - RS	Rio Grande - RS
Julio de Castilhos - RS	Canoas - RS	Porto Alegre - RS
Nova Esperança do Sul - RS	Rio de Janeiro - RJ	Rio de Janeiro - RJ
Paraíso do Sul - RS	São Luiz Gonzaga - RS	Horizontina - RS
Pires do Rio - GO	Santa Maria - RS	Não opinou
Quevedos - RS	Brasília - DF	Brasília - DF
Santa Maria - RS	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS

Santa Maria - RS	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS
Santa Maria - RS	Santa Maria - RS	Santa Maria - RS
Santa Maria - RS	Curitiba - PR	Curitiba - PR
Santo Ângelo - RS	Brasília - DF	Brasília - DF
Santiago - RS	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS

Através das respostas dos entrevistados, percebeu-se que 93% dos arquivistas são oriundos de cidades do Rio Grande do Sul, enquanto que um arquivista (7%) é natural de uma cidade do Estado de Goiás, como é possível notar no Gráfico 3.

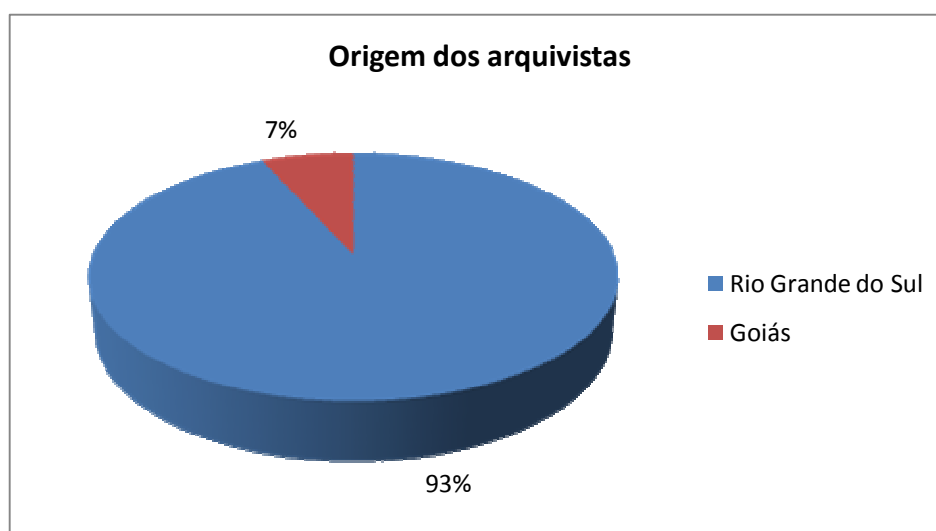


GRÁFICO 3 – Origem dos arquivistas

Com relação às cidades em que residem, constatou-se que a maioria dos arquivistas que responderam a pesquisa, 33%, residem em Porto Alegre – RS, seguido por Brasília – DF (13%), Curitiba – PR (13%) e Santa Maria- RS (13%). As demais localidades de residência dos arquivistas são: Canoas – RS (7%), Rio Grande – RS (7%), Rio de Janeiro – RJ (7%) e São Luiz Gonzaga – RS (7%). O Gráfico 4 traz esses percentuais, sendo melhorada a sua visualização.

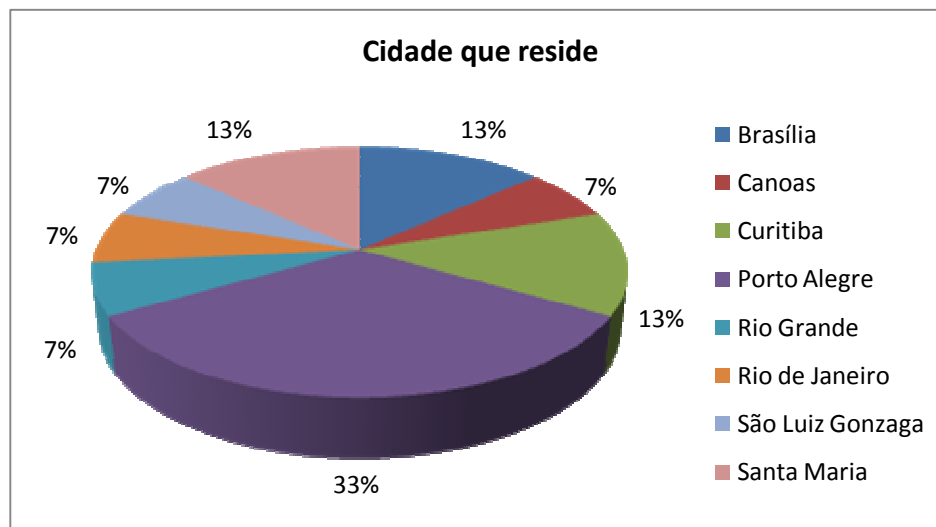


GRÁFICO 4 – Cidades em que residem os arquivistas

Quanto ao questionamento relacionado à cidade em que trabalha, a maioria dos arquivistas, 40%, responderam trabalhar na cidade de Porto Alegre – RS, seguido por Brasília – DF (13%) e Curitiba – PR (13%). As demais localidades de trabalho dos entrevistados são: Horizontina – RS (6%), Rio de Janeiro – RJ (7%), Rio Grande – RS (7%) e Santa Maria – RS (7%). Um arquivista não apontou a localidade de trabalho. O Gráfico 5 apresenta esses percentuais.

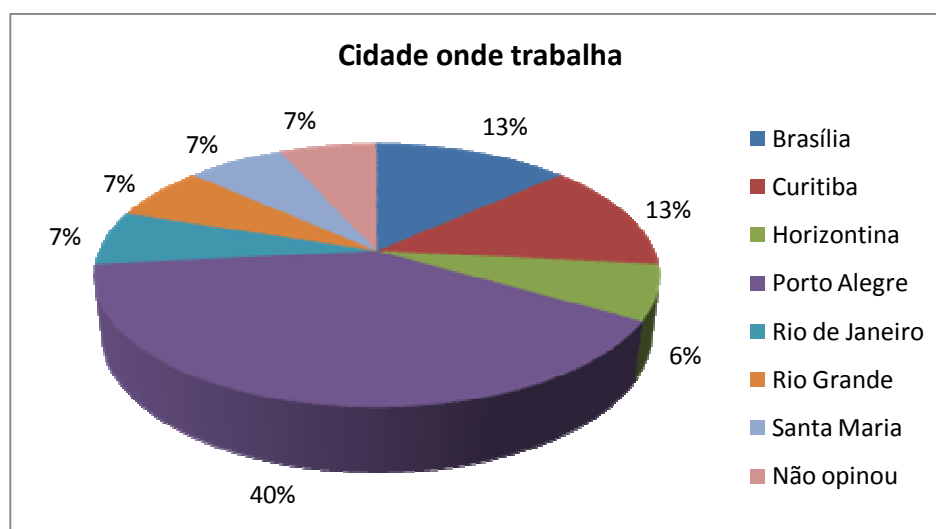


GRÁFICO 5 – Cidades onde trabalham os arquivistas

Pelos resultados obtidos, verificou-se que a maioria dos arquivistas reside e trabalha em grandes centros urbanos, capitais de estados, como Brasília – DF, Curitiba – PR, Porto Alegre – RS e Rio de Janeiro – RJ, ou seja, 73% dos entrevistados. Outro fator relevante observado é que somente um (7%) dos arquivistas naturais de Santa Maria, continua residindo e trabalhando na cidade. O resultado obtido apontou ainda que dois arquivistas (13%) residem e trabalham em cidades diferentes, Canoas/Porto Alegre e São Luiz Gonzaga/Horizontina, respectivamente.

Na Tabela 3 é apresentado o estado civil dos arquivistas.

TABELA 3 – Estado civil

	População	Percentual
Casado (a)	7	46%
Separado (a) e/ou divorciado (a)	1	7%
Solteiro (a)	4	27%
União estável	3	20%
TOTAL	15	100%

Em relação ao estado civil, verificou-se que a maioria dos pesquisados se enquadra na categoria de casado e solteiro, sendo que 46% afirmaram ser casados e 27% solteiros. O restante da população afirma ter união estável (20%) e separado (a) e/ou divorciado (a) (7%). A opção viúvo (a) não contabilizou nenhum arquivista, conforme é possível visualizar no Gráfico 6.

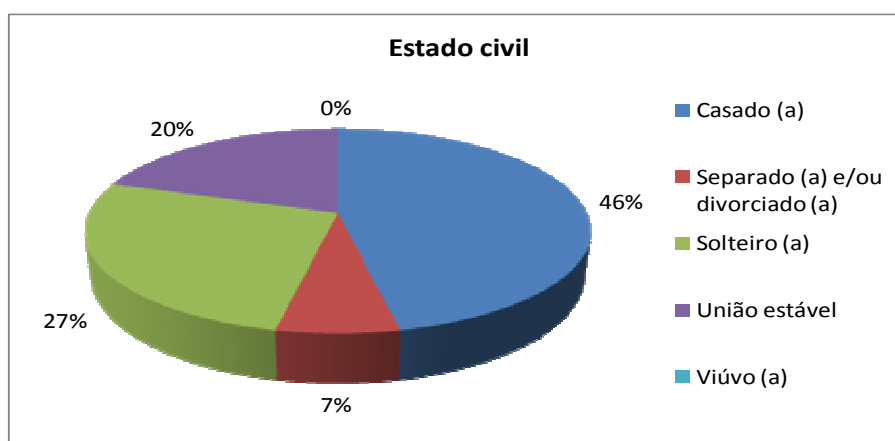


GRÁFICO 6 – Estado civil

Questionados sobre possuir ou não filhos, os entrevistados repassaram as seguintes respostas, como é possível visualizar na Tabela 4.

TABELA 4 – Possui ou não filhos

	População	Percentual
Não	9	60%
Sim	6	40%
TOTAL	15	100%

A maioria da população pesquisada (60%) afirmou não possuir filhos, enquanto que 40% disseram possuir filhos, como ilustra o Gráfico 7.

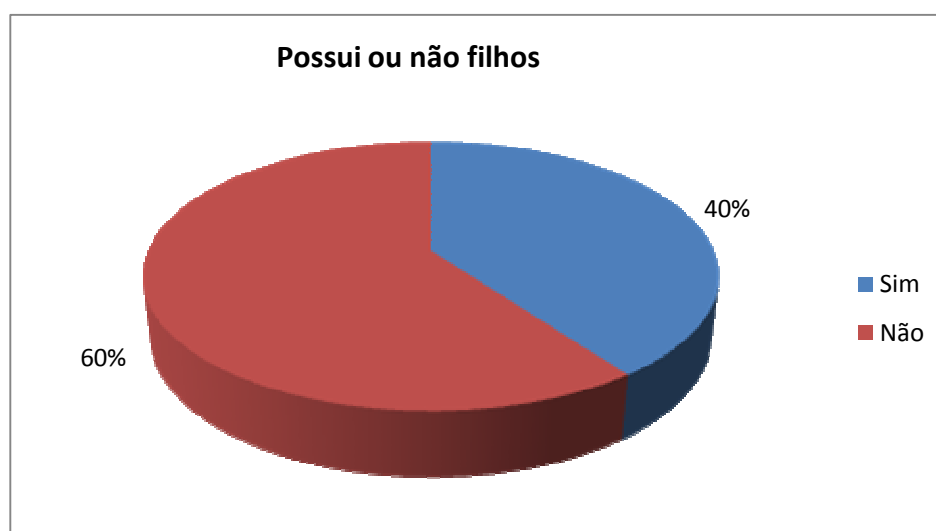


GRÁFICO 7 – Possui ou não filhos

No que se refere à quantidade de filhos, 67% afirmaram possuir apenas um filho, enquanto que 37% disseram possuir dois filhos, conforme é apresentado no Gráfico 8.

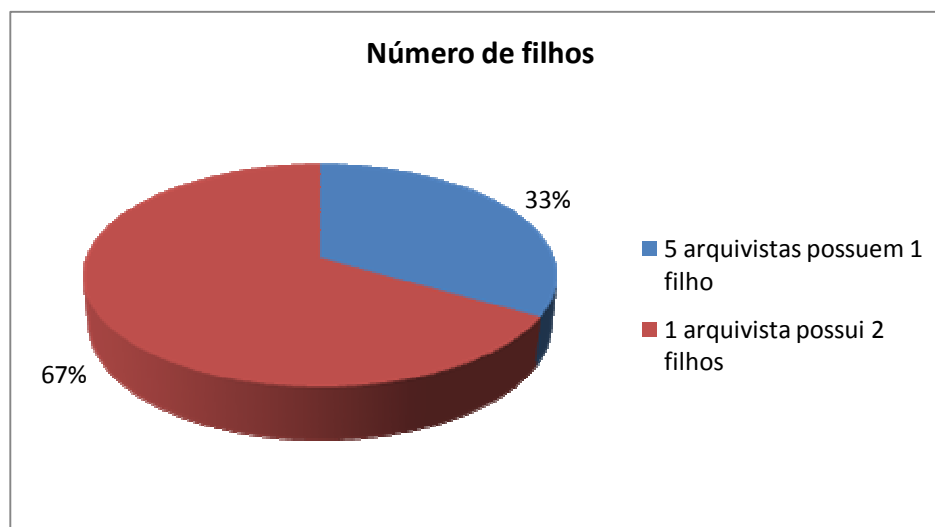


GRÁFICO 8 – Número de filhos

Quando perguntados sobre a renda salarial mensal, os arquivistas apontaram as respostas a seguir, como informa a Tabela 5.

TABELA 5 – Renda salarial mensal

	População	Percentual
De 03 até 04 salários mínimos	2	13%
De 05 até 06 salários mínimos	7	47%
De 07 a 08 salários mínimos	4	27%
Mais de 10 salários mínimos	2	13%
TOTAL	15	100%

Observou-se que 47% dos entrevistados possuem renda de cinco até seis salários mínimos, 27% dos arquivistas têm renda de sete até oito salários mínimos, enquanto que 13% possuem renda de três a até quatro salários mínimos e 13% têm renda de mais de dez salários mínimos. As categorias de um até dois e de nove até dez salários mínimos não tiveram nenhuma marcação, conforme explanado no Gráfico 9.

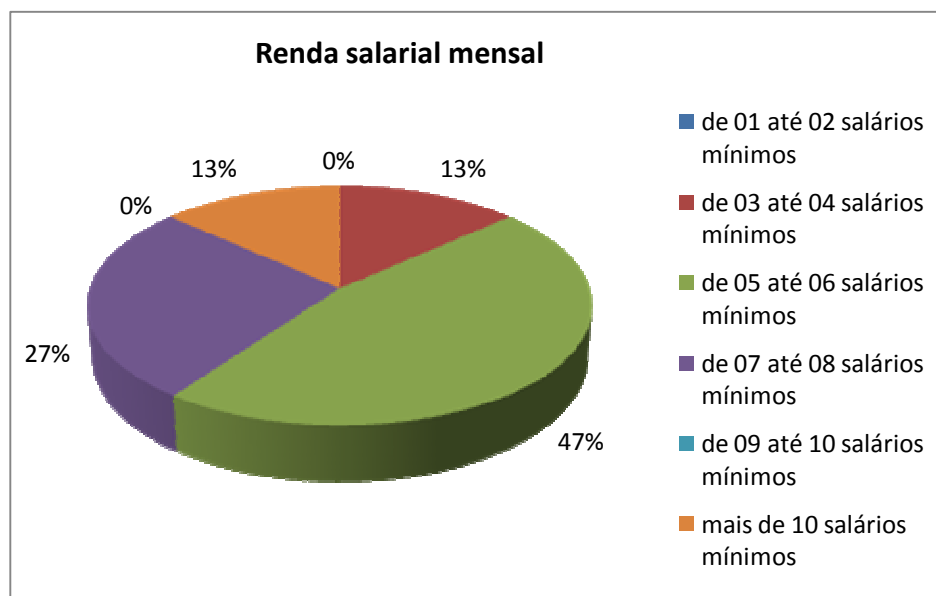


GRÁFICO 9 – Renda salarial mensal

5.2 Aspectos da formação acadêmica e capacitação profissional

Com o objetivo de identificar aspectos relacionados à formação acadêmica e à capacitação profissional dos arquivistas, aplicaram-se oito questionamentos relacionados à formação em nível de graduação e pós-graduação, quanto ao conhecimento de outro idioma e a realização de atividades técnico-científicas voltadas aos arquivos, bem como a participação em eventos da área, obtendo-se os seguintes resultados:

TABELA 6 – Possuir outra formação além de Arquivologia

	População	Percentual
Não	14	93%
Sim	1	7%
TOTAL	15	100%

Quanto ao questionamento de possuir outra formação além de Arquivologia, 93% dos pesquisados afirmaram não possuir outra formação, enquanto que 7% afirmaram ter outra graduação, em Ciências Sociais, tendo finalizado este curso antes de concluir a graduação em Arquivologia, como é possível visualizar no Gráfico 10.

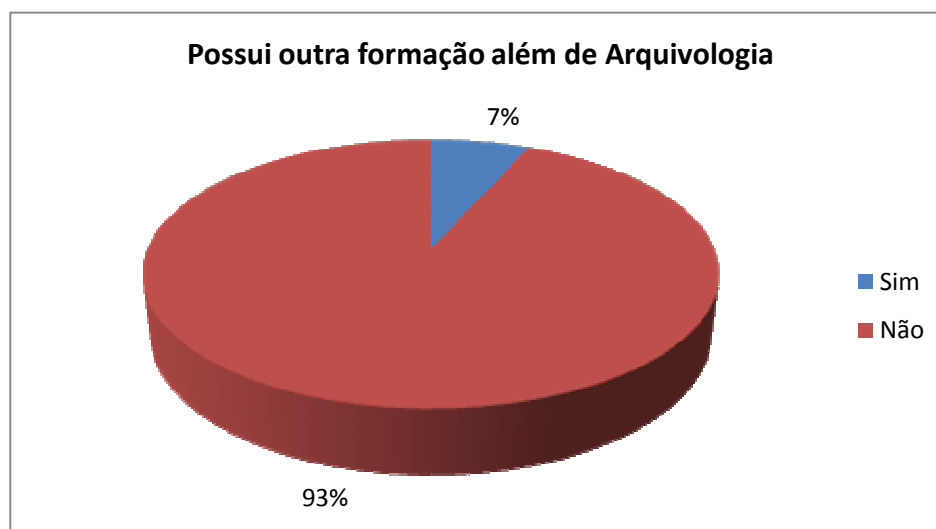


GRÁFICO 10 – Possuir outra formação além de Arquivologia

Quando indagados sobre considerar-se preparados para ingressar no mercado de trabalho após a conclusão do curso, os egressos afirmaram o que apresenta a Tabela 7.

TABELA 7 – Considerou-se preparado para ingressar no mercado de trabalho

	População	Percentual
Em parte	9	60%
Não	2	13%
Sim	4	27%
TOTAL	15	100%

A esse respeito, 60% dos entrevistados afirmaram que estavam preparados em parte para ingressar no mercado de trabalho após concluir a graduação em Arquivologia, 27% disseram que sim, estavam preparados e 13% consideraram que não estavam preparados para ingressar no mercado de trabalho com os conhecimentos adquiridos na graduação. O Gráfico 11 ajuda a observar essa situação.



GRÁFICO 11 – Considerou-se preparado para ingressar no mercado de trabalho

Estar preparado para iniciar a vida profissional logo após concluir a graduação é a grande preocupação para a maioria dos concluintes de um curso de graduação. Neste sentido o Quadro 5 apresenta as justificativas dos arquivistas quanto a este questionamento.

QUADRO 5 – Justificativas quanto estar ou não preparado para ingressar no mercado de trabalho

QUESTIONAMENTO	POPULAÇÃO	RESPOSTAS
2.2 Ao concluir a graduação em Arquivologia, você se considerou preparado para ingressar no mercado de trabalho? Justifique sua resposta.	13	<ul style="list-style-type: none"> - Sim, inclusive teve várias oportunidades de trabalho na área, porém como foi chamado para exercer função pública em sua outra área de formação, acabou não atuando como arquivista, coisa que ocorreu com a maioria dos colegas. - Sim, durante a graduação fez vários estágios que proporcionaram uma experiência na prática, o que ajudou no ingresso no mercado, embora não tenha atuado como arquivista no primeiro emprego. - Não, a realidade apresentada pelo Curso na época de formação, não era o que o mercado de trabalho necessitava e exigia. - Não, às vezes é difícil unir a teoria apresentada no Curso com a realidade de um local de trabalho. A união teoria-prática é demorada e em certo ponto trabalhosa. Necessita paciência e trabalho duro por parte do arquivista. - Parte do conhecimento e preparação para o exercício profissional ocorre a partir das vivências no próprio mercado de trabalho. O arquivista está em constante preparação e, portanto, deve ser capaz de “aprender a aprender”. - Em parte, pois na graduação aprende-se toda a teoria, mas a prática é fundamental para sentir-se preparado e só com o tempo isso é possível. - Saímos muito imaturos e a teoria na prática muitas vezes não funciona.

		<ul style="list-style-type: none"> - Sentia insegurança em relação à gestão de arquivos digitais. - Como foi trabalhar na área de consultoria, teve dificuldades em relação a conhecimentos empresariais. - Muita teoria, mas pouco preparo prático. - Quando se sai da faculdade ainda não se tem muita experiência, a menos que tenha vivenciado diferentes estágios não curriculares. Além disso, cada instituição de trabalho é única, o que faz com que você tenha que estar em constante atualização. - Além da falta de conhecimento prático, deveria ter estudos mais aprofundados em Legislação Arquivística e preparação para o trabalho em consultoria (até mesmo como iniciar o próprio negócio). - Formou-se com 20 anos, acredita que com essa idade ninguém está preparado para o mercado de trabalho, mas acha que o Curso de Arquivologia deu uma boa base. Logo no primeiro emprego começou a se envolver com sistema de gestão da qualidade. Acredita que as noções de administração, organização e métodos e direito ajudaram muito no desempenho das funções que tinha além do arquivo. Especificamente ao atuar como arquivista sentiu falta da questão de gerenciamento eletrônico de documentos, que em 2001 estava muito embrionário, principalmente em um Curso e Universidade com laboratórios defasados, como era a UFSM naquela época. Também sentiu falta de uma preparação para trabalhar em consultoria de arquivo, como montar proposta, como mensurar horas/trabalho envolvido, valores, etc. Como muitas pessoas trabalham com consultoria, ou mesmo possuem o sonho de abrir uma, acredita que, sem dúvida, isso deveria ser abordado no currículo do Curso.
--	--	--

Ainda na linha de formação acadêmica e capacitação profissional, os arquivistas foram questionados quanto à formação proporcionada pelo Curso de Arquivologia da UFSM, se esta atendia as exigências do mercado de trabalho, sendo as respostas dos egressos apresentadas na Tabela 8.

TABELA 8 – Se a formação oferecida pelo Curso de Arquivologia da UFSM atende as exigências do mercado de trabalho

	População	Percentual
Em parte	9	60%
Sim	6	40%
Não	0	0%
TOTAL	15	100%

Nesse quesito, 60% dos pesquisados acreditam que a formação propiciada pelo Curso de Arquivologia da UFSM atende em parte as exigências do mercado de trabalho, enquanto que 40% apontam que o Curso atende, sim, as necessidades do mercado de trabalho. Nenhum dos egressos apontou que o Curso não atendia as necessidades do mercado, como é possível observar no Gráfico 12.

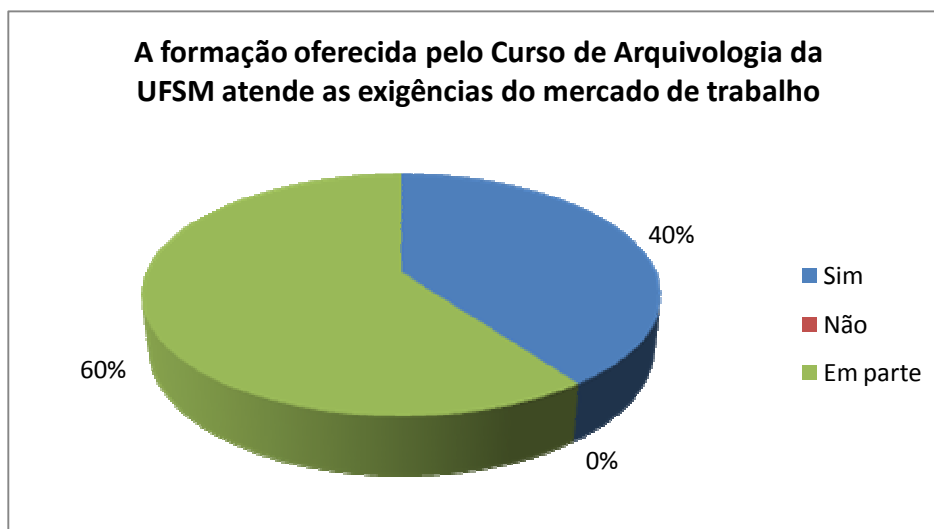


GRÁFICO 12 - A formação oferecida pelo Curso de Arquivologia da UFSM atende as exigências do mercado de trabalho

Perguntados sobre possuir ou estar fazendo Pós-graduação no momento, os egressos responderam o que demonstra a Tabela 9.

TABELA 9 – Possui ou faz Pós-Graduação

	População	Percentual
Sim	11	73%
Não	4	27%
TOTAL	15	100%

A maioria dos entrevistados (73%) apontou possuir e 27% dizem não possuir Pós-graduação, como ilustra o Gráfico 13.

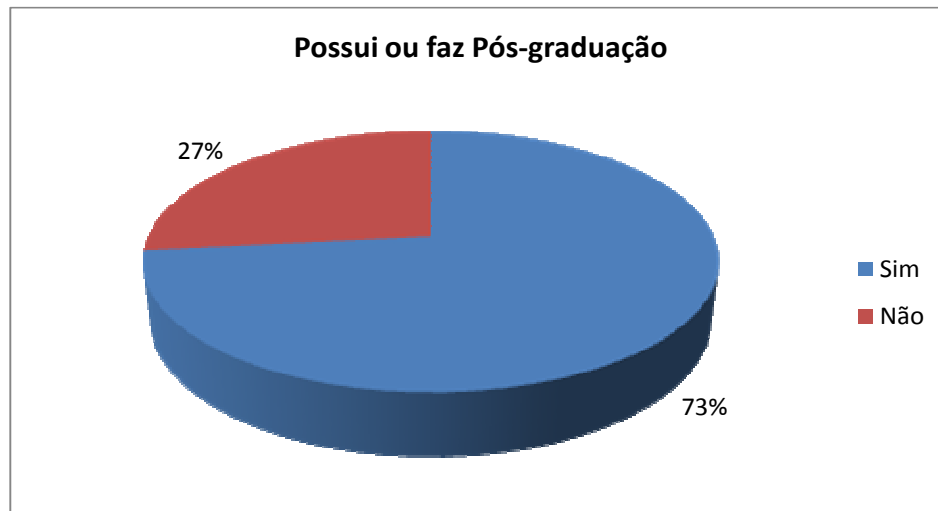


GRÁFICO 13 – Possui ou faz Pós-graduação

Quanto ao nível de Pós-graduação dos arquivistas, 66,66% dizem ter especialização concluída, 6,66% apontam estar com a especialização em andamento. 26,66% possuem mestrado concluído, enquanto que 6,66% estão com o mestrado em andamento. Com relação ao doutorado, 6,66% possuem doutorado em andamento, nenhum dos arquivistas entrevistados possui doutorado concluído. O Gráfico 14 demonstra esses percentuais com maior clareza.

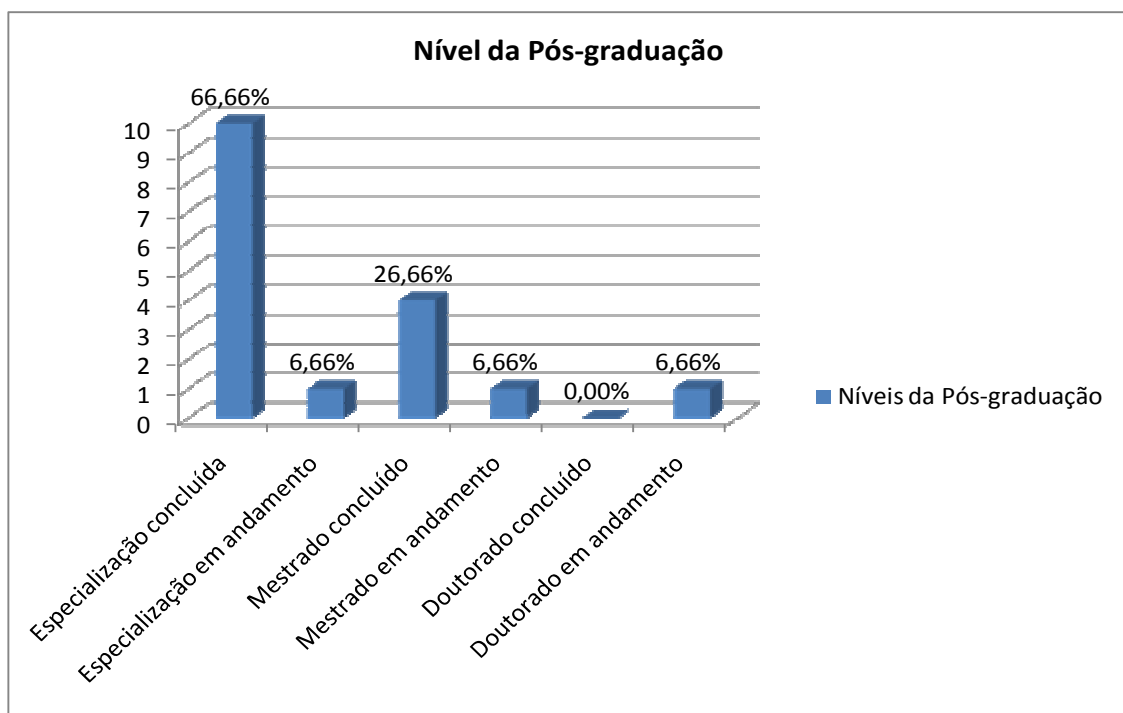


GRÁFICO 14 – Nível da Pós-graduação

Com relação ao questionamento da área de formação, que previa a marcação de mais de uma opção por ser de múltipla escolha, a maioria, 33,33 % dos arquivistas afirmaram possuir Pós-graduação na área de Administração, 20,00 % em Gestão em Arquivos, 13,33% em Gestão Pública, 13,33 % em Patrimônio Cultural, 13,33% em Informática, 6,66 % em Engenharia de Produção e 6,66% em História. Outras áreas de formação apontadas pelos entrevistados foram em Gestão Estratégica de Tecnologia da Informação, Especialização em Desenvolvimento Econômico e Social, MBA em Gestão de Projetos e Psicologia, conforme explanado no Gráfico 15.

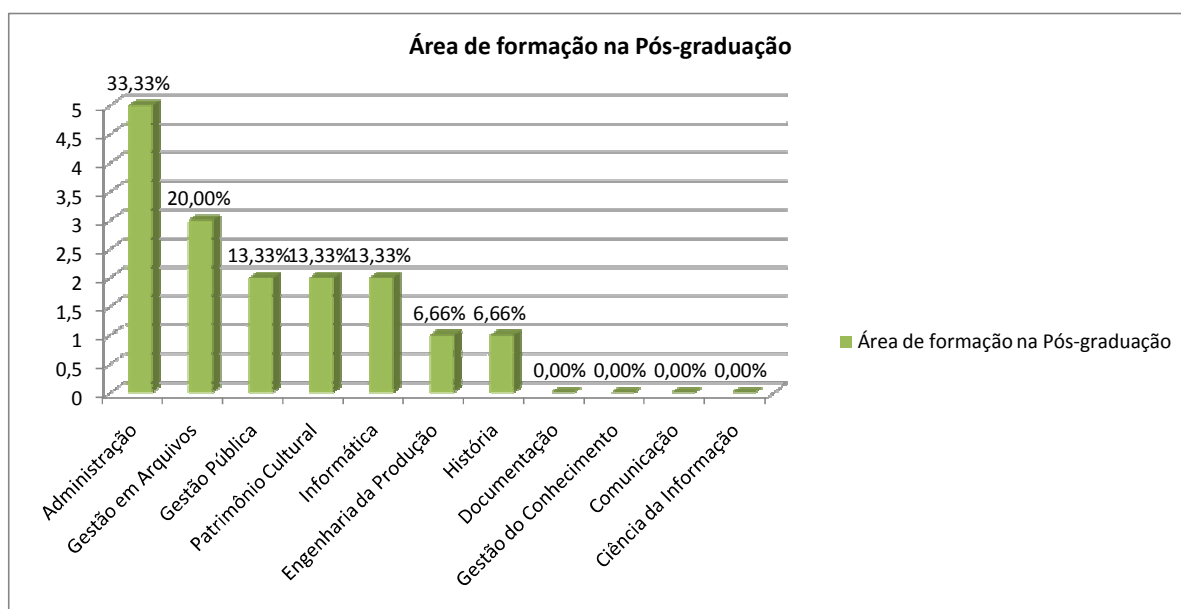


GRÁFICO 15 – Área de formação na Pós-graduação

Os egressos foram também consultados sobre falar, ler ou escrever em outro idioma, sendo as respostas apresentadas na Tabela 10.

TABELA 10 – Falar, ler ou escrever em outro idioma

	População	Percentual
Sim	11	73%
Não	4	27%
TOTAL	15	100%

A maioria (73%) dos arquivistas afirmou falar, ler ou escrever em outro idioma, enquanto que 27% apontaram não possuir conhecimentos de outros idiomas, conforme é apresentado no Gráfico 16.

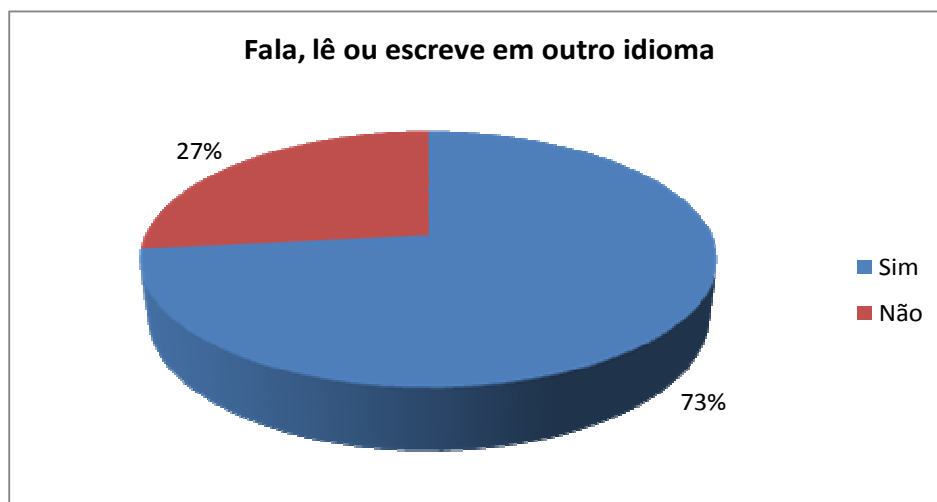


GRÁFICO 16 – Falar, ler ou escrever em outro idioma

Dos 73% dos pesquisados que afirmaram falar, ler ou escrever em outro idioma, a maioria, 20,00%, apontou ter conhecimentos em inglês e espanhol, enquanto que 13,33% têm conhecimentos em inglês, 13,33% em espanhol, 6,66% em italiano, 6,66% em alemão, 6,66% em inglês e italiano e 6,66% em inglês, espanhol e noções de italiano, como é possível visualizar no Gráfico 17.

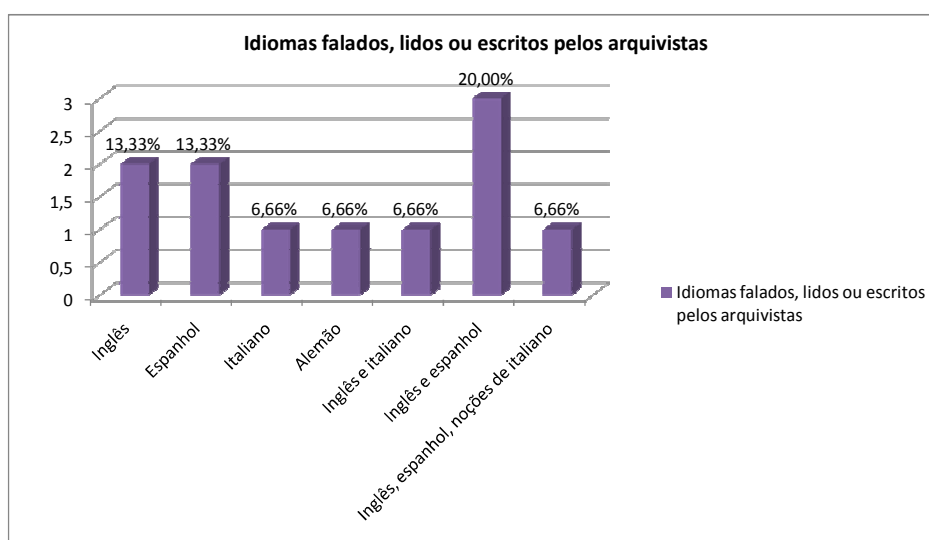


GRÁFICO 17 – Idiomas falados, lidos ou escritos pelos arquivistas

A pesquisa buscou ainda identificar o envolvimento dos arquivistas com a pesquisa científica após terem concluído a graduação. Os resultados desse questionamento são apresentados na Tabela 11.

TABELA 11 – Desenvolvimento de atividade técnico-científica voltada aos arquivos

	População	Percentual
Sim	7	47%
Não	8	53%
TOTAL	15	100%

No que se refere ao desenvolvimento de alguma atividade técnico-científica (pesquisa) voltada aos arquivos após a formação, 53% dos arquivistas afirmaram não desenvolver pesquisas científicas, enquanto que 47% disseram ter desenvolvido alguma atividade técnico-científica durante este tempo, como se pode visualizar no Gráfico 18.

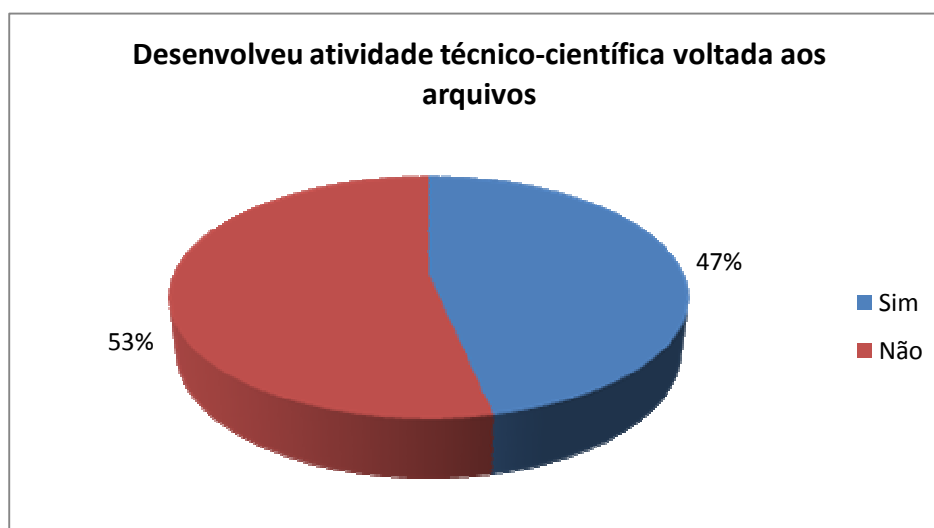


GRÁFICO 18 – Desenvolvimento de atividade técnico-científica voltada aos arquivos

Dos arquivistas que afirmaram ter desenvolvido alguma pesquisa científica, 13,23% apontaram que publicam e apresentam os trabalhos, enquanto que a maioria, ou seja, 33,33% dos entrevistados disseram não apresentar e/ou publicar os trabalhos/artigos científicos nos anais de eventos da área ou em revistas científicas, como é apresentado no Gráfico 19.

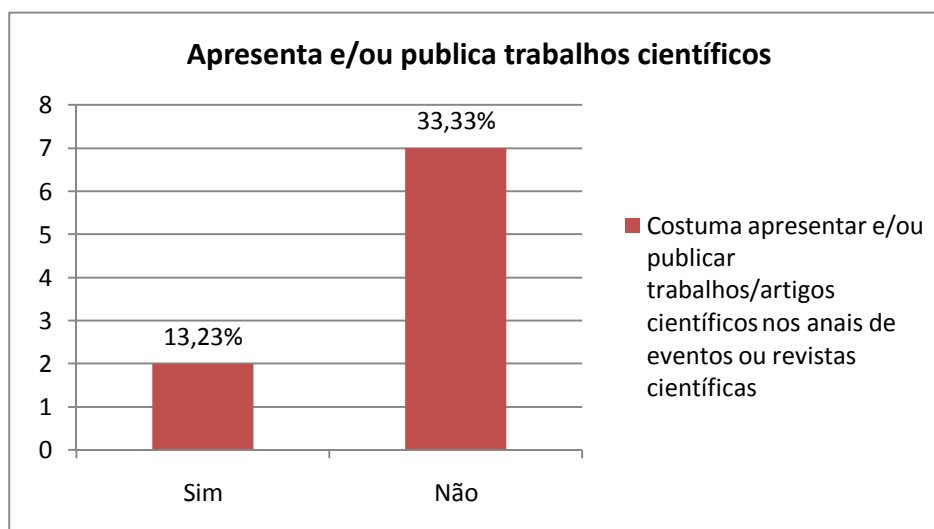


GRÁFICO 19 – Apresentação e/ou publicação de trabalhos científicos

A participação dos egressos em eventos científicos da área arquivística também foi mensurada pela pesquisa, como é possível visualizar na Tabela 12.

TABELA 12 – Participação em eventos da área

	População	Percentual
Sim	10	67%
Não	4	27%
Não opinou	1	6%
TOTAL	15	100%

A maioria dos arquivistas (67%) afirma que participa de eventos da área como congressos, simpósios, seminários, palestras, entre outros, 27% dos entrevistados disseram não participar e 6% não opinaram, como ilustra o Gráfico 20.

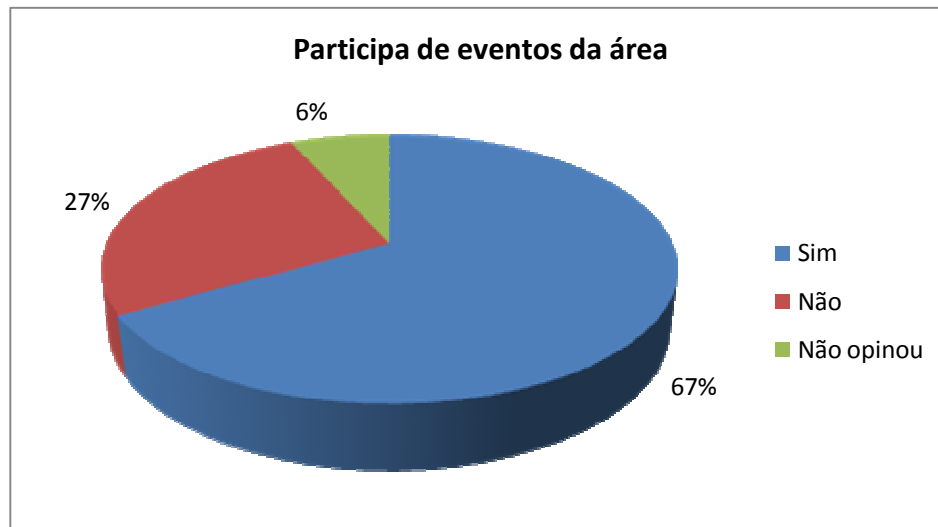


GRÁFICO 20 – Participação em eventos da área

Questionados quanto à frequência com que participam dos eventos, 6,66% dos arquivistas disseram participar bimestralmente, 13,33% semestralmente, 20,00% anualmente, 6,66% bianualmente, 6,66% quando necessário melhorar profissionalmente, 6,66% quando possível e 6,66% informaram que raramente participam de um evento, como se pode observar no Gráfico 21.

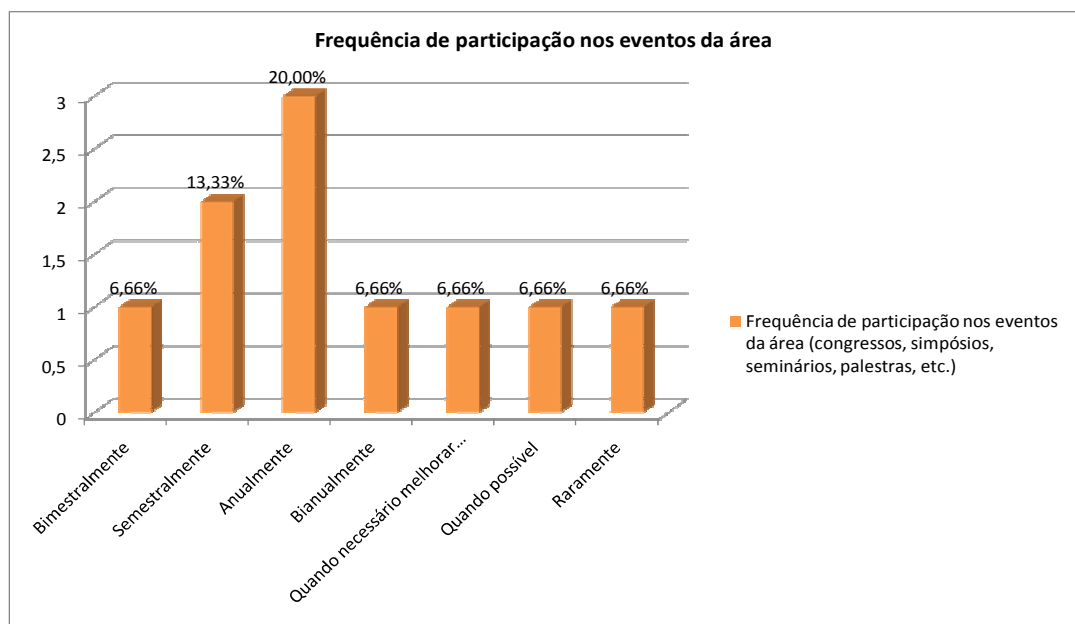


GRÁFICO 21 – Frequência de participação nos eventos da área

Com relação ao questionamento de possuir algum tipo de contato com os demais arquivistas formados no mesmo ano, a maioria (40%) dos egressos apontou manter contato através das redes sociais, por correio eletrônico ou por telefone, 27% afirmaram possuir contato de amizade e profissional, 13% mantém contato através das confraternizações e em encontros de eventos da área, enquanto que 7% visita sempre que é possível. 13% dos entrevistados não opinaram ou não entenderam a pergunta. O Gráfico 22 demonstra esses percentuais com maior clareza.

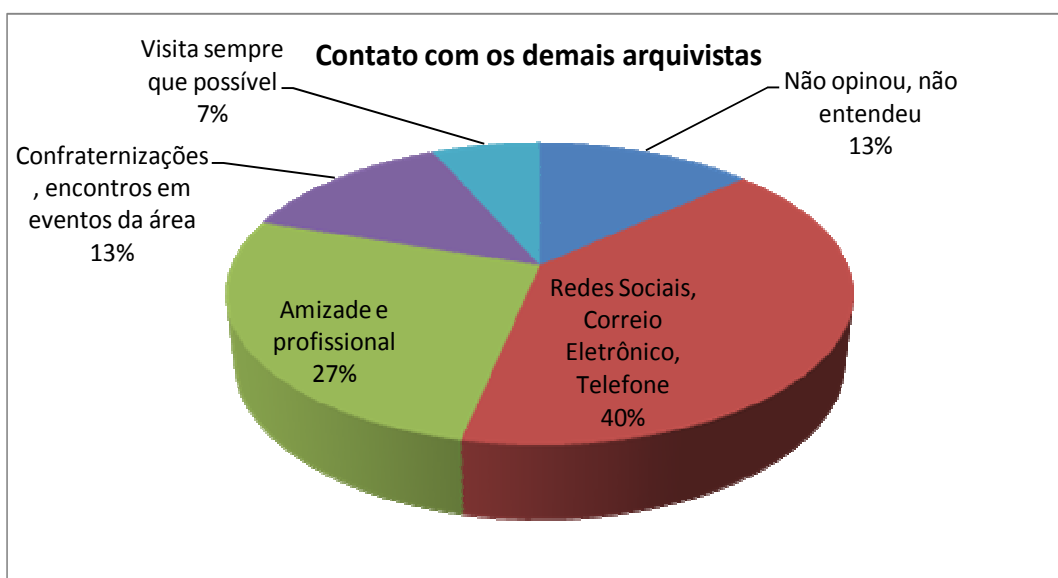


GRÁFICO 22 – Contato com os demais arquivistas formados no mesmo ano

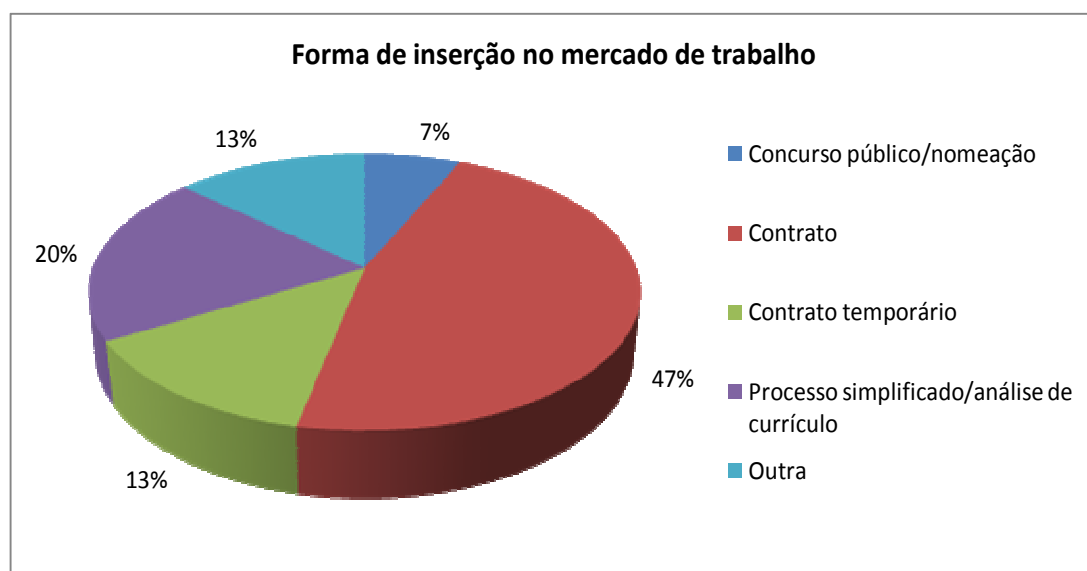
5.3 Aspectos da inserção no mercado de trabalho e atuação profissional

Com o objetivo de verificar aspectos relativos à inserção dos arquivistas recém formados no mercado de trabalho e atuação profissional, aplicaram-se seis questionamentos: forma de inserção no mercado de trabalho, se o primeiro emprego foi desenvolvendo atividades arquivísticas, se desde que concluiu a graduação atuou como arquivista e quanto tempo de atuação profissional possui, quais atividades arquivísticas já desenvolveu, quais atividades mais sentiu necessidade ao desempenhar a função de arquivista e como classifica o domínio sobre as Tecnologias da Informação aplicadas aos arquivos. Os resultados obtidos apresentam-se a seguir.

TABELA 13 – Forma de inserção no mercado de trabalho

	População	Percentual
Concurso público/nomeação	1	7%
Contrato temporário	2	13%
Contrato	7	47%
Processo simplificado/análise de currículo	3	20%
Outra	2	13%
TOTAL	15	100%

O resultado mostra que a maioria dos arquivistas (47%) ingressou no mercado de trabalho através de contrato com o empregador, 20% afirmaram que a forma de inserção foi por intermédio de processo simplificado/análise de currículo, 13% contrato temporário, 7% concurso público/nomeação e 13% apontaram outra forma de inserção, sendo elas trabalho informal no comércio e consultoria arquivística para empresas de TI. O Gráfico 23 é apresentado como forma de ilustrar melhor como se deu a inserção dos egressos no mercado de trabalho.

**GRÁFICO 23 – Forma de inserção no mercado de trabalho**

A pesquisa buscou compreender se no primeiro emprego logo depois de formados, os egressos desempenharam atividades arquivísticas. A Tabela 14 apresenta as respostas a este questionamento.

TABELA 14 – Desenvolvimento de atividades arquivísticas no primeiro emprego

	População	Percentual
Sim	10	67%
Não	5	33%
TOTAL	15	100%

O maior percentual dos pesquisados (67%) afirmaram ter desenvolvido atividades arquivísticas já no primeiro vínculo empregatício, enquanto que 33% disseram ter desenvolvido outras atividades, conforme é explanado no Gráfico 24.



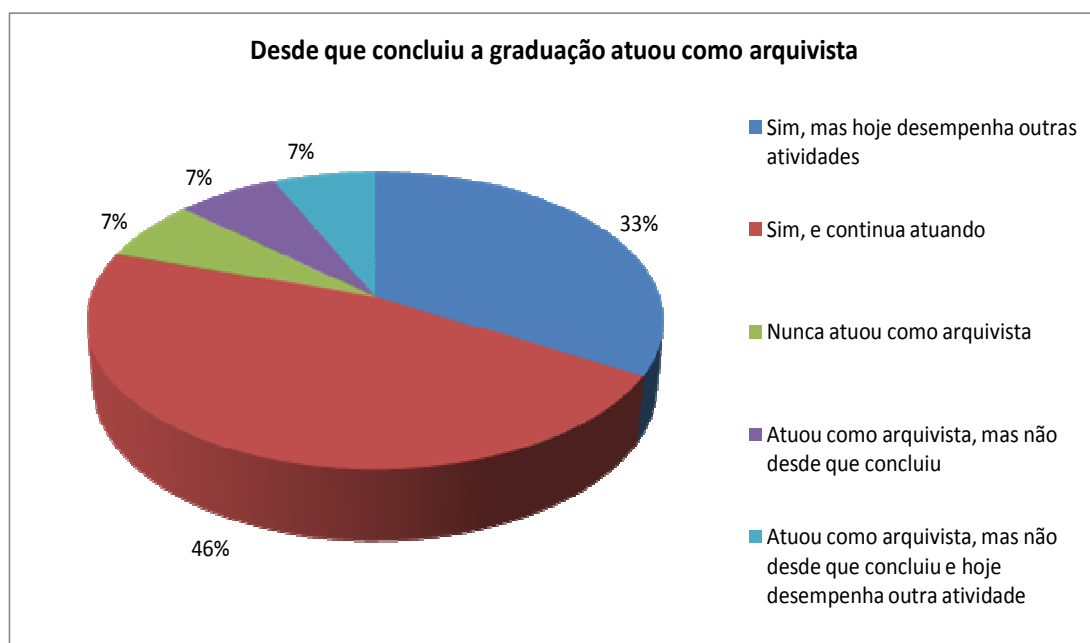
GRÁFICO 24 – Desenvolvimento de atividades arquivísticas no primeiro emprego

Aos arquivistas foi também perguntado sobre terem exercido a profissão desde que concluíram a graduação. O resultado é demonstrado na Tabela 15.

TABELA 15 – Atuação como arquivista desde que concluiu a graduação

	População	Percentual
Sim, e continua atuando	7	46%
Sim, mas hoje desempenha outras atividades	5	33%
Nunca atuou como arquivista	1	7%
Atuou como arquivista, mas não desde que concluiu	1	7%
Atuou como arquivista, mas não desde que concluiu e hoje desempenha outra atividade	1	7%
TOTAL	15	100%

A maioria dos egressos (46%) disse ter atuado e continua atuando como arquivista desde que concluíram a graduação, 33% afirmaram ter atuado, mas hoje desempenham outra atividade, 7% nunca atuaram como arquivista, 7% atuaram como arquivista, mas não desde que concluíram e 7% atuaram como arquivista, mas não desde que concluíram e hoje desempenham outra atividade, como pode ser verificado no Gráfico 25.

**GRÁFICO 25 – Atuação como arquivista desde que concluiu a graduação**

Quanto ao tempo de atuação profissional como arquivista, 20% dos entrevistados afirmaram possuir onze anos ou mais de atuação, 20% disseram que atuam há dez anos como

arquivista, 13,33% há sete anos, 13,33% há cinco anos, 6,66% há três anos, 13,33 há dois anos, 6,66% possuem um ano de atuação e 6,66 % nunca atuaram como arquivista. O Gráfico 26 apresenta estes percentuais de modo a torná-los mais claros.

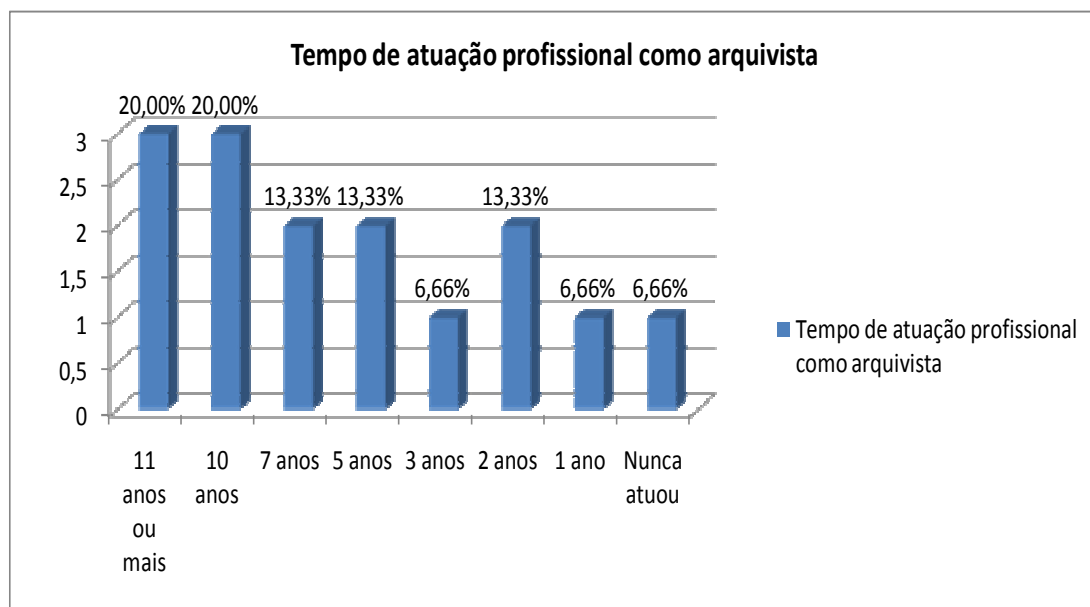


GRÁFICO 26 – Tempo de atuação profissional como arquivista

Com o objetivo de verificar a área de atuação dos egressos que não estão exercendo a profissão de arquivista, questionou-se a atual ocupação desses profissionais. O resultado mostrou que as áreas de atuação consistem em: docência universitária, educação, área de gestão e planejamento, sociólogo de Fundação Pública, analista de projetos (análise e acompanhamento de projetos financiados pelo empregador) e bancária, como pode ser visualizado no Gráfico 27.

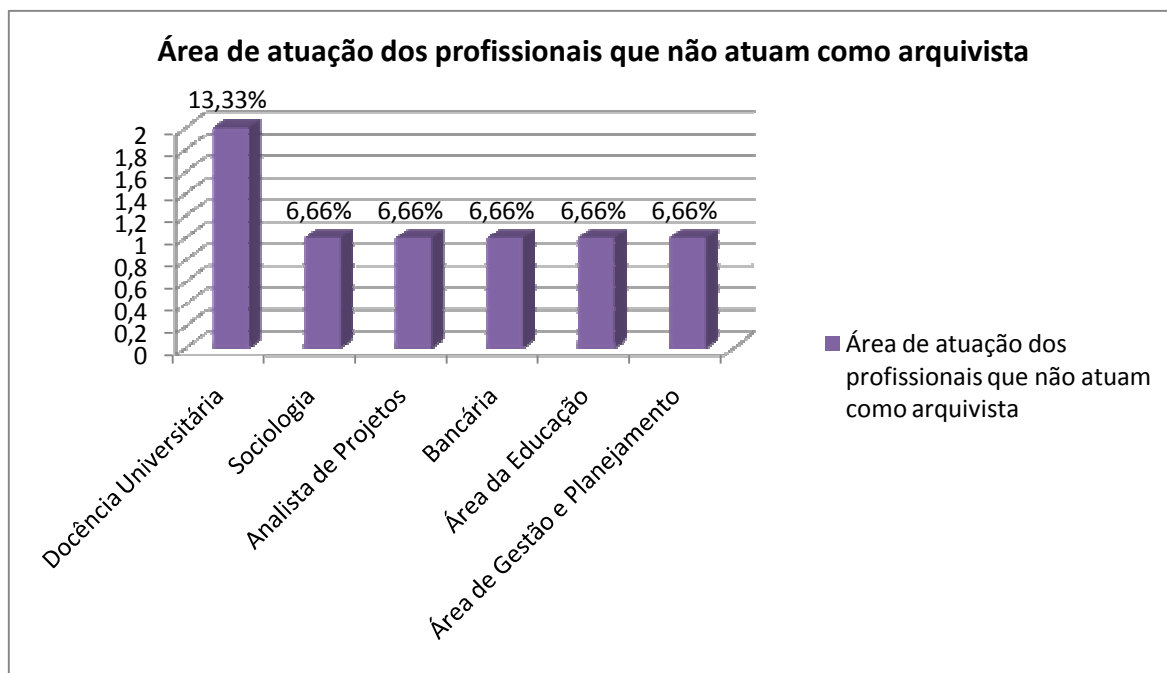


GRÁFICO 27 – Área de atuação dos profissionais que não atuam como arquivista

Visando conhecer o campo de atuação dos arquivistas, a pesquisa buscou conhecer as atividades arquivísticas que foram desenvolvidas pelos egressos. As respostas são apresentadas na Tabela 16.

TABELA 16 – Atividades arquivísticas desenvolvidas no exercício da profissão

Atividades	População	Percentual
Classificação	13	86,66%
Avaliação	12	80,00%
Descrição	7	46,66%
Protocolo	9	60,00%
Transferência	10	66,66%
Recolhimento	9	60,00%
Treinamento/Instrução de equipe	10	66,66%
Descarte de documentos	8	53,33%
Conservação preventiva de acervos	7	46,66%
Difusão de acervos	5	33,33%
Microfilmagem e diplomática	2	13,33%

Gestão Eletrônica de Documentos	10	66,66%
Consultoria	11	73,33%
Diplomática contemporânea	1	6,66%
Tratamento de documentos especiais	2	13,33%
Restauração	0	0%

Quanto à práxis arquivística, ou seja, as atividades desenvolvidas no decorrer do exercício da profissão, o instrumento de coleta de dados previa a possibilidade de múltipla escolha nas questões, o que resultou na grande escolha de mais de uma alternativa, que pode ser melhor visualizado no Gráfico 28.

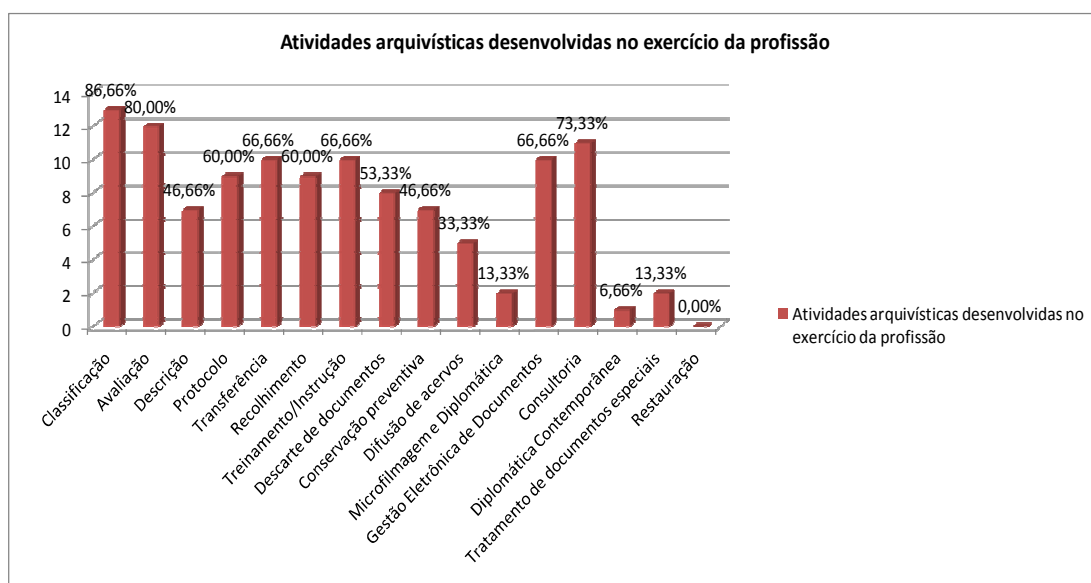


GRÁFICO 28 – Atividades arquivísticas desenvolvidas no exercício da profissão

Através das respostas é possível perceber que os arquivistas entrevistados estão desenvolvendo a maioria das atividades arquivísticas previstas no instrumento de coleta de dados, com uma frequência maior para as atividades voltadas ao desenvolvimento dos arquivos correntes e intermediários, especialmente as atividades de classificação (86,66%), avaliação (80,00%), protocolo (60,00), transferência (66,66%), recolhimento (60,00%), treinamento/instrução de equipe (66,66%), gestão eletrônica de documentos (66,66%) e consultoria (73,33%), em detrimento das demais atividades: descrição (46,66%), conservação preventiva (46,66%), difusão de acervos (33,33%), microfilmagem e diplomática (13,33%),

diplomática contemporânea (6,66%), tratamento de documentos especiais (13,33%) e restauração, que tiveram menor porcentagem de escolha pelos entrevistados.

Nessa mesma linha, os arquivistas foram indagados sobre os conhecimentos que mais sentiram necessidade no desempenho da profissão. Este questionamento também previa a múltipla escolha, sendo os apontamentos dos egressos apresentados na Tabela 17.

TABELA 17 – Conhecimentos que mais sentiu necessidade no desempenho da função de arquivista

Atividades	População	Percentual
Outro idioma	3	20,00%
Informática	7	46,66%
Documentos especiais	2	13,33%
Gerenciamento eletrônico de documentos	13	86,66%
Microfilmagem/Digitalização	5	33,33%
Diplomática contemporânea	2	13,33%
Preservação digital	6	40,00%
Arquivos especializados	3	20,00%
Arquivos privados e pessoais	3	20,00%
Aprofundamento em legislação arquivística	7	46,66%
Outros	2	13,33%

O resultado da pesquisa mostra que a maioria dos entrevistados (86,66%) ao desempenharem a função de arquivista sentiu necessidade de maiores conhecimentos sobre gerenciamento eletrônico de documentos, 46,66% sentiram necessidade de mais conhecimentos em informática, 46,66% em aprofundamentos na legislação arquivística e 40,00% em preservação digital. Outras necessidades apontadas com menor incidência foram em microfilmagem e digitalização (33,33%), arquivos especializados (20,00%) e documentos especiais (13,33%), arquivos privados e pessoais (20,00%), diplomática contemporânea (13,33%) e conhecimento de outro idioma (20,00%). Outros conhecimentos apontados como necessidade pelos egressos no desempenho de sua profissão foram em gerenciamento de projetos e particularidades que envolvessem o trabalho arquivístico em instituições privadas (tipologias documentais, falta de publicação de material arquivístico para subsidiar o

desenvolvimento de certas ferramentas como Plano de Classificação). O Gráfico 29 ilustra esses percentuais com maior clareza.

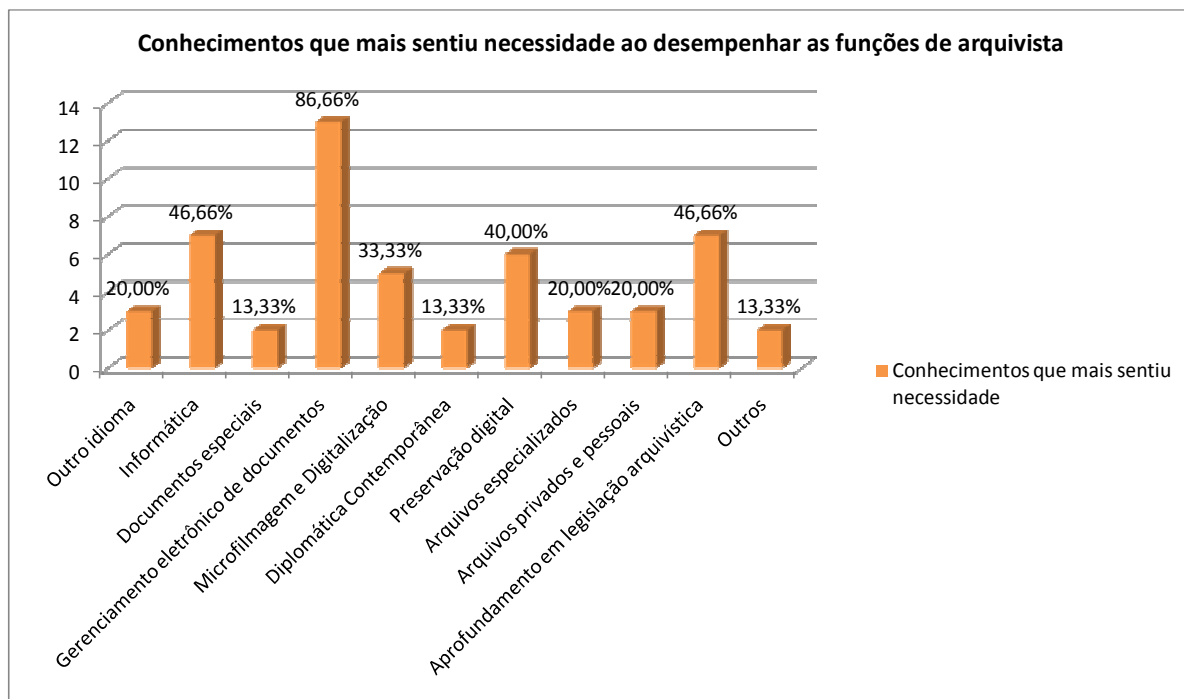


GRÁFICO 29 – Conhecimentos que mais sentiu necessidade no desempenho da função de arquivista

O último questionamento sobre atuação profissional procurou saber como os arquivistas classificavam seus conhecimentos a cerca das Tecnologias da Informação e sua aplicação no âmbito dos arquivos. A Tabela 18 reúne a opinião dos egressos sobre este tema.

TABELA 18 – Como classifica o domínio sobre as Tecnologias da Informação aplicadas aos arquivos

	População	Percentual
Ótimo	0	0%
Bom	6	40%
Regular	6	40%
Ruim	2	13%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

Nesse sentido, 40% dos pesquisados disseram ter um bom domínio sobre as Tecnologias da Informação aplicadas aos arquivos (GED, *Workflow*, SIGAD, etc.), 40% apontaram ter um domínio regular, 13% afirmaram ser ruim, 7% não opinaram e nenhum arquivista disse ter um ótimo domínio sobre as tecnologias. O Gráfico 30 traz estes dados melhor visualizados.

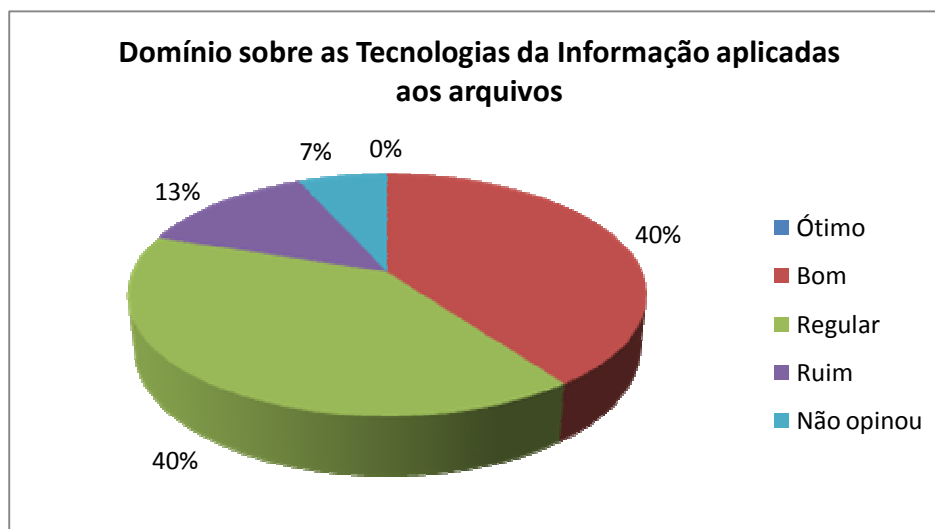


GRÁFICO 30 – Como classifica o domínio sobre as Tecnologias da informação aplicadas aos arquivos

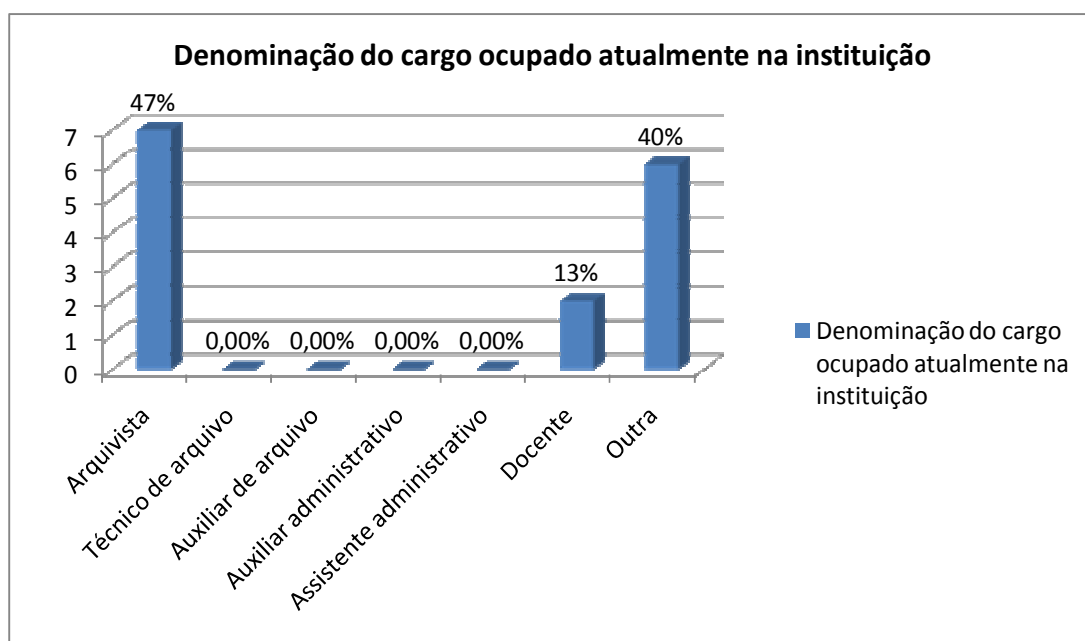
5.4 Aspectos da relação com a instituição empregadora atual

Com o objetivo de verificar os aspectos da relação dos arquivistas com a instituição empregadora atual, foram feitos dez questionamentos: qual a denominação do cargo ocupado atualmente, regime de trabalho, carga horária semanal de trabalho, qual é a instituição empregadora atual, a forma de ingresso na instituição, os requisitos para ingresso na instituição, se desempenha função de chefia de setor/departamento/divisão, se a instituição incentiva/subsidia o aperfeiçoamento, se tem apoio da administração superior para efetivar as ações do campo arquivístico e adquirir materiais e equipamentos e se considera adequada a remuneração salarial. As respostas obtidas para esses questionamentos apresentam-se a seguir.

TABELA 19 – Denominação do cargo ocupado atualmente na instituição

	População	Percentual
Arquivista	7	47%
Técnico de arquivo	0	0%
Auxiliar de arquivo	0	0%
Auxiliar administrativo	0	0%
Assistente administrativo	0	0%
Docente	2	13%
Outra	6	40%
TOTAL	15	100%

O resultado mostra que a maioria dos egressos ocupa nas instituições o cargo de arquivista (47%), 13% ocupam o cargo de docente em cursos de Arquivologia. Os outros cargos informados pelos entrevistados que não atuam como arquivistas foram: Técnico Bancário, Consultor arquivista, Consultor em Gestão de arquivos, Consultor de Projetos de Educação, Técnico de Nível Superior da área de Gestão e Planejamento e Sociólogo. O Gráfico 31 aponta a denominação e a porcentagem dos cargos ocupados atualmente pelos egressos.

**GRÁFICO 31 – Denominação do cargo ocupado atualmente na instituição**

Aos arquivistas foi perguntado qual o regime de trabalho que rege seu vínculo empregatício. Os resultados são explanados na Tabela 20.

TABELA 20 – Regime de trabalho

	População	Percentual
Estatuário	8	53%
Celetista	3	20%
Autônomo	1	7%
Outro	2	13%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

Com relação ao regime de trabalho, 53% dos entrevistados disseram pertencer ao regime estatutário, 20% ao regime celetista, 7% são autônomos, 7% não opinaram. 13% dos arquivistas apontaram outras formas de regime de trabalho, sendo elas: Pessoa Jurídica e Profissional Liberal através de Contrato de Serviços. O Gráfico 32 ilustra as porcentagens das formas de regime de trabalho.

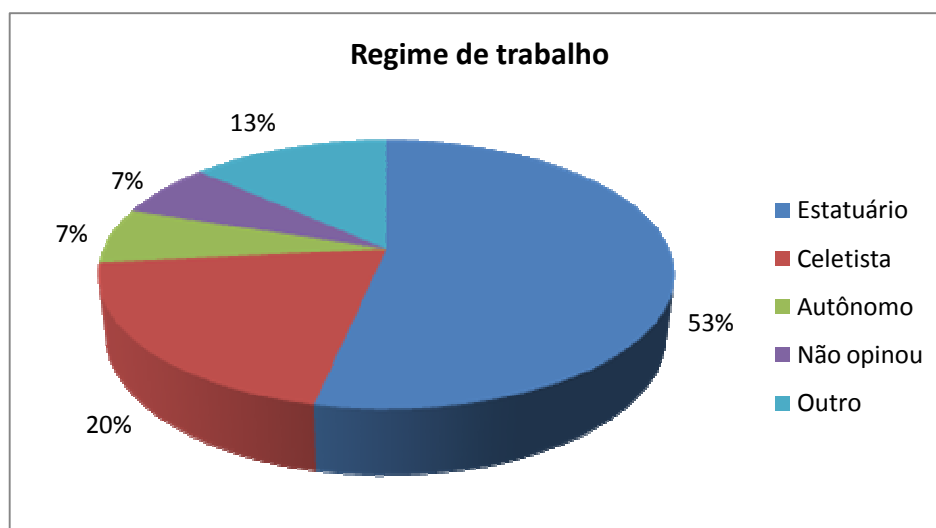


GRÁFICO 32 – Regime de trabalho

A carga horária semanal de trabalho também foi alvo de investigação na pesquisa, como é apresentado na Tabela 21.

TABELA 21 – Carga horária semanal de trabalho

	População	Percentual
20 horas	0	0%
30 horas	1	6%
40 horas	10	67%
Mais de 40 horas	1	7%
Outra	3	20%
TOTAL	15	100%

A maioria dos arquivistas (67%) apontou trabalhar 40 horas semanais, 6% disseram trabalhar 30 horas por semana, 7% mais de 40 horas semanais, enquanto que 20% apontaram outra carga horária, sendo elas: 35 horas, 28 horas e 17 horas semanais. O Gráfico 33 apresenta os percentuais da jornada de trabalho apontada pelos respondentes.

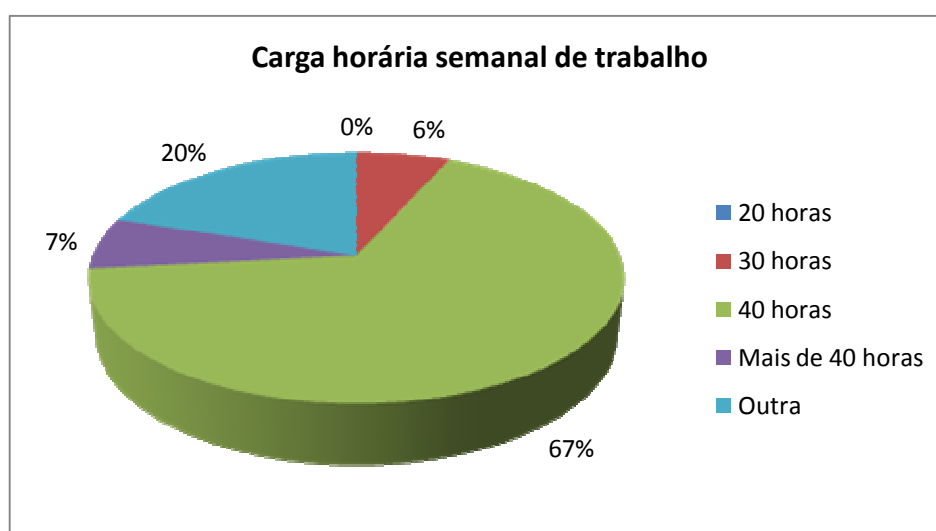


GRÁFICO 33 – Carga horária semanal de trabalho

Com o intuito de verificar onde atuam profissionalmente, foram pesquisadas as instituições onde os arquivistas desempenham suas atividades atualmente, como mostra a Tabela 22.

TABELA 22 – Instituição empregadora atual

	População	Percentual
Pública federal	6	40%
Pública estadual	5	33%
Pública municipal	0	0%
Empresa privada	4	27%
Autônomo	0	0%
Não trabalha	0	0%
TOTAL	15	100%

O resultado mostra que a maioria dos arquivistas está empregada em instituições públicas, sendo 40% em instituições federais e 33% em instituições públicas estaduais. O restante dos pesquisados (27%) apontaram atuar em empresas privadas. Nenhum arquivista apontou estar empregado em instituição pública municipal, ser autônomo ou não trabalhar. O Gráfico 34 ilustra essa situação.

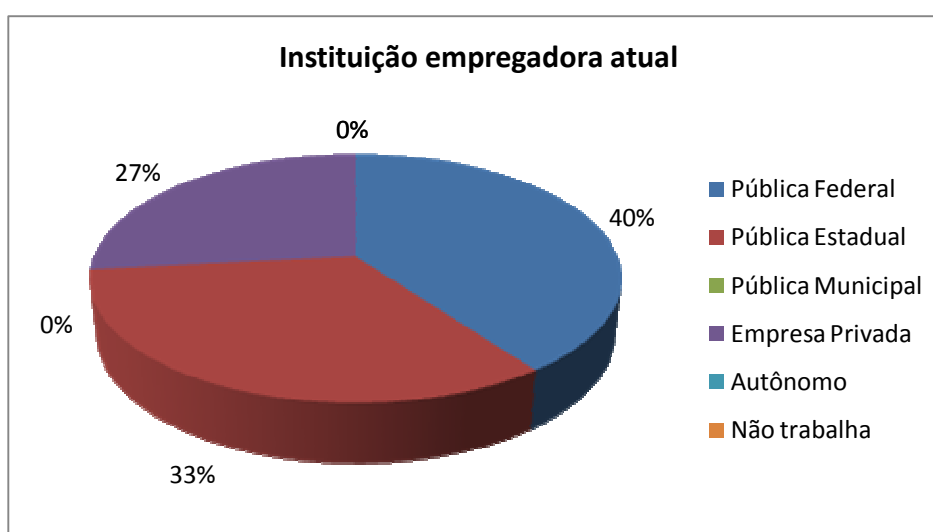


GRÁFICO 34 – Instituição empregadora atual

A forma como os arquivistas ingressaram na instituição também foi pesquisada, como apresenta a Tabela 23.

TABELA 23 – Forma de ingresso na Instituição

	População	Percentual
Concurso público/nomeação	11	73%
Contrato temporário	0	0%
Contrato	2	14%
Processo simplificado/análise de currículo	0	0%
Outra	0	0%
Não opinou	2	13%
TOTAL	15	100%

O maior percentual a esse quesito (73%) foi dos egressos que afirmaram ter ingressado nas instituições por concurso público/nomeação e 14% por contrato. 13% dos arquivistas não manifestaram opinião. As outras opções constantes no instrumento de coleta de dados: contrato temporário, processo simplificado/análise de currículo e outra forma de ingresso não tiveram respondentes. O Gráfico 35 demonstra esses percentuais.

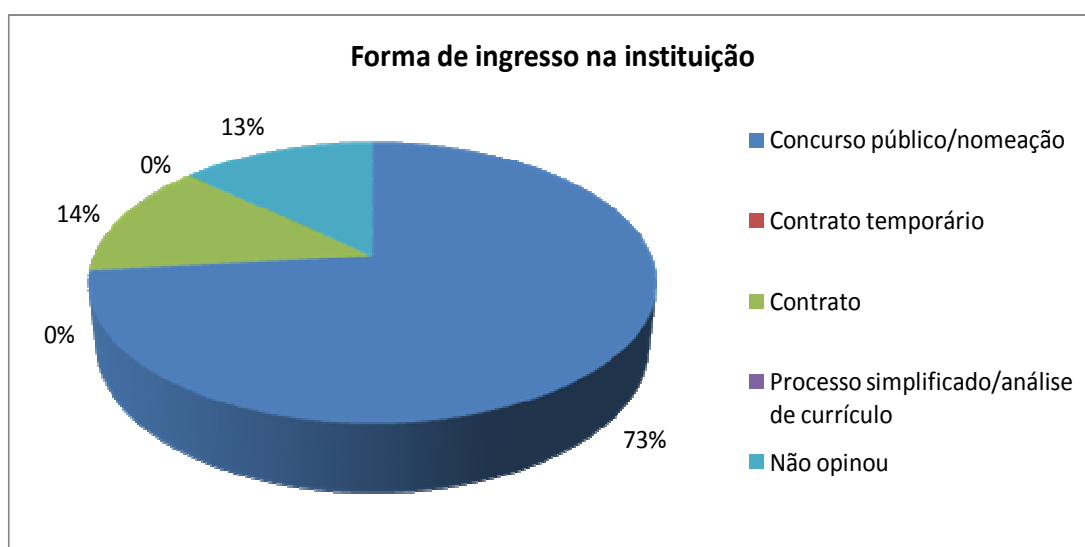


GRÁFICO 35 – Forma de ingresso na instituição

Como forma de aprofundar o conhecimento sobre o ingresso na instituição empregadora atual, foi perguntado aos arquivistas quais foram os requisitos para ingresso na instituição. Esta questão previa a múltipla escolha de alternativas, sendo os resultados apresentados na Tabela 24.

TABELA 24 – Requisitos para ingresso na instituição

	População	Percentual
Titulação universitária	12	80,00%
Conhecimento de informática	2	13,33%
Referências pessoais	3	20,00%
Experiência profissional	6	40,00%
Conhecimento de idioma	1	6,66%
Outros	2	13,33%

Pelos resultados obtidos observou-se que a titulação universitária foi o maior requisito para ingresso nas instituições (80,00%), seguido por experiência profissional (40%), referências pessoais (20,00%), conhecimento de informática (13,33%) e conhecimento de idioma (6,66%). Outro requisito (13,33%) apontado pelos egressos foi a aprovação em concurso público. O Gráfico 36 apresenta esses percentuais com maior clareza.

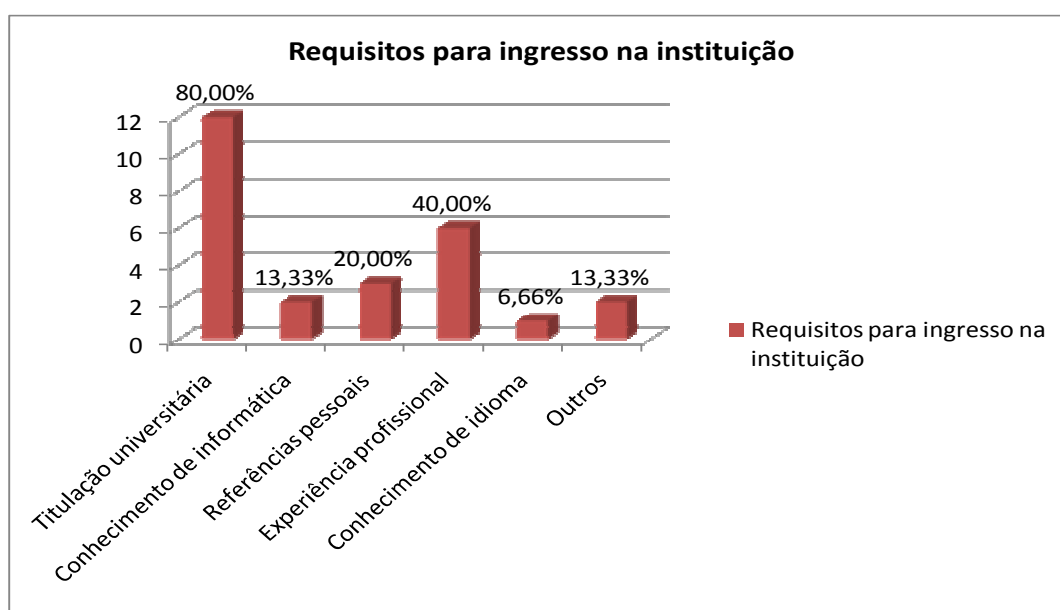


GRÁFICO 36 – Requisitos para ingresso na instituição

Aos arquivistas foi perguntado se desempenham função de chefia na instituição em que atuam. A Tabela 25 apresenta as respostas dos egressos.

TABELA 25 – Desempenha função de chefia de setor/departamento/divisão

	População	Percentual
Sim	4	27%
Não	10	67%
Não opinou	1	6%
TOTAL	15	100%

Nesse questionamento, 27% dos arquivistas afirmaram desempenhar função de chefia de setor/departamento/divisão, enquanto que 67% disseram não desempenhar função de chefia e 6% não opinaram. Um dos arquivistas que afirmou estar à frente de uma função de chefia apontou ser Coordenador de Curso de Arquivologia. O Gráfico 37 trás esses dados melhor visualizados.

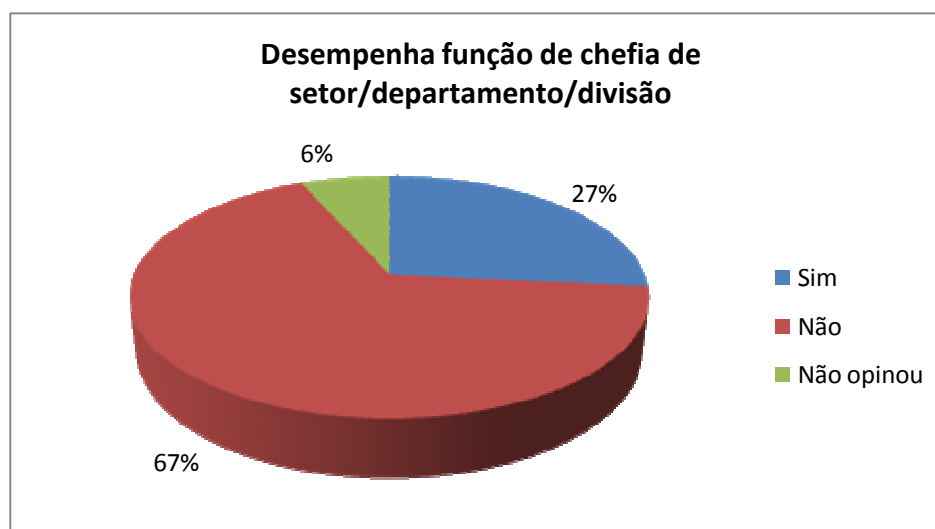


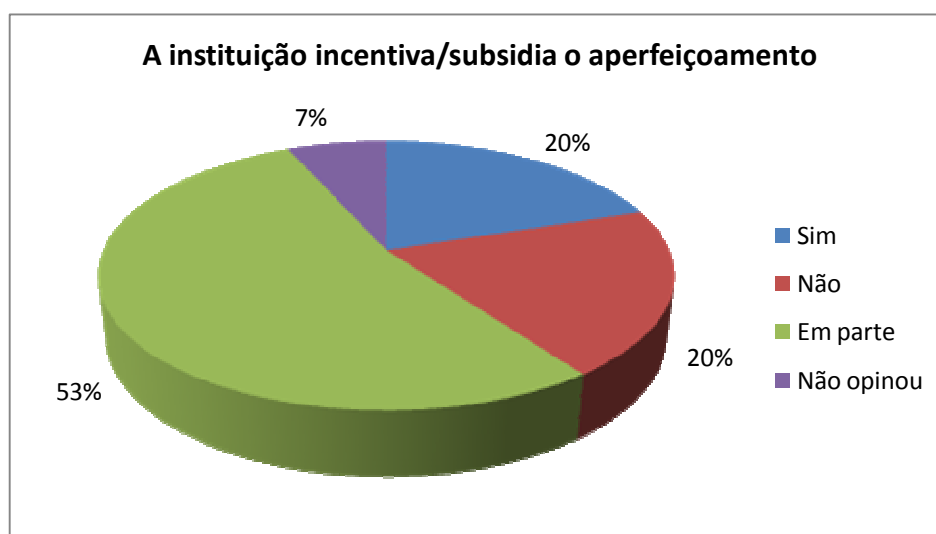
GRÁFICO 37 – Desempenha função de chefia de setor/departamento/divisão

A pesquisa procurou saber se a instituição incentiva ou subsidia o aperfeiçoamento dos profissionais, cujas respostas são mostradas na Tabela 26.

TABELA 26 – A instituição incentiva/subsidia o aperfeiçoamento

	População	Percentual
Sim	3	20%
Não	3	20%
Em parte	8	53%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

O resultado da pesquisa mostra que 53% dos arquivistas são incentivados ou recebem incentivos em parte, enquanto que 20% afirmaram receber subsídio da instituição para aperfeiçoamento e 20% apontou não receber incentivo algum. 7% não opinaram, conforme explanado no Gráfico 38.

**GRÁFICO 38 – A instituição incentiva/subsidia o aperfeiçoamento**

Aos arquivistas foi feito o questionamento sobre conseguir ou não efetivar as ações da área arquivística em seu campo de atuação, bem como se recebem apoio da instituição para adquirir materiais e/ou equipamentos para o desenvolvimento de suas atividades. As respostas são explanadas na Tabela 27.

TABELA 27 – Tem apoio para efetivar as ações do campo arquivístico e/ou para adquirir materiais e equipamentos

	População	Percentual
Sim	4	27%
Não	0	0%
Em parte	5	33%
Não atuo como arquivista	6	40%
TOTAL	15	100%

No que se refere ao apoio por parte da administração superior para que as ações do campo arquivístico se tornassem efetivas e/ou para adquirir materiais e equipamentos quando necessário, 27% dos arquivistas afirmaram receber apoio da administração para esses fins, 33% apontaram ser assistidos em parte e 40% dos entrevistados disseram não atuar como arquivista no momento, como pode ser visualizado no Gráfico 39.

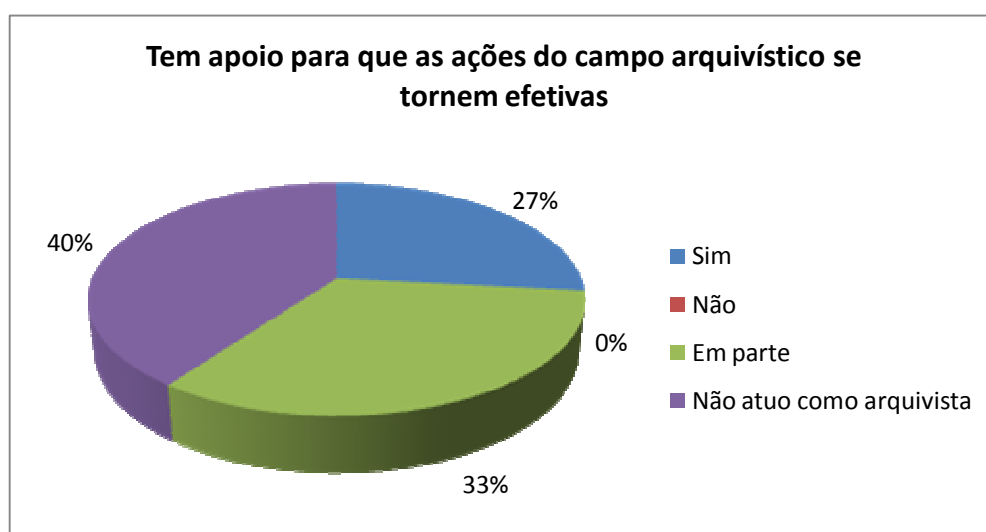


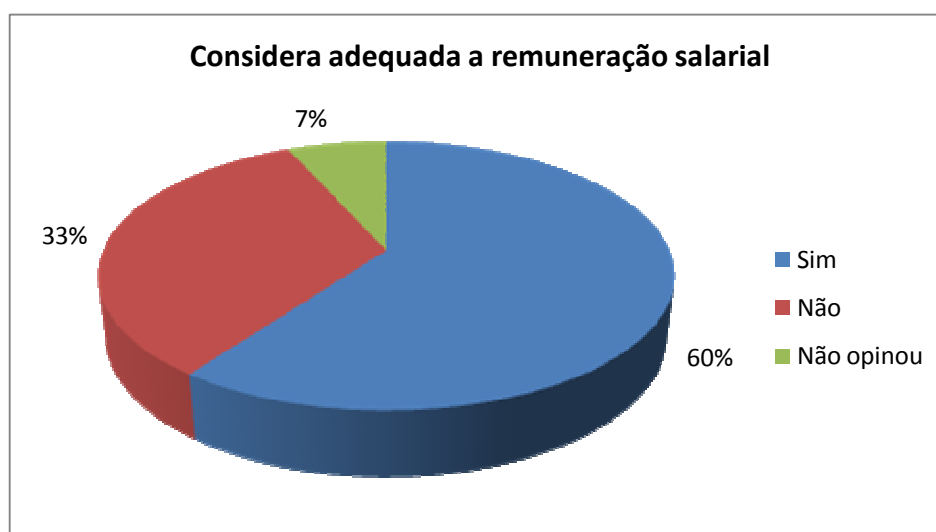
GRÁFICO 39 – Tem apoio para efetivar as ações do campo arquivístico e/ou para adquirir materiais e equipamentos

A última abordagem aos arquivistas no que se referiu à relação destes com a instituição empregadora atual foi sobre considerar adequada a remuneração salarial. A opinião dos egressos é apresentada na Tabela 28.

TABELA 28 – Considera adequada a remuneração salarial

	População	Percentual
Sim	9	60%
Não	5	33%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

A predominância entre os pesquisados (60%) é dos que consideram justa a remuneração recebida pelas instituições em que atuam, 33% não consideram adequada a remuneração atual e 7% não opinaram. O Gráfico 40 traz essas informações de modo a ilustrar a opinião dos arquivistas.

**GRÁFICO 40 – Considera adequada a remuneração salarial**

5.5 Aspectos das relações interpessoais de trabalho

Com o intuito de verificar aspectos das relações interpessoais dos arquivistas com os demais profissionais de outras áreas, foram feitos cinco questionamentos: se o arquivista é respeitado pelos profissionais de outras áreas, se o trabalho do arquivista é reconhecido e valorizado pelos colegas de outras áreas de formação, se a opinião do arquivista é levada em

consideração quando o debate com outros profissionais é sobre atividades arquivísticas, se o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com não arquivistas e se quando outros profissionais realizam atividades arquivísticas a qualidade técnica do trabalho fica comprometida. Essas seis questões foram dirigidas diretamente aos profissionais que estão atualmente desempenhando a profissão de arquivista. Os resultados desses questionamentos apresentam-se a seguir.

TABELA 29 – O arquivista é respeitado por profissionais de outras áreas

	População	Percentual
Sim	5	33%
Não	1	7%
Às vezes	2	13%
Não opinou	7	47%
TOTAL	15	100%

Pelos resultados obtidos verificou-se que para 33% dos entrevistados, o arquivista é respeitado pelos colegas de outras áreas, 13% acreditam que às vezes o arquivista é respeitado para 7% o arquivista não é respeitado pelos outros profissionais. 47% dos entrevistados não opinaram por não estarem atuando como arquivista no momento, como é possível notar no Gráfico 41.



GRÁFICO 41 – O arquivista é respeitado por profissionais de outras áreas

Como o trabalho desempenhado pelo arquivista é visto pelos demais colegas de outras áreas, também foi alvo da investigação, como mostra a Tabela 30.

TABELA 30 – O seu trabalho é reconhecido e valorizado pelos colegas de outras áreas de formação

	População	Percentual
Sim	5	40%
Não	1	6%
Às vezes	2	13%
Não opinou	7	47%
TOTAL	15	100%

Para 40% dos entrevistados, o trabalho do arquivista é valorizado e reconhecido pelos profissionais de outras áreas de formação, enquanto que para 13% as atividades do arquivista são valorizadas às vezes, nenhum dos entrevistados acredita que o trabalho do arquivista não é valorizado e reconhecido. 47% dos arquivistas não opinaram, como é possível visualizar no Gráfico 42.

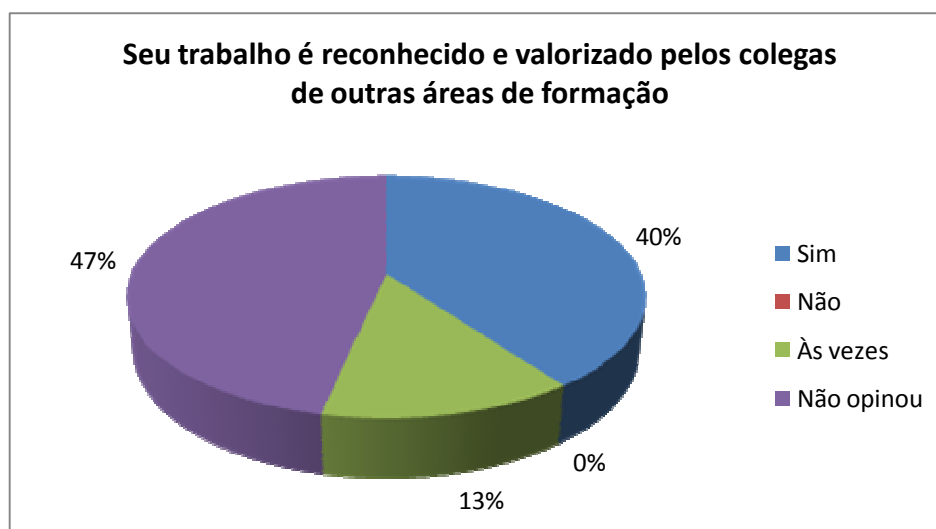


GRÁFICO 42 – O seu trabalho é reconhecido e valorizado pelos colegas de outras áreas de formação

A Tabela 31 mostra como a opinião do arquivista é vista pelos outros profissionais quando envolvem atividades arquivísticas.

TABELA 31 – Sua opinião é levada em consideração no debate sobre atividades arquivísticas com outros profissionais

	População	Percentual
Sim	6	40%
Não	0	0%
Às vezes	2	13%
Não opinou	7	47%
TOTAL	15	100%

Quanto ao questionamento de no debate sobre atividades arquivísticas a opinião do arquivista ser levada em consideração, 40% dos entrevistados disseram que sim, são ouvidos, para 13% a opinião do arquivista é considerada às vezes. Nenhum entrevistado acredita que a opinião do arquivista não é levada em consideração no debate sobre atividades arquivísticas com colegas de outras áreas de formação. 47% dos pesquisados não opinaram. O Gráfico 43 ilustra essa situação.

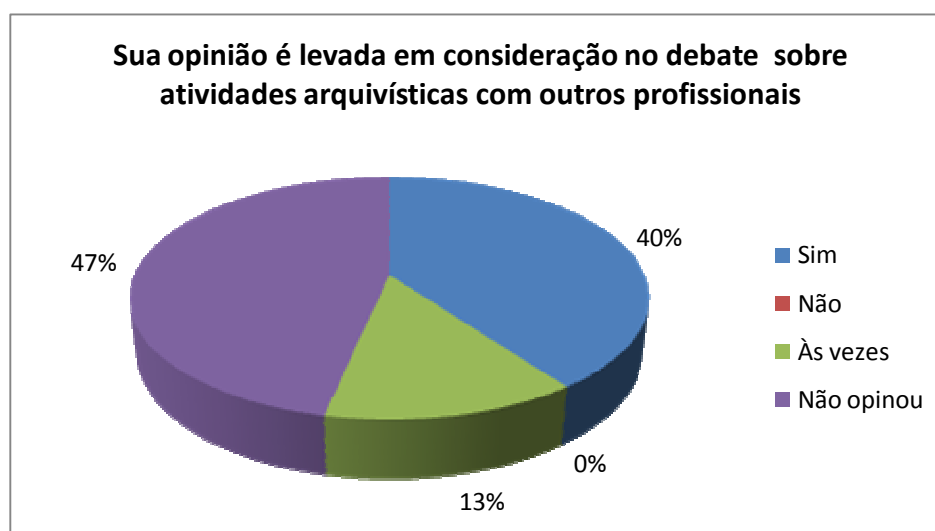


GRÁFICO 43 – Sua opinião é levada em consideração no debate sobre atividades arquivísticas com outros profissionais

O compartilhamento de atividades arquivísticas com outros profissionais também foi questionado aos arquivistas, que opinaram da forma apresentada na Tabela 32.

TABELA 32 – Acredita que o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com não arquivistas

	População	Percentual
Sim	5	33%
Não	2	13%
Nem sempre	1	7%
Não opinou	7	47%
TOTAL	15	100%

Através das respostas pode-se verificar que para 33% dos entrevistados o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com outros profissionais não arquivistas, 13% acreditam que o trabalho arquivístico só pode ser desenvolvido por um arquivista, 7% apontam que nem sempre o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com não arquivistas. 47% dos entrevistados não opinaram. O Gráfico 44 traz esses dados melhor visualizados.

**GRÁFICO 44 - Acredita que o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com não arquivistas**

A qualidade do trabalho desenvolvido por outros profissionais, que não o arquivista, também foi alvo de questionamento aos egressos, que se manifestaram conforme o que apresenta a Tabela 33.

TABELA 33 – Acredita que quando não arquivistas realizam atividades arquivísticas a qualidade técnica do trabalho fica comprometida

	População	Percentual
Sim	3	20%
Não	0	0%
Nem sempre	5	33%
Não opinou	7	47%
TOTAL	15	100%

Com relação ao questionamento de outros profissionais realizarem atividades arquivísticas, 20% dos entrevistados disseram que a qualidade técnica do trabalho fica comprometida, 30% acreditam que nem sempre o trabalho realizado por não arquivistas fica comprometido, nenhum dos arquivistas afirmou que a realização do trabalho arquivístico por outros profissionais comprometeria a qualidade das atividades. 47% não opinaram, como é possível visualizar no Gráfico 45.

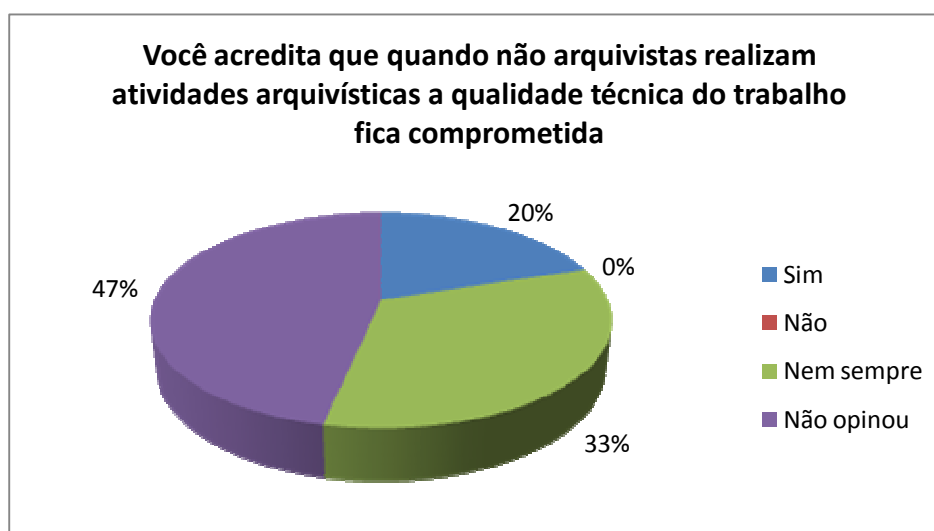


GRÁFICO 45 – Acredita que quando não arquivistas realizam atividades arquivísticas a qualidade técnica do trabalho fica comprometida

Esse questionamento previa que os arquivistas justificassem a opinião sobre o trabalho arquivístico poder ou não ser compartilhado com outros profissionais, sendo apresentada a posição dos egressos no Quadro 6.

QUADRO 6 – Justificativas quanto a realização de atividades arquivísticas por outros profissionais

QUESTIONAMENTO	POPULAÇÃO	RESPOSTAS
5.5 Quando não arquivistas realizam atividades arquivísticas, você acredita que a qualidade técnica do trabalho fica comprometida?	8	<ul style="list-style-type: none"> - Sim, certas demandas de nosso trabalho só podem ser executadas por profissionais preparados, de acordo com as teorias arquivísticas e com nossa experiência profissional. - Sim, a grande maioria executa trabalho de arquivo baseando-se em conhecimento empírico e não no conhecimento técnico-científico. - Nem sempre, depende do comprometimento de quem realiza a atividade e da orientação de um profissional qualificado, no caso, um arquivista. - Nem sempre, se as atividades realizadas são definidas, acompanhadas e revisadas por arquivistas acredito que são confiáveis. - Nem sempre, muitas vezes pessoas que trabalharam anos em arquivos têm um vasto conhecimento sobre o acervo e a prática adquirida por essas pessoas deve ser levada em consideração para a adequação do trabalho arquivístico, mas, muitas vezes eles também têm muito a colaborar com os arquivistas. - Nem sempre, mesmo no empirismo se encontra metodologia que poderá ser transformada e qualificada pelo profissional arquivista.

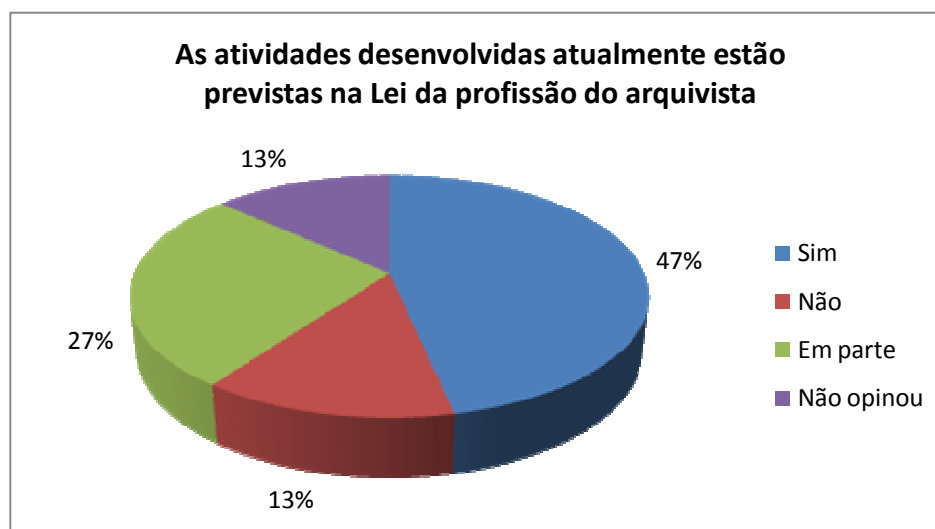
5.6 Aspectos de legalização e reconhecimento da profissão

Com a finalidade de verificar aspectos relacionados à legalização e reconhecimento profissional, foram aplicadas sete questões aos arquivistas através das quais buscou-se levantar os seguintes dados: as atividades desenvolvidas atualmente estão previstas na lei da profissão do arquivista, tem conhecimento ou procura manter-se informado sobre a legislação arquivística vigente e as resoluções do CONARQ, é filiado a alguma entidade ou associação profissional de arquivistas, considera que a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia que atenda os anseios profissionais da categoria é um empecilho para que a profissão de arquivista conquiste maior reconhecimento no mercado de trabalho, possui registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho, qual a principal expectativa profissional em relação ao futuro, se acredita que a profissão de arquivista está em ascensão e se vislumbra uma maior visibilidade profissional para a categoria no futuro. As respostas obtidas a essas questões são apresentadas a seguir.

TABELA 34 – As atividades desenvolvidas atualmente estão previstas na Lei da profissão do arquivista

	População	Percentual
Sim	7	47%
Não	2	13%
Em parte	4	27%
Não opinou	2	13%
TOTAL	15	100%

Com relação às atividades desenvolvidas, 47% dos entrevistados disseram que as atividades desempenhadas no momento estão previstas na Lei da profissão do arquivista, para 27% as atuais atividades estão contidas em parte na Lei nº 6.546 de 4 de julho de 1978, enquanto que para 13% a referida lei não contempla as atividades que desempenham hoje, 13% não opinaram. Os percentuais relacionados a esse questionamento são apresentados no Gráfico 46.

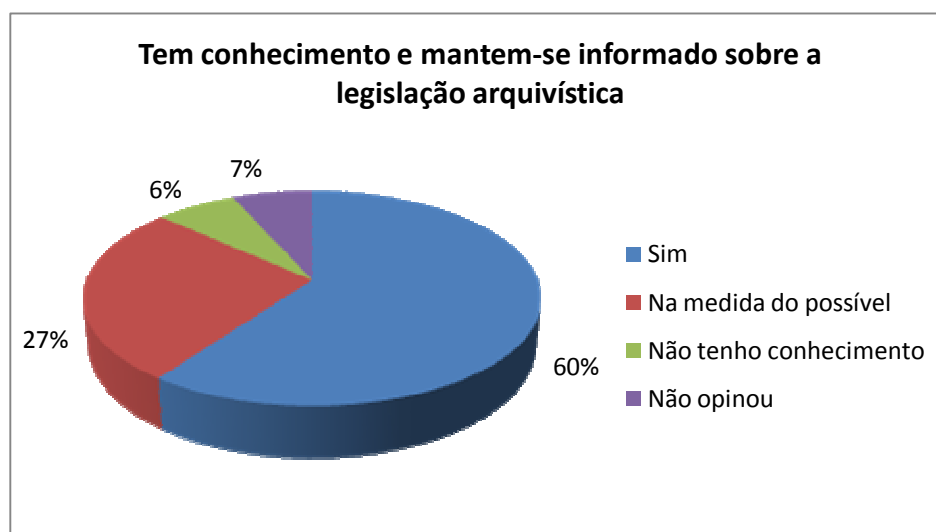
**GRÁFICO 46 - As atividades desenvolvidas atualmente estão previstas na Lei da profissão do arquivista**

Como a legislação relacionada aos arquivos e que regulamentam o acesso à informação é ampla e modifica-se com muita frequência, a pesquisa perguntou aos egressos se os mesmos tinham conhecimento ou mantinham-se informados sobre essa questão. As respostas dos arquivistas são mostradas na Tabela 35.

TABELA 35 – Tem conhecimento e mantém-se informado sobre a legislação arquivística

	População	Percentual
Sim	9	60%
Na medida do possível	4	27%
Não tenho conhecimento	1	6%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

O resultado da pesquisa mostra que a maioria dos arquivistas (60%) procura manter-se informado e acompanhar a legislação arquivística, incluindo-se as resoluções do CONARQ, 27% afirmaram manter-se informados sobre a legislação na medida do possível, 6% não têm conhecimento à cerca da legislação e 7% não opinaram. O Gráfico 47 apresenta melhor esses dados.

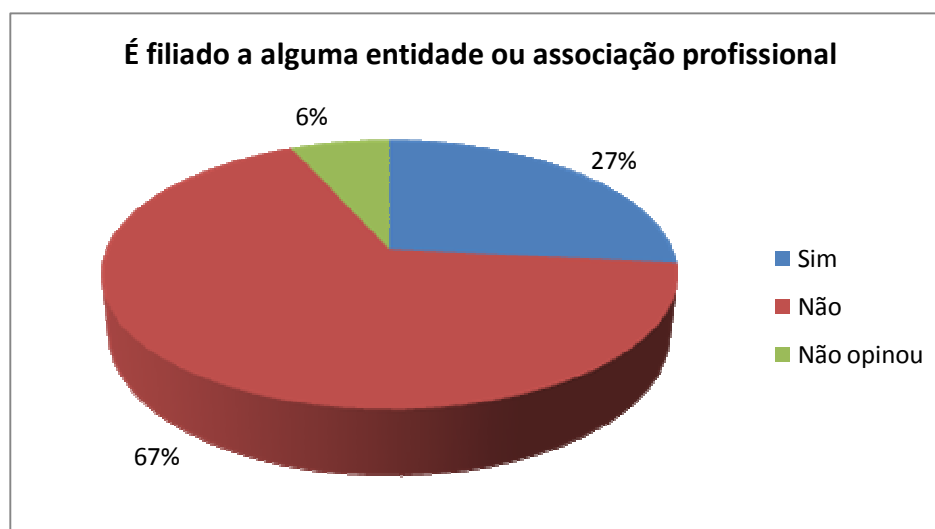
**GRÁFICO 47 - Tem conhecimento e mantém-se informado sobre a legislação arquivística**

Com o objetivo de conhecer o envolvimento dos egressos com os movimentos associativos, foi perguntado se os mesmos são filiados a uma entidade ou associação profissional de arquivistas, sendo as respostas a este questionamento explanadas na Tabela 36.

TABELA 36 – É filiado a alguma entidade ou associação profissional de arquivistas

	População	Percentual
Sim	4	27%
Não	10	67%
Não opinou	1	6%
TOTAL	15	100%

No que se refere à filiação a uma associação profissional, 27% dos entrevistados afirmaram ter ligação com alguma entidade ou associação profissional, enquanto que 67% disseram não ser filiados a nenhuma entidade, 6% não opinaram. O instrumento de coleta de dados solicitava que, caso o arquivista fosse filiado a alguma entidade, especificasse o nome da associação e indicasse o ano de adesão. Os quatro respondentes apontaram ser filiados a Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul – AARS, com adesão nos anos de 1999, 2000 e 2001, respectivamente. Um arquivista não indicou o ano de adesão. O Gráfico 48 traz essas informações de modo a ilustrar a situação dos arquivistas em relação ao associativismo profissional.

**GRÁFICO 48 – É filiado a alguma entidade ou associação profissional de arquivistas**

A opinião dos arquivistas sobre a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia e o impacto sobre o reconhecimento profissional também foi alvo da investigação. A Tabela 37 apresenta as respostas dos egressos.

TABELA 37 – Considera a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia um empecilho para que a profissão seja mais reconhecida

	População	Percentual
Sim	12	80%
Não	2	13%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

Quanto ao questionamento de considerar a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia como um empecilho para que a profissão conquistasse maior reconhecimento, a grande maioria dos arquivistas (80%) acredita que a ausência de um conselho é fator preponderante para que a profissão não seja mais valorizada e reconhecida, ao passo que 13% não vêem uma ligação entre a ausência de um conselho com o maior reconhecimento profissional, 7% dos entrevistados não opinaram. O Gráfico 49 ajuda a observar esses percentuais.



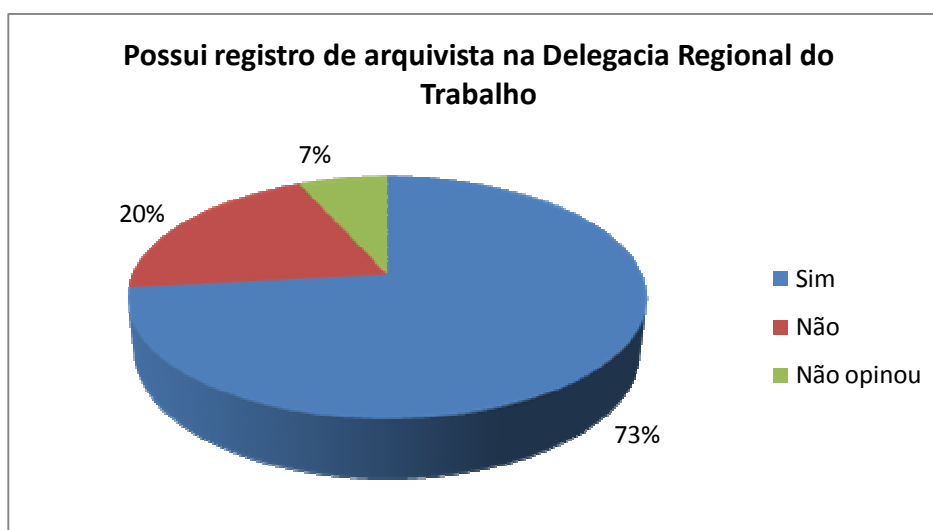
GRÁFICO 49 – Considera a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia um empecilho para que a profissão seja mais reconhecida

Foi ainda questionado aos egressos se possuíam o registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho (DRT), como mostra a Tabela 38.

TABELA 38 – Possui registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho (DRT)

	População	Percentual
Sim	11	73%
Não	3	20%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

Pelos resultados obtidos observa-se que a maioria dos entrevistados (73%) possui registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho do Ministério do Trabalho, requisito exigido na Lei nº 6.546 de 4 de julho de 1978 para o exercício da profissão. 20% dos arquivistas ainda não possuem registro na DRT, 7% não opinaram, conforme explanado no Gráfico 50.

**GRÁFICO 50 – Possui registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho (DRT)**

A pesquisa procurou averiguar quais os anseios dos arquivistas em relação ao futuro, focando nas principais expectativas que estes ainda almejam alcançar profissionalmente. A Tabela 39 reúne essas informações e apresenta os percentuais.

TABELA 39 – Principal expectativa profissional em relação ao futuro

	População	Percentual
Alcançar cargo de chefia	1	6,66%
Fazer outra graduação	1	6,66%
Mudar de local de trabalho	4	26,66%
Fazer pós-graduação	0	0,00%
Fazer outra pós-graduação	4	26,66%
Maior reconhecimento profissional	5	33,33%
Outra	5	33,33%

O questionamento sobre a expectativa profissional em relação ao futuro previa a possibilidade de múltipla escolha, a maioria dos arquivistas (33,33%) apontou como principal expectativa o maior reconhecimento profissional, seguido pela alternativa de fazer outra pós-graduação (26,66%) e mudar de local de trabalho (26,66%), 6,66% querem fazer outra graduação e 6,66% almejam alcançar cargo de chefia na atual instituição que se encontram. Nenhum arquivista apontou a expectativa de fazer pós-graduação. 33,33% ainda apontaram outras expectativas profissionais com relação ao futuro, tais como: obter registro em um Conselho Profissional, dar continuidade aos trabalhos e projetos que vem desenvolvendo e alcançar metas institucionais de longo prazo, maior entrelaçamento das áreas da Ciência da Informação e passar em outro concurso para um emprego no qual o salário seja mais adequado às funções exercidas. O Gráfico 51 demonstra essas dados com maior clareza.

**GRÁFICO 51 – Principal expectativa profissional em relação ao futuro**

O último questionamento do instrumento de coleta de dados previa saber a opinião dos arquivistas sobre a profissão estar em ascensão e se estes visualizavam um maior reconhecimento profissional no futuro, como mostra a Tabela 40, que reúne as informações da população respondente com os respectivos percentuais.

TABELA 40 – Acredita que a profissão de arquivista está em ascensão

	População	Percentual
Sim	13	87%
Não	1	6%
Não opinou	1	7%
TOTAL	15	100%

O resultado mostra que a grande maioria dos entrevistados (87%) acredita que a profissão de arquivista está em ascensão e vislumbram maior visibilidade para a categoria no futuro, enquanto que 6% não vêem uma ascensão da profissão no momento, 7% não opinaram. O Gráfico 52 ilustra essa situação.

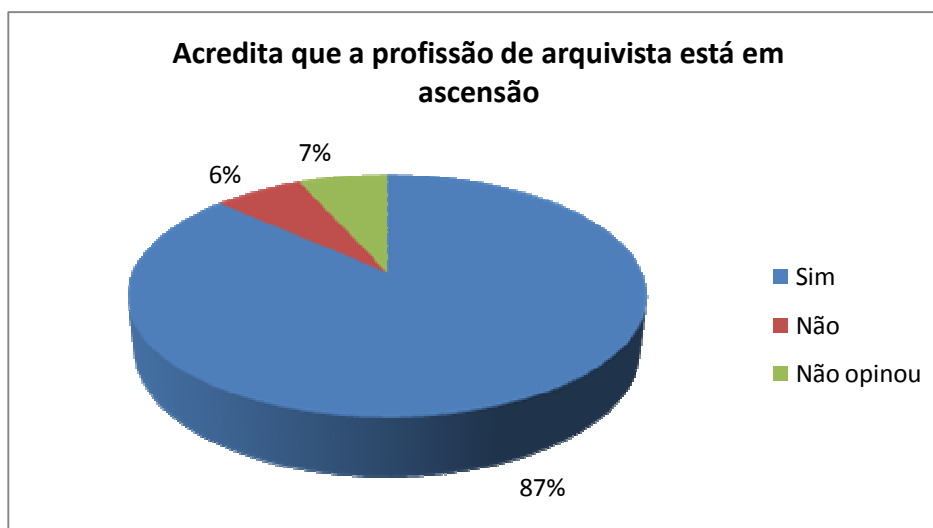


GRÁFICO 52 – Acredita que a profissão de arquivista está em ascensão

Esta questão pedia que os pesquisados explicassem o porquê de acreditar ou não que a profissão estaria em ascensão e se visualizariam uma maior visibilidade nos próximos anos.

As justificativas a essas perguntas são reunidas no Quadro 7 de forma a colaborar para o esclarecimento dessa questão.

QUADRO 7 – Justificativas quanto acreditar que a profissão de arquivista está em ascensão

QUESTIONAMENTO	POPULAÇÃO	RESPOSTAS
<p>6.7 Você acredita que a profissão de arquivista está em ascensão? E vislumbra uma maior visibilidade profissional para a categoria no futuro? Explique sua resposta.</p>	<p>12</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Embora não atue diretamente na área acompanho e posso visualizar através da atuação dos amigos e ex-colegas, um significativo crescimento da profissão e das oportunidades de trabalho. - Acredito que a ascensão é óbvia, pois quando ingressei no Curso só existiam quatro graduações no Brasil. Hoje, a Arquivologia está em praticamente todas as regiões. A questão da visibilidade é complicada, porque pelo que vejo é algo que os arquivistas sonham desde sempre, mas na realidade nunca conseguiram. Acho que cada um luta pelo seu espaço individualmente. - Acredito que nos últimos anos a profissão está mais reconhecida, abriram vários concursos na área, mas ainda não é valorizada como deveria, acho que tem muito a ser feito. - Entendo que o profissional da informação está cada vez mais sendo requisitado, tendo em vista as necessidades do mercado. Há uma grande oferta de vagas por meio de concursos públicos, fato que não ocorria há dez anos. - Além da visível abertura do mercado de trabalho, basta observar o número de Universidades que hoje oferecem o Curso. - Em Brasília é uma profissão reconhecida. - Entendo que a Arquivologia tem que dar maior ênfase no que se refere às Tecnologias da Informação, assim como constituir o Conselho da profissão para crescermos profissionalmente. - Considerando-se os fatores como os editais para concurso público para arquivista e a criação de Cursos de Arquivologia, considero um mercado promissor. Isto sem mencionar as oportunidades na iniciativa privada. Entretanto, os arquivistas devem estar atentos para a necessidade de qualificação profissional constante, pois o Curso de Graduação é o início da construção de um conjunto de habilidades necessárias ao exercício profissional. - Sobre esta pergunta, gostaria que houvesse a resposta “em parte”, pois penso que no serviço público (nos locais que conheço) a profissão e o profissional arquivista são extremamente valorizados e reconhecidos, tendo o reconhecimento por parte dos colegas, chefes e amplas condições de trabalho. Já no campo privado, é com pesar que reconheço que, a não ser nos grandes centros urbanos, nossa profissão não é muito reconhecida, inclusive na cidade de Santa Maria, onde temos um ótimo curso na UFSM, e infelizmente, somos quase “estranhos” em nossa cidade. - Ainda somos muito desconhecidos pelo mercado de

		<p>trabalho. Como dizem: “Arquivista, Arquivologia, nem sabia que existia essa profissão”.</p> <p>- Muitas questões têm levado a valorização e a busca pelo trabalho dos arquivistas: as empresas que implantam ISO precisam das informações organizadas, a alta competitividade no mundo dos negócios exige a recuperação da informação em tempo hábil; para atender as exigências legais do prazo de guarda dos documentos, as empresas precisam instituir a classificação e a temporalidade documental. As empresas privadas em geral estão mais preocupadas com as questões de organização documental devido à grande perda de documentos e pagamentos de multas por não apresentarem documentos importantes aos órgãos competentes, quando solicitados.</p> <p>- Acredito que o mercado está cada vez mais consciente da necessidade de ter arquivistas em seu quadro funcional, pois a necessidade de manter as informações e fazer com que ela chegue no tempo certo nas mãos das pessoas certas, está cada vez maior. Quanto à maior visibilidade, acredito que também dependa muito dos próprios arquivistas de fazer e impor as atividades de arquivo e não simplesmente arquivar papéis! É necessário que haja uma maior união da categoria e uma luta por salários mais dignos e maior abertura de vagas nos concursos, onde a grande maioria das vagas hoje é preenchida por bibliotecários que se dizem profissionais da informação e fazem os concursos preenchendo os espaços dos arquivistas.</p>
--	--	--

5.7 Percepções da coordenação do Curso de Arquivologia

Como forma de levantar alguns dados para a realização inicial da pesquisa e conhecer a opinião dos formadores dos profissionais arquivistas, foi realizada entrevista estruturada com a coordenação do Curso de Arquivologia da UFSM. Dessa forma, o roteiro que previa cinco questões foi aplicado com a última coordenação: Gestão 2010-2012, período em que a pesquisa começou a ser realizada e a atual coordenação: Gestão 2012-2014, quando o estudo foi concluído, com a finalidade de conhecer o quantitativo de arquivistas formados até o momento bem como a visão que as duas coordenações teriam sobre possíveis reformulações curriculares que beneficiariam a formação oferecida pelo Curso de Arquivologia.

5.7.1 Percepção da coordenação da Gestão 2010-2012

Questionado sobre o número de arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM até a data de realização da entrevista, o Coordenador da Gestão 2010-2012 informou que seriam 648 arquivistas. Sobre o quantitativo de arquivistas formados no ano de 2001, o mesmo informou que foram 23 arquivistas.

Indagado sobre quais as principais mudanças observadas no perfil do profissional arquivista formado pelo currículo de 1994 e pelo currículo vigente (2004), este informou que seria a inserção da iniciação científica através do eixo de pesquisa, que inicia com a Metodologia da Pesquisa, segue com Seminário I e II e culmina com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Quando perguntado sobre quais seriam as percepções sobre as mudanças ainda necessárias de acontecerem em um currículo futuro, o Coordenador aponta que seriam pendências “sérias e graves” no tocante à Gestão Arquivística de Documentos Digitais, da possibilidade de abordar o estatuto do documento digital, dos SIGADs, da Diplomática Contemporânea, etc., estas seriam as mais sensíveis e necessárias, porém outras mudanças ainda são também necessárias, mas já devidamente registradas em processos avaliativos do currículo. Na opinião do respondente, a questão da abordagem da Gestão Arquivística de Documentos Digitais é que em geral estas pendências ou não são tratadas como urgentes, ou há problemas como falta de convencimento dessas urgências quando dos levantamentos sobre as necessidades de revisões curriculares.

Foi ainda questionado ao Coordenador, qual seria o período necessário para um arquivista estabilizar-se na profissão, o mesmo respondeu que sentia-se pouco confortável com essa resposta, pois não tinha informações suficientes para tal, mas se pudesse especular sobre um tema assim diria que algo em torno de três anos, e justifica esse período pensando no estágio probatório do serviço público federal, que deve ter seu fundamento para definição de tal período para julgar que após este período o servidor estaria estabilizado no seu cargo/carreira.

5.7.2 Percepção da coordenação da Gestão 2012-2014

Quando perguntado sobre qual seria o número de arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM até a data de realização da entrevista, o Coordenador da atual gestão informou que segundo o registro na página do Curso de Arquivologia seriam 648 egressos. Quanto ao quantitativo de arquivistas formados pelo Curso no ano de 2001 respondeu que seriam 23 egressos.

Na ótica do atual Coordenador, para estabelecer quais mudanças ocorreram no perfil do profissional arquivista formado pelo currículo de 1994 para o de 2004, seria necessário fazer uma investigação que tivesse como objetivo este aspecto, mas complementa dizendo que em relação ao perfil adquirido pelo currículo houve a incorporação de disciplinas relacionadas ao uso das tecnologias como ferramentas para o desenvolvimento das atividades arquivísticas.

Indagado sobre quais seriam as suas percepções sobre as mudanças ainda necessárias de acontecerem em uma possível reforma curricular, acredita que o currículo ideal nunca será alcançado, considerando as mudanças rápidas e constantes que estão se processando em nosso ambiente. Entretanto, em sua percepção, mudanças devem ocorrer na abordagem adotada pelos professores quando assumem as disciplinas, buscando todo ano apresentar algo novo e que venha a contribuir para a formação de arquivistas pró-ativos.

Na opinião do Coordenador, o período necessário para um arquivista estabilizar-se na profissão seria o período de cinco anos, que é um tempo razoável para o profissional se estabilizar, considerando que os três primeiros anos após a colação de grau são investidos em buscar um aperfeiçoamento para complementar a formação recebida durante a graduação.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para que fosse traçado o perfil do arquivista formado pela UFSM, foi necessária a análise de um conjunto de fatores que buscou identificar aspectos relacionados à formação e atuação desse profissional. Nesse sentido, o processo de análise e discussão dos resultados seguiu a mesma lógica utilizada na apresentação dos resultados, a partir dos blocos de perguntas do instrumento de coleta de dados, que são as características socioeconômicas, formação acadêmica e capacitação profissional, inserção no mercado de trabalho e atuação profissional, relação com a instituição empregadora atual, relações interpessoais de trabalho e legalização e reconhecimento da profissão na ótica dos arquivistas formados pela UFSM, com pelo menos dez anos de atuação profissional.

Dessa forma, é apresentada a seguir a análise qualitativa dos dados obtidos através da realização da pesquisa, com o objetivo de relacioná-los e discuti-los com a teoria arquivística de forma que justifique os seus significados.

6.1 Características socioeconômicas

A análise dos aspectos socioeconômicos dos arquivistas, relacionada ao gênero mostrou que a grande maioria dos egressos é constituída por pessoas do sexo feminino. Essa panorâmica já foi apresentada em outras pesquisas, como a realizada por Link (2009), cujo resultado apontou a predominância de arquivistas mulheres atuando no mercado de trabalho. Em pesquisa mais recente, Souza (2011) informa que em todo o Brasil, é maior a frequência de profissionais do sexo feminino. Zanini (2010) também enfatiza que a predominância feminina entre os egressos dos cursos de Arquivologia é comum.

No que diz respeito à faixa etária, a predominância é de arquivistas entre 30 a 34 anos, com menor frequência entre os que possuem entre 35 a 39 anos e 45 a 49 anos, o que indica que boa parte dos egressos ingressou ainda muito jovem na Universidade.

Em relação ao estado civil, verificou-se que a maioria dos arquivistas enquadra-se nas categorias de casado (a) e solteiro (a), com uma frequência menor na categoria de união estável.

Como a pesquisa mostra, a maioria dos arquivistas ainda não possui filhos, talvez por se tratar de um grupo ainda jovem. Entre os arquivistas que possuem filhos, a predominância é da parcela que possui apenas um filho. Apenas um arquivista informou possuir dois filhos. Essa perspectiva pode estar relacionada à atual situação familiar, como indica Link (2009) em que as mulheres necessitam estar inseridas em uma atividade produtiva remunerada, visando melhores condições de vida.

A renda salarial mensal dos arquivistas também foi pesquisada, sendo utilizado como base o Salário Mínimo atual (R\$ 622,00), que de acordo com Souza (2011, p.187) “é um indicador atribuído pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, aos trabalhadores para garantir os gastos de uma família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte, entre outros”. Nesse sentido, a maioria dos arquivistas apontou receber de cinco até seis salários mínimos e de sete a oito salários mínimos, uma pequena parcela dos pesquisados têm renda de três até quatro salários mínimos, enquanto que dois arquivistas afirmaram receber mais de dez salários mínimos. Essa realidade indica que os arquivistas pesquisados são bem remunerados e, como aponta Link (2009) “para a realidade salarial do Brasil, os arquivistas recebem salários dignos”.

Pelos resultados obtidos, verificou-se que a maioria dos arquivistas é proveniente de cidades do Rio Grande do Sul, com maior incidência de egressos nascidos em Santa Maria e demais cidades da região central do Estado. Boa parte dos arquivistas reside e trabalha atualmente em grandes centros urbanos, capitais de estados, como Brasília – DF, Curitiba – PR, Porto Alegre – RS e Rio de Janeiro – RJ. Isso pode ser justificado pela constatação de Lopez (2008) em que “regiões nas quais há grande ocorrência do graduado em Arquivologia como Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília, os cargos são preenchidos por profissionais portadores de diploma específico”. Outra justificativa advém da pesquisa realizada por Souza (2011) que constatou que os espaços geográficos onde se oferecem os cursos é onde surgem com mais frequência oportunidades de emprego, ou seja, se encontra uma maior demanda do mercado laboral. Com exceção de Curitiba, onde não é ofertada a graduação em Arquivologia, mas mesmo assim ocorreu o registro de profissionais atuando, Porto Alegre, Brasília e Rio de Janeiro são cidades com mercado de trabalho em potencial para o arquivista.

Com relação à localidade de trabalho, Porto Alegre foi a cidade com maior predominância de profissionais atuando. Curitiba e Brasília também tiveram boa incidência entre as localidades citadas pelos arquivistas.

Um fato que chama atenção é que dos arquivistas naturais de Santa Maria, somente um ainda reside e atua profissionalmente na cidade.

A maioria dos arquivistas trabalha na mesma localidade em que residem, sendo que apenas dois dos pesquisados residem e trabalham em cidades diferentes.

6.2 Formação acadêmica e capacitação Profissional

Como afirma Souza (2011, p.120) “a formação não se esgota no nível de graduação [...] a formação é um processo contínuo principalmente no caso dos arquivistas que acompanham as atualizações em seus processos de trabalho”. O que se justifica pela fala de Maldaner (2010, p.11) quando diz que “a educação é a base do sucesso do sujeito, para tanto se quer, através deste, motivar a educação continuada como um processo de aprender permanentemente, em que o sujeito aprende e compartilha o que sabe”.

Nesse sentido, a análise das peculiaridades relacionadas com a formação acadêmica e a capacitação profissional dos arquivistas são indispensáveis para conhecer a realidade em que estão inseridos.

A grande maioria dos arquivistas formados pela UFSM no ano de 2001 possui apenas a graduação em Arquivologia. Somente um arquivista destacou possuir graduação em Ciências Sociais, tendo concluído antes de ingressar no Curso de Arquivologia

O resultado da pesquisa mostrou que boa parte dos arquivistas consideravam-se preparados em parte para ingressar no mercado de trabalho logo após terem concluído a graduação.

Percebeu-se com as justificativas a respeito desse questionamento que grande parte dos arquivistas sentiam-se inseguros, por serem ainda muito imaturos para ingressarem no mercado de trabalho, e por sentirem uma necessidade de maior preparo prático. Por outro lado, outros acreditam que a realização de estágios extra-curriculares ainda na graduação ajudam na preparação para o futuro profissional.

Muitos sentiam-se inseguros com a gestão de arquivos digitais, por ser uma área que estava surgindo há dez anos. Outra necessidade apontada pelos entrevistados diz respeito a

uma maior preparação para trabalhar com consultoria de arquivo, maior aprofundamento em legislação arquivística. Outros apontam ainda que é primordial para o arquivista estar em constante atualização, pois a melhor preparação para a atuação profissional advém das vivências do próprio mercado de trabalho. O que justifica-se através da ideia de Bellotto (2004, p.302) quando diz que “só um constante treinamento e cada vez mais experiência permitem aos arquivistas intervir definitivamente na implantação de diversos programas aprovados pela administração das instituições e converter-se em eficazes conselheiros para a solução de problemas”. Já, Sousa (2008) entende que “a atividade arquivística é essencialmente intelectual e não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas previamente elaboradas, como receitas”. Dessa forma o arquivista deve saber aliar a teoria à prática para melhor desenvolver suas atividades.

A formação se vincula ao desenvolvimento do profissional no mercado laboral (SOUZA, 2011, p.209). Nesse sentido, a formação propiciada pelo Curso de Arquivologia da UFSM na visão dos pesquisados atende às necessidades do mercado de trabalho em parte, talvez essa afirmativa se justifique pela percepção de Oliveira (2010, p.9) quando diz que “as formações necessitam de uma abordagem mais ampla e menos tecnicista”, ou seja, é premente que com as rápidas inovações tecnológicas e na maneira como a informação é produzida, que hajam reformulações curriculares voltadas para a formação de um arquivista atento as constantes mudanças do seu círculo profissional.

Richter (2004, p.81) lembra que “o ensino de graduação em Arquivologia esteve alicerçado nas matérias do currículo mínimo, bastante defasado pelos anos que se passaram e pela evolução da cultura, da ciência e da tecnologia”. A autora afirma ainda que com a Lei de Diretrizes e Bases desde 1996, as instituições de ensino superior podem fixar os currículos para seus cursos, desde que observem as diretrizes pertinentes. De acordo com Souza (2011, p.111) “para a criação de novos currículos e/ou reformulação dos existentes, indica-se um diálogo entre os agentes de formação e os espaços de trabalho”. Zanini (2010, p.27) também acredita que “a formação do profissional de arquivologia deve ser planejada e desenvolvida considerando-se a realidade concreta do campo de atuação profissional”.

Atualmente o Curso de Arquivologia da UFSM, através do Colegiado do Curso, possui uma Comissão de Organização para que sejam feitos ajustes no currículo atual para, através do diálogo com a comunidade arquivística, propor uma revisão do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) visando à melhor qualificação dos arquivistas formados pela UFSM.

A capacitação profissional é requisito primordial para o arquivista que deseja cumprir suas atividades de acordo com a realidade que o circunda. Nesse sentido, Ramos (2008, p.25)

acredita que “o arquivista tem de investir em seu talento, qualificando-se e buscando seu aprimoramento contínuo, a fim de que possa acompanhar a evolução dos princípios teóricos e dos processos tecnológicos aplicados em sua área, que, na atualidade, mudam constantemente”. Ideia que é compartilhada por Oliveira (2010, p.11) quando diz que é importante o investimento por parte dos profissionais “na educação continuada, especialmente, para a melhoria no desempenho das atividades multidisciplinares, administrativas e gerenciais”.

O Código de Deontologia divulgado pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA) em Pequim, no ano de 1996, já previa que os arquivistas devem procurar melhorar o nível profissional, renovando sistematicamente e continuamente os seus conhecimentos arquivísticos e partilhando os resultados das suas investigações e da sua experiência, como forma de contribuir para o progresso da arquivística.

Como afirma Link (2009, p.41) “a busca pelo aperfeiçoamento em cursos de pós-graduação demonstra a preocupação dos arquivistas em buscar qualificação, produzindo novos conhecimentos em benefício da arquivística”. Já, Zanini (2010, p.47) afirma que “várias razões podem levar alguém a cursar uma pós-graduação, como por exemplo: aumentar o salário, atualizar-se, mudar de profissão, fazer contatos, aprofundar-se na sua formação”.

A pesquisa mostrou que a grande maioria dos arquivistas pesquisados já possui pós-graduação concluída, com maior predominância no nível de especialização e menor incidência no nível de mestrado. O nível de doutorado também foi citado por um dos pesquisados, que afirmou estar em andamento. Este egresso atualmente desempenha o cargo de docente em Curso de Arquivologia. Dessa forma, infere-se que os arquivistas estão procurando se qualificar, sendo que estão envolvidos nos três níveis da pós-graduação, embora ainda seja baixa a procura por qualificação nos níveis de mestrado e doutorado.

A área de formação na pós-graduação apresentou uma variedade de programas, especialmente em Administração, Gestão em Arquivos, Gestão Pública, Patrimônio Cultural, Informática, Engenharia de Produção e História, o que pode ser justificado pela constatação de Jardim (2011, p.66) quando afirma que “a ausência de um programa de mestrado e doutorado em Arquivologia parece ter provocado, nos últimos anos, uma procura, por parte dos arquivistas, de programas de pós-graduação de outras áreas [...] em história, administração, educação, engenharia da produção etc.”.

O resultado mostra que a formação continuada é uma preocupação dos egressos da UFSM, como justifica a pesquisa realizada por Souza (2011, p.192) onde ficou demonstrado

que “a formação continuada é frequente nos graduados de Arquivologia, sobretudo naqueles que trabalham na área”.

O bom índice de arquivistas pós-graduados pode ainda ser explicado através da ideia de Elesbão (2011, p.33) que explica que “devido à criação de novos cursos de especialização e aos cursos de Pós-Graduação à Distância, como é o caso do Curso de Especialização a Distância *Lato Sensu* em Gestão em Arquivo da UFSM e Universidade Aberta do Brasil (UAB) e ao incremento salarial que é promovido aos servidores públicos que possuem Pós-graduação”.

Ficou constatado que os arquivistas que não atuam na área dão preferência a programas de pós-graduação voltados ao desenvolvimento das atividades que desempenham atualmente, como Desenvolvimento Econômico e Social, Gestão de Projetos e Psicologia.

Falar um idioma fluentemente já não é mais um diferencial profissional, mas sim um pré-requisito para quem busca uma vaga no mercado de trabalho ou pensa em crescer profissionalmente (ZANINI, 2010, p.50). Duarte (2006, p.6) infere que o perfil profissional do arquivista “supõe acompanhamento da evolução das tecnologias da informação e da produção do conhecimento e domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira. Isso faz o seu diferencial”. A grande maioria dos arquivistas pesquisados afirmou ter conhecimento sobre outro idioma (falar, ler ou escrever), com predominância dos idiomas inglês e espanhol. Outros idiomas que os arquivistas também possuem conhecimento, mas em menor frequência na pesquisa são em italiano e alemão.

Rodrigues (2002) afirma que a base de uma profissão é composta pela formação, a prática profissional e a pesquisa, e que esses três componentes devem interagir constantemente. Nesse sentido, a pesquisa mostrou que houve certo envolvimento dos arquivistas com alguma atividade técnico-científica, mas aquém do esperado, visto que a maioria dos pesquisados apontou não ter desenvolvido pesquisa científica após a conclusão da graduação. O que se comprova pela constatação de Zanini (2010, p.27) quando afirma ser “escassa a participação do arquivista graduado na produção do conhecimento”.

Essa tendência talvez se justifique, pois, há dez anos, época da formação do grupo pesquisado, o Curso de Arquivologia não exigia o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o que poderia ter afastado os egressos do mundo científico. Souza (2011) já havia apontado como preocupante a quase inexistência de atividades de pesquisa científica na formação dos arquivistas no Brasil. No entanto, Sousa (2008, p.13) enfatiza que na “Arquivística, o progresso resulta do desenvolvimento dos conhecimentos e é impossível imaginar esse desenvolvimento sem o aporte da pesquisa”.

A investigação mostrou a maior incidência de realização de pesquisas científicas entre os egressos que se envolveram em programas de pós-graduação, com maior predominância no nível de mestrado e especialização. O que em parte se justifica através da constatação de Marques, Roncaglio e Rodrigues (2011) quando afirmam que a ampliação da pesquisa em arquivologia em vários programas de pós-graduação, com dissertações e teses com temáticas arquivísticas, vem resultando no aumento da comunicação científica da área, seja em congressos, artigos ou livros. O resultado da pesquisa com os egressos da UFSM mostra um contraponto a ideia das autoras, visto que a grande maioria que afirmou ter se envolvido em alguma atividade científica, quando indagados sobre apresentar ou publicar os trabalhos e/ou artigos em anais de eventos da área ou em revistas científicas, disseram não tornar público os resultados das pesquisas. A publicação de trabalhos científicos, de acordo com os resultados, está centralizada entre os poucos egressos que hoje atuam com a área da docência universitária em cursos de Arquivologia.

No que concerne a esse assunto, Jardim (2011, p.68) é enfático ao afirmar que “enquanto não contarmos com programas de pós-graduação *stricto sensu* na área, dificilmente a pesquisa em arquivologia no Brasil terá um papel central na institucionalização do próprio campo”.

Bellotto (2004), ao retratar sobre as constantes renovações que devem permear a vida profissional do arquivista, diz que é preciso dar maior ênfase a treinamentos, leituras da produção recente, contatos em congressos e visitas técnicas, devendo haver um maior intercâmbio entre os arquivistas. Afirma ainda que, no tocante a educação continuada, o arquivista pode participar de cursos, oficinas, seminários, palestras, estudos em grupo que podem ser presenciais, semipresenciais ou a distância.

Em virtude das constantes transformações que norteiam os avanços tecnológicos, o arquivista fica em busca de uma constante qualificação profissional (ELESBÃO, 2011, p.45). Essa mesma perspectiva é compartilhada por Link (2009) quando diz que os arquivistas devem buscar o aperfeiçoamento para melhor exercer sua profissão.

Nesse sentido, o resultado da investigação mostrou que a maioria dos arquivistas participa dos eventos arquivísticos pelo menos uma vez ao ano, seguido pelos arquivistas que participam semestralmente e pelos que participam bimestralmente, bianualmente, quando possível, quando necessário melhorar profissionalmente e raramente. Ou seja, pode-se afirmar que embora os arquivistas não publiquem ou apresentem o resultado de pesquisas, estes participam dos eventos da área para buscar o aperfeiçoamento profissional.

A pesquisa revelou ainda que os egressos do curso de Arquivologia da UFSM do ano de 2001 mantêm até hoje uma relação profissional e de amizade, sendo a forma de contato mais comum através das redes sociais, correio eletrônico e telefone, ou através das confraternizações e em eventos da área.

6.3 Inserção no mercado de trabalho e atuação profissional

É a partir da inserção ao mercado de trabalho que se obtém a compreensão sobre uma profissão, sendo que o reconhecimento desta atividade é uma necessidade latente inerente da própria condição humana, visto que o homem vislumbra se sentir útil e reconhecido (LINK, 2009, p.11). Souza (2011, p.178) afirma que “o ingresso dos arquivistas no mundo do trabalho ocorre, com frequência, de quatro modalidades: concurso público, contrato temporário, contrato por tempo indeterminado e processo seletivo”.

A forma de inserção dos egressos ao mercado de trabalho logo após concluírem a graduação teve uma variedade de respostas, predominando os arquivistas que ingressaram na vida profissional por intermédio de contrato e processo simplificado/análise de currículo. O que leva a acreditar que há dez anos eram ofertados poucos concursos públicos, visto que somente um dos egressos afirmou ter se inserido no mercado de trabalho através dessa modalidade.

A grande maioria dos arquivistas apontou ter desenvolvido atividades arquivísticas já no primeiro emprego, o que indica certa receptividade ao profissional no mercado de trabalho, visto que suas atividades foram desempenhadas no primeiro contato que tiveram com o mundo profissional.

O resultado da investigação mostrou que a maior parcela de egressos sempre atuou como arquivista, desde que concluiu a graduação, e continua atuando, seguido de uma parcela menor que atuou como arquivista, mas atualmente desempenha outras atividades. Foi perguntado aos egressos o tempo de atuação como arquivista, questão em que foi percebido que a maior parte dos egressos já atua no mercado de trabalho há dez anos ou onze anos ou mais, o restante dos profissionais apontaram um tempo de atuação que varia de sete a um ano de atuação no mundo do trabalho. Os egressos que apontaram não atuar como arquivistas no momento, desenvolvem suas ações nas áreas de docência universitária em Cursos de

Arquivologia, educação, área de gestão e planejamento, sociologia, análise de projetos e bancária.

Souza (2011, p. 87) afirma que “no Brasil, a formação se caracteriza por preparar um profissional dotado de conhecimentos teóricos e habilidades para atuar nas três fases do arquivo”. Nesse sentido, a pesquisa procurou averiguar as atividades arquivísticas que os egressos desenvolveram durante suas trajetórias profissionais.

Através dos resultados percebeu-se que os arquivistas estão desenvolvendo a maioria das atividades arquivísticas previstas no instrumento de coleta de dados, com uma frequência maior para as atividades voltadas ao desenvolvimento dos arquivos correntes e intermediários, especialmente as atividades de classificação, avaliação, protocolo, transferência, recolhimento, treinamento/instrução de equipe, gestão eletrônica de documentos e consultoria, em detrimento das demais atividades: descrição, conservação preventiva, difusão de acervos, microfilmagem, diplomática e diplomática contemporânea, tratamento de documentos especiais e restauração, que tiveram menor porcentagem de escolha pelos entrevistados. Essa perspectiva já havia sido traçada por Souza (2011, p.182) quando afirma que “o arquivista no Brasil atua com prioridade na gestão de documentos”. A autora afirma ainda que “a práxis arquivística exercida pelo profissional está associada às atribuições definidas na legislação, que, comparadas com as propostas pelos teóricos da área, podem apresentar ampliação do campo de atuação” (SOUZA, 2011, p.182).

Os conhecimentos que os arquivistas mais sentiram necessidade ao desempenharem suas funções também foi alvo da investigação. Pelos resultados obtidos, acredita-se que a grande incidência de apontamentos dos egressos da necessidade por maiores conhecimentos na área de Tecnologia da Informação, como Gerenciamento Eletrônico de Documentos, informática, digitalização e preservação digital está ligada ao grande desenvolvimento e avanço da área de TI, que há dez anos era ainda muito incipiente, e o currículo em vigor na época não previa disciplinas voltadas totalmente ao desenvolvimento dessas atividades, daí a dificuldade do egresso em se adaptar ao mercado de trabalho que a cada dia exige cada vez mais conhecimentos em tecnologia e informatização dos arquivos.

A necessidade de maior aprofundamento em legislação arquivística apontada pelos respondentes acredita-se estar relacionada ao fato de que grande parte dos arquivistas está desenvolvendo suas atividades em órgãos públicos, o que faz com que as atividades arquivísticas estejam amparadas pela legislação e o conhecimento desta é primordial para o arquivista no desenvolvimento de suas funções.

Este questionamento relaciona-se com a questão anterior dos egressos sentirem-se ou não preparados para ingressar no mercado de trabalho após a conclusão da graduação. Na justificativa dos arquivistas a este quesito, já havia sido informada a insegurança quanto à gestão de arquivos digitais, maior aprofundamento em legislação arquivística e melhor preparação para a atuação em trabalhos de consultoria, o que leva a acreditar que as necessidades do início da carreira seguiram ao longo do desenvolvimento da vida profissional.

A pesquisa procurou saber como os arquivistas classificam seus conhecimentos no que tange às Tecnologias da Informação e sua aplicação nos arquivos. Sobre isso, Krause (2005, p.5) infere que atualmente o “arquivista tem à sua frente o desafio de conhecer e adaptar-se aos novos suportes e formas de gestão da informação criados pela evolução tecnológica. Novas habilidades foram inseridas ao currículo do arquivista colocando-o como um profissional que deve reconhecer a informática como ponte para seu sucesso, como gestor e mediador da informação”. Bellotto (2004, p.305) também acredita que “a informática está definitivamente incorporada aos arquivos, seja na gestão ou na disseminação da informação de documentos tradicionais, seja na organização e descrição de documentos em suportes isolados concretos, seja nos documentos virtuais, integrantes dos bancos de dados e dos sistemas de comunicações”. Isso faz com que o arquivista “enfrente os avanços e busque o aperfeiçoamento como meio de acompanhar as exigências propiciadas pelas tecnologias da informação” (LINK, 2009, p.21).

Pelos resultados percebe-se que a maioria dos arquivistas classifica seu domínio sobre as tecnologias da informação aplicadas aos arquivos como sendo bom ou regular. Embora nenhum tenha classificado o domínio como ótimo, percebe-se que os arquivistas estão envolvidos com a aplicação de ferramentas voltadas à informatização dos arquivos como GED, *Workflow* e SIGAD. Nesse sentido, Elesbão (2011, p.14) infere que “o arquivista precisa conhecer as funções que são provenientes das novas tecnologias da informação, bem como tentar se adaptar a uma nova realidade que circunda o campo de trabalho”.

Rodrigues (2009, p.25) complementa afirmando que “o arquivista só poderá cumprir suas tarefas profissionais de maneira eficiente se compreender o atual quadro da profissão, considerando a presença marcante das tecnologias da informação e da comunicação e o surgimento de novos suportes documentais”.

6.4 Relação com a instituição empregadora atual

De acordo com Lopez (2008, p.6) o arquivista atualmente possui “um vasto campo de trabalho formado por empresas, instituições e organizações das mais variadas categorias. Neste universo, todas as organizações que mantêm algum tipo de registro formal com o estado brasileiro possuem material arquivístico”. Essa perspectiva é complementada através da ideia de Souza (2011, p.112) quando afirma que “qualquer instituição produtora de informação é um espaço de trabalho potencial para os arquivistas”. A autora apresenta os espaços de trabalho para os profissionais arquivistas: empresas públicas e privadas, instituições arquivísticas públicas e privadas, centros de documentação e informação, universidades e centros de pesquisa, as filmotecas e os museus, os bancos de dados e serviços de consultoria arquivística [...] as clínicas médicas e os hospitais, as instituições culturais e financeiras, as sociedades e cooperativas, os centros de ensino, os arquivos particulares e as consultorias, além dos órgãos dos poderes legislativo, executivo e judiciário, entre outros.

O resultado da pesquisa mostrou que a maioria dos egressos ocupa o cargo de arquivista nas instituições, o que demonstra que o profissional é reconhecido através do desenvolvimento do seu trabalho. Os egressos que atualmente não ocupam especificamente a função de arquivista, mas desempenham funções voltadas aos arquivos nas instituições possuem os cargos de docente em Cursos de Arquivologia, consultor arquivista e consultor em gestão de arquivos. Os demais egressos desempenham nas instituições os cargos de Consultor de Projetos de Educação, Técnico de Nível Superior da área de Gestão e Planejamento, Técnico Bancário e Sociólogo.

A predominância no regime de trabalho está entre os arquivistas que pertencem ao regime estatutário e celetista. Outras formas de regime de trabalho apontadas pelos egressos foram: autônomo, pessoa jurídica e profissional liberal através da contratação de serviços.

A maioria dos arquivistas possui uma jornada semanal de 40 horas de trabalho, predominantemente os que possuem vínculo com instituições públicas, sendo apontadas ainda cargas horárias de trabalho entre 30 e 35 horas nessa categoria. Outras cargas horárias semanais de trabalho foram apontadas pelos egressos, sendo que um arquivista informou trabalhar mais de 40 horas por semana. As menores cargas horárias semanais de trabalho apresentam-se entre os arquivistas que desenvolvem trabalhos de consultoria nas instituições, entre 17 e 28 horas semanais de trabalho, isso se explica, pois esses profissionais possuem

horários maleáveis podendo decidir a carga de trabalho a ser executada de acordo com as necessidades do empregador.

Quando indagados sobre a esfera da instituição em que atuam profissionalmente na atualidade, a maioria dos arquivistas informou estar vinculada a instituições públicas, com maior predominância em instituições federais e estaduais. Isso se explica, pois, como afirma Link (2009, p.44) “as instituições públicas valorizam o aperfeiçoamento do quadro de pessoal, através de um Plano de Carreira. Por isso incentiva a qualificação e concede percentuais de gratificação a serem incorporados nos vencimentos dos profissionais, servindo como um estímulo para a continuação no aperfeiçoamento profissional”. Nessa mesma linha Zanini (2010, p.41) infere que o ingresso no serviço público é cada vez mais comum, “pois este oferece ao mesmo tempo bons salários e estabilidade”. Souza (2011, p.73) acrescenta ainda que “as instituições públicas reconhecem o papel crucial que o arquivista tem que desempenhar na gestão das informações orgânicas”. Talvez esses sejam alguns dos motivos pela grande parcela de arquivistas terem procurado ingressar no serviço público, que de acordo com Zanini (2010, p.41), “é ainda o principal meio dos profissionais com formação em arquivologia atuarem no mercado de trabalho”.

Ainda que com menor incidência, a pesquisa verificou que os arquivistas estão também atuando em instituições privadas, sobretudo na realização de trabalhos de consultoria arquivística. Isso se justifica através da constatação de Andrade (2009, p.28) que “embora ainda mais solicitado em órgãos públicos, o arquivista vem ganhando espaço na iniciativa privada”.

A forma de ingresso dos arquivistas nas instituições é predominantemente por concurso público/nomeação, com menor incidência entre arquivistas que ingressaram através de contrato com o empregador. Isso é justificado pela constatação de Souza (2011, p.20) onde afirma que “os sinais mais claros do ingresso do arquivista no mercado de trabalho no Brasil são percebidos, inicialmente, nos anos 90, mas com mais intensidade a partir da década seguinte, com a publicação de diversos concursos públicos, algo que se tornou mais frequente nestes últimos anos graças à iniciativa dos governos brasileiros”.

Atualmente o ingresso dos arquivistas nas instituições faz um contraponto ao ingresso ao mercado de trabalho logo após a conclusão da graduação, quando a maioria dos egressos afirmou ter ingressado através de contrato ou contrato temporário ou por processo simplificado/análise de currículo. O que leva a constatação de que realmente houve o aumento na oferta de concursos públicos para arquivista nos últimos anos, o que vem absorvendo boa parte dos profissionais formados.

A incorporação dos arquivistas ao mundo do trabalho tem vários requisitos, dos quais se considera o principal a titulação. Tal requisito resulta do cumprimento da lei de reconhecimento da profissão, promulgado em 1978 (SOUZA, 2011, p.179). O resultado da pesquisa em relação a esse quesito vai ao encontro da ideia da autora, já que a maioria dos arquivistas afirmou como maior requisito para o ingresso na instituição a titulação universitária. Outros requisitos apontados pelos egressos foram experiência profissional, referências pessoais, conhecimento de informática e conhecimento de idioma.

A investigação mostrou que poucos arquivistas estão à frente de funções de chefia. O que chama a atenção é que somente um dos egressos que atualmente atua como arquivista desempenha função de chefia de setor de arquivo. As demais funções de chefia apontadas são de egressos que hoje não atuam diretamente como arquivista, sendo elas nas áreas de docência universitária (Coordenador de Curso de Arquivologia), área de gestão e planejamento e sociólogo em fundação pública. Outro fato que chama a atenção é que todos os egressos que respondem por uma função de chefia possuem pós-graduação em nível de especialização ou mestrado, o que leva a acreditar que os arquivistas que “procuram o aperfeiçoamento e o aprimoramento são valorizados pelas instituições” (LINK, 2009, p.44).

Quanto ao incentivo ao aperfeiçoamento, a maioria dos arquivistas informou que são subsidiados em parte pelas instituições, enquanto que poucos egressos disseram receber total apoio da instituição para aperfeiçoamento profissional. O apoio da administração superior para efetivar as ações do campo arquivístico e para adquirir materiais e equipamentos também foi alvo da pesquisa. No que tange a esse assunto, a maior parte dos arquivistas apontou serem assistidos em parte pelas administrações das instituições. Boa parte dos egressos afirmaram ainda que recebem o apoio da administração para efetivar suas ações e adquirir materiais e equipamentos. O que é bastante significativo, pois indica que o trabalho desenvolvido pelos arquivistas é valorizado pelas instituições.

A pesquisa mostrou a predominância entre os arquivistas que consideram adequada a remuneração salarial recebida na atual instituição onde desempenham suas atividades, que de acordo com o questionamento da renda salarial mensal varia de cinco a seis salários mínimos, o que de certa forma indica que os egressos estão satisfeitos com a remuneração salarial.

6.5 Relações interpessoais de trabalho

O Código de Deontologia divulgado durante o CIA em 1996, em Pequim, previa que os arquivistas devem trabalhar em colaboração com os seus colegas e os membros das profissões que lhes são próximas, devendo procurar estimular a colaboração e evitar conflitos com os seus colegas, resolvendo as dificuldades, encorajando o respeito pelas normas arquivísticas e pela ética profissional.

Para Link (2009, p.27) “o trabalho vai muito além do desempenho de uma atividade específica; ele representa relacionamento social, identificação com um grupo, reconhecimento e valorização pessoal, sendo necessário que os indivíduos interajam entre si”.

Para a efetivação das atividades de gestão documental, é necessária a formação de equipes que auxiliarão o profissional especializado nos procedimentos técnicos de organização, mas Elesbão (2011, p.21) lembra que é imprescindível “que existam colaboradores com formação específica que atendam melhor ao progresso e objetivos da organização ou instituição”, onde se insere o arquivista. Dessa forma, a pesquisa procurou saber como é a relação interpessoal de trabalho do arquivista nas instituições. O resultado mostrou que, para a maioria dos egressos, o arquivista é respeitado pelos profissionais de outras áreas da instituição.

A investigação também apontou a predominância entre os egressos que acreditam que o trabalho realizado pelo arquivista é reconhecido e valorizado pelos colegas de outras áreas de formação. Nesse sentido, Link (2009) afirma que os arquivistas devem possuir autonomia; saber trabalhar em equipe e administrar suas emoções; possuir capacidade de interagir para obter êxito no relacionamento interpessoal. A maioria dos egressos afirmou que a opinião do arquivista é levada em consideração quando o debate com não arquivistas é sobre atividades arquivísticas. O que demonstra que o arquivista é um profissional respeitado nas instituições.

Questionados sobre o trabalho arquivístico ser compartilhado com outros profissionais, percebeu-se que alguns acreditam que o trabalho arquivístico deve ser realizado somente pelo arquivista devido ao seu conhecimento técnico-científico e sua experiência profissional, enquanto que para a maioria dos entrevistados, outros profissionais que trabalham nos arquivos se forem orientados por um arquivista têm muito a colaborar no desenvolvimento das atividades arquivísticas.

Sobre a qualidade técnica de o trabalho ficar comprometida quando não arquivistas realizam atividades arquivísticas, uma pequena parcela de egressos acredita que sim, o

trabalho fica aquém do que se fosse realizado pelo profissional arquivista. Já para a maioria dos arquivistas nem sempre o trabalho arquivístico realizado por outros profissionais é inferior ao realizado pelo arquivista, desde que seja orientado, acompanhado e revisado por um profissional qualificado, no caso o arquivista, para que seja confiável. Os egressos justificam ainda que a prática dessas pessoas que muitas vezes trabalham há anos nos arquivos e possuem um vasto conhecimento sobre o acervo, deve ser levada em consideração e ser adequada ao trabalho arquivístico, podendo colaborar com o arquivista no desenvolvimento de suas atividades. Ainda de acordo com os egressos a metodologia utilizada por esses profissionais pode ser transformada e qualificada pelo profissional arquivista.

6.6 Legalização e reconhecimento da profissão

O arquivista é responsável pelo trabalho intelectual, o de planejar qual a melhor maneira para facilitar e possibilitar a busca/pesquisa pela informação de forma rápida quando qualquer pessoa necessitar. As atividades desempenhadas pelo arquivista compreendem “o planejamento, acompanhamento, direção e orientação do processo documental, o que caracteriza o nível intelectual” (STAHL, 2008, p.18).

A Lei nº 6.546 de 4 de julho de 1978 regulamentou as profissões de arquivista e técnico de arquivo, ficando clara a diferenciação entre as atribuições do arquivista voltadas ao planejamento, orientação, direção, acompanhamento e assessoramento das atividades arquivísticas, ou seja, nível intelectual, das do técnico de arquivo, voltadas à execução das atividades técnicas arquivísticas, o que caracteriza o nível operacional.

Dessa forma, a pesquisa buscou saber se as atividades desenvolvidas atualmente pelos arquivistas estariam de acordo com as atribuições previstas na lei da profissão. O maior percentual foi de egressos que afirmaram que as atuais atividades desenvolvidas nas instituições estão em consonância com a legislação, embora uma parte significativa dos arquivistas apontou que as atividades não estão contempladas ou estão previstas em parte na lei que regulamenta a profissão. Nesse sentido, a pesquisa realizada por Souza (2011) já previa que a lei que regulamenta a profissão carece de uma revisão de suas atribuições.

Para Richter (2004) ser arquivista é compreender a história dos arquivos, a profissão, a terminologia, a teoria, a metodologia e o contexto da produção de informações e documentos, bem como a legislação arquivística.

No que se refere a manter-se informado sobre a legislação arquivística vigente a maioria dos arquivistas afirmou estar a par da legislação concernente aos arquivos, incluindo as resoluções do CONARQ, e a outra parcela de egressos disse acompanhar a legislação na medida do possível.

A participação dos arquivistas em movimentos associativos também foi alvo da investigação. Souza (2011, p.134) ao tratar sobre a finalidade das associações afirma que “os objetivos principais das associações existentes no Brasil consistem em congregar os profissionais e lutar por seus direitos”, aponta ainda que as associações de arquivistas têm como objetivo máximo atuar na defesa da categoria e organizar cursos e outros eventos com o intuito de melhorar a categoria, além de oferecer alguns benefícios que atendem a todos os associados (SOUZA, 2011, p.134).

Ficou comprovado através dos resultados que há pouca representatividade entre os pesquisados no que concerne ao associativismo profissional de arquivistas, sendo que a grande maioria não é filiada a nenhuma entidade ou associação. Os poucos arquivistas que afirmaram fazer parte de uma associação estão vinculados à Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul (AARS) sendo que a filiação ocorreu ainda durante a graduação ou logo após a conclusão do Curso, o que demonstra não haver a tendência do arquivista que já atua a certo tempo no mercado de trabalho vir se filiar em associações.

Para a maioria dos egressos, a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia é fator fundamental para que a profissão não alcance maior reconhecimento no mercado de trabalho. A esse respeito, Elesbão (2011, p.14) afirma que “os graduados encontram dificuldades para ingressar no mercado de trabalho porque não há dispositivo que fiscalize se as organizações estão ou não contratando arquivistas para exercer cargos de sua competência”. Para Link (2009, p.55) “a criação de um conselho poderia trazer maior garantia de reconhecimento e de fiscalização do exercício profissional. Isso propiciaria maior respeito à Lei que regulamenta a profissão do arquivista”.

Souza (2001, p.167) explica que “a ausência de um conselho profissional permite que os arquivistas efetuem seu registro como profissionais no Ministério do Trabalho e Emprego, de acordo com o Decreto nº 93.480 de 29 de outubro de 1986”.

No que diz respeito ao registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho do Ministério do Trabalho, a pesquisa revelou a predominância dos egressos que fizeram o registro para exercer a profissão como normatiza a Lei nº 6.546 de 4 de julho de 1978. Embora com pouca incidência, a investigação mostrou que alguns arquivistas ainda não possuem o registro profissional, o que se justifica através da constatação de Souza (2011,

p.168) em que afirma que “com a ausência de um Conselho Profissional, o arquivista deixa de ter a obrigatoriedade de efetuar seu registro profissional”.

Pelas respostas dos arquivistas, pode-se perceber que a maior expectativa em relação ao futuro profissional para a maioria dos pesquisados é conquistar maior reconhecimento profissional, o que se justifica pelo elevado percentual de arquivistas que querem mudar de local de trabalho, ou pelo desejo de continuar se qualificando através da realização de novas pós-graduações.

A expansão do objeto de estudo da área e as facetas que a informação foi adquirindo através das demandas da sociedade e dos avanços tecnológicos, propiciaram uma maior inserção e visualização do profissional arquivista no mercado de trabalho (COSTA, 2008, p.80). Souza (2011, p.2011) também acredita que “tem-se ampliado as oportunidades no mercado de trabalho para este profissional, e o reconhecimento de suas atribuições começa a mostrar um avanço significativo, principalmente na última década”.

É consensual entre a maioria dos egressos pesquisados que a profissão de arquivista está em ascensão, e que haverá uma maior visibilidade profissional para a categoria no futuro. Muitos egressos justificaram essa ascensão através do aumento de Cursos de Graduação em Arquivologia, que hoje está em praticamente todas as regiões do País, a grande oferta de concursos públicos para arquivista, fato que não ocorria há dez anos, o reconhecimento da profissão e do profissional arquivista no serviço público e o aumento de oportunidades na iniciativa privada, sobretudo nos grandes centros urbanos ou o profissional ser reconhecido e valorizado em certas regiões do País, como em Brasília. Isso pode ser explicado pela constatação de Oliveira (2010, p.3) quando afirma que “a administração pública foi compreendida como mercado de trabalho para o arquivista em Brasília. Isso se justifica pelo fato de se tratar da Capital Federal, onde a demanda por profissionais está voltada para o serviço público”. Sobre a maior demanda pelo profissional no mercado, Zanini (2010, p.25) entende que “a tendência à ofertas de cursos superiores de Arquivologia parece expressar uma demanda cada vez mais acentuada por parte da sociedade e do Estado em relação à atuação de arquivistas no setores públicos e privados”.

A questão de maior visibilidade profissional na visão dos egressos depende de muitos fatores, entre os quais se destacam: maior ênfase na formação no que se refere às Tecnologias da Informação, constituição do conselho da profissão, necessidade de qualificação profissional constante (formação continuada), que os arquivistas se imponham mais às atividades intelectuais em benefício do arquivo e não se dediquem tanto às questões técnicas como arquivar papéis, que haja maior união da categoria por salários mais dignos e maior

abertura de vagas em concursos públicos, que muitas vezes são ocupadas por outros profissionais que não os arquivistas, entre eles os bibliotecários.

Essa questão já havia sido levantada por Oliveira (2010) quando afirma que os graduados em Arquivologia constataam a predominância da atuação de profissionais de outras áreas nos cargos de gerenciamento de informações. Essa mesma perspectiva é apresentada na pesquisa realizada por Link (2009) que afirma haver falta de investimentos nos arquivos e profissionais de outras áreas ocupando o espaço do arquivista. Nesse sentido, Elesbão (2011) sugere que as diferenças entre bibliotecários e arquivistas precisam ser mais bem geridas pela formação acadêmica, como forma de diminuir a concorrência, sem sentido, entre esses profissionais.

No entanto, Jardim (2006) infere que há muitos espaços a serem ocupados pelo profissional arquivista no mercado de trabalho. O autor afirma ainda que a maior inserção do arquivista e a sua maior visualização no mercado de trabalho é um processo que tende a se desenvolver. A ideia de Souza (2011, p.24) complementa o pensamento do autor quando afirma que “enquanto existir produção de informação arquivística, novos espaços de trabalho serão abertos para a atuação dos arquivistas”.

Mas, os sinais mais claros que indicam que a arquivística vive um bom momento no Brasil, são apresentados em pesquisa realizada por Souza (2008, p.2) onde se destacam: a qualificação crescente dos profissionais de arquivo, a demanda pelo profissional arquivista é crescente (nos últimos anos vários concursos públicos foram realizados), temos um quadro docente mais numeroso, mais diversificado, mais qualificado e com uma maior produção científica, os eventos estão ocorrendo com maior frequência, a mudança da natureza dos trabalhos apresentados nos eventos da área (que passaram de simples relatos de experiência para projetos de pesquisa inseridos em programas de pós-graduação com propostas metodológicas e discussões conceituais), o Arquivo Nacional conseguiu expandir seu espaço físico, a crescente produção editorial facilitada pela reativação de publicações periódicas e pela criação de novos canais de divulgação como as revistas eletrônicas, o aumento significativo de pesquisas (sobretudo nas universidades, resultado das pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação e nos projetos de iniciação científica), o que leva a acreditar que há claros avanços na situação arquivística do País.

6.7 Percepções da coordenação do Curso de Arquivologia

Quanto às percepções das duas últimas coordenações do Curso de Arquivologia, infere-se que a Gestão 2010-2012 acredita que a principal mudança ocorrida através da reformulação do currículo de 1994 para o currículo atual e o impacto no perfil do arquivista formado pela UFSM, está na inserção da iniciação científica através do eixo de pesquisa (Metodologia da Pesquisa – Seminário I e II – Trabalho de Conclusão de Curso), o que leva a perceber que essa gestão considera que o novo currículo forma um arquivista com uma vertente para a pesquisa. Essa gestão da coordenação acredita ainda que para uma reformulação futura no currículo do curso seria necessária a inclusão de conteúdos relacionados à Gestão Arquivística de Documentos Digitais, estatuto do documento digital, SIGADs, Diplomática contemporânea, etc. O que vem ao encontro das necessidades de formação apontadas pelos egressos pesquisados para que pudessem melhor desempenhar suas funções. De acordo com o Coordenador que esteve à frente dessa gestão, o arquivista teria um período em torno de três anos para se firmar no mercado de trabalho.

Na visão da atual coordenação do Curso (Gestão 2012-2014) seria necessária uma investigação mais aprofundada para que se pudesse estabelecer quais foram as principais mudanças que ocorreram na formação dos arquivistas graduados pelo currículo de 1994 para o de 2004. Mas, infere que pelo currículo de 2004 houve a incorporação de disciplinas voltadas ao uso das tecnologias como ferramentas para o desenvolvimento das atividades arquivísticas. A atual gestão considera que o currículo ideal dificilmente será alcançado, principalmente em decorrência das rápidas e constantes mudanças que se processam no ambiente de atuação do arquivista. No entanto, a atual coordenação infere que mudanças devem ocorrer na abordagem adotada pelos professores em ministrar as disciplinas, onde deve-se buscar apresentar novidades que venham a contribuir para a formação de arquivistas pró-ativos. Esta coordenação acredita que o arquivista leva um tempo em torno de cinco anos para se estabilizar no mercado de trabalho.

Percebe-se que as duas coordenações tem pensamentos distintos no que se refere a comparação dos dois últimos currículos do curso de Arquivologia da UFSM, sendo que um considera como ponto positivo a inserção da iniciação científica no currículo atual e o outro a incorporação de disciplinas relacionadas ao uso das tecnologias no desenvolvimento das atividades arquivísticas.

Quanto às possíveis futuras alterações curriculares, um acredita que deveria ter maior incremento no que diz respeito aos conteúdos relacionados à Gestão Arquivística de Documentos Digitais e o outro acredita que dificilmente o currículo ideal será alcançado e considera que deve haver mudanças na forma como os professores apresentam novidades quando assumem as disciplinas para que isso tenha impacto na formação dos arquivistas.

CONCLUSÃO

O perfil profissional é formado pelo conjunto de conhecimentos, qualidades e competências de uma pessoa (ZANINI, 2010, p.31). Nesse sentido, a seguir são apresentadas as constatações finais após a análise e interpretação dos resultados que ajudaram na identificação do perfil dos arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM no ano de 2001, ou seja, egressos atuantes no mercado de trabalho há pelo menos dez anos.

Infere-se que através dos resultados, constatou-se que a maioria do grupo de arquivistas pesquisado é constituída por pessoas do sexo feminino, entre os trinta e trinta e quatro anos, casados, com renda salarial mensal de cinco até seis salários mínimos, residindo e trabalhando atualmente em grandes centros urbanos. Possuem somente a graduação em Arquivologia e pós-graduação concluída em nível de especialização e mestrado, sendo que a maioria não costuma desenvolver pesquisa científica, e os que desenvolvem não apresentam ou publicam os resultados das pesquisas em revistas científicas ou em anais de eventos da área. Sempre atuaram como arquivista e continuam atuando há pelo menos dez anos ou mais, desenvolvendo atividades de todas as fases da gestão de documentos.

No desempenho da profissão sentiram necessidade de maiores conhecimentos em Tecnologia da Informação, especialmente Gerenciamento Eletrônico de Documentos, informática, preservação digital e aprofundamento em legislação arquivística. Nas instituições a que estão atualmente vinculados, ingressaram principalmente por concurso público e ocupam o cargo de arquivista com jornada de trabalho de 40 horas semanais, atuando em instituições públicas federais e estaduais e em instituições privadas, o ingresso se deu por contrato para prestação de serviços de consultoria arquivística. Possuem o registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho (DRT), mas a maioria não é filiada a uma associação de arquivistas.

Para os arquivistas pesquisados, a maior expectativa profissional em relação ao futuro é conquistar maior reconhecimento profissional, e para que a profissão conquiste maior visibilidade, a formação deve dar maior ênfase às Tecnologias da Informação e legislação arquivística, que seja constituído o conselho da profissão, que os arquivistas procurem se qualificar constantemente e se dediquem mais às atividades intelectuais em benefício dos arquivos, que haja maior união da categoria na luta por salários mais dignos e que a abertura

de vagas nos concursos públicos sejam destinadas ao profissional arquivista e não a outros com formação semelhante.

Dessa forma, conclui-se que a pesquisa cumpriu sua finalidade, uma vez que conseguiu levantar informações à cerca dos objetivos iniciais e dos problemas apresentados anteriormente à investigação, pois a maioria das hipóteses levantadas inicialmente foram confirmadas, principalmente às relacionadas ao ramo de atuação do arquivista e sua vinculação com as instituições.

Através da verificação de seis variáveis pré-determinadas: aspectos socioeconômicos, formação acadêmica e capacitação profissional, inserção no mercado de trabalho e atuação profissional, relação com a instituição empregadora atual, relações interpessoais de trabalho e legalização e reconhecimento profissional, foi possível identificar o perfil dos arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM no ano de 2001 e como foi a inserção e como está sendo a atuação desses profissionais no mercado de trabalho.

A pesquisa permitiu contribuir com o Curso de Arquivologia, uma vez que apresenta na visão dos egressos, as fragilidades na formação e possíveis mudanças necessárias de ocorrerem em uma futura revisão curricular. A investigação contribuiu ainda para o enriquecimento do conhecimento científico da área arquivística, visto que colaborou com a produção científica na linha de pesquisa em formação/atuação profissional.

Através dos resultados desse estudo, sugere-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas, como forma de dar maior visibilidade à profissão, pois a constante análise da formação e atuação do arquivista contribui para que se reconheça e como está a absorção e os desafios que este profissional enfrenta no mercado de trabalho. São apontadas, a seguir, algumas recomendações para novos estudos a partir do que foi trabalho nesta pesquisa:

- Análise dos currículos do curso de arquivologia da UFSM e o impacto na formação do arquivista;
- O arquivista frente às tecnologias da Informação e Comunicação;
- A interdisciplinaridade no trabalho do arquivista;
- A relação do arquivista com profissionais de formação semelhante no mercado do trabalho;
- Reformas Curriculares nos Cursos de Arquivologia do Brasil;
- O trabalho do arquivista nas Universidades Brasileiras que têm Cursos de Arquivologia;
- A titulação e a qualificação do corpo docente dos Cursos de Arquivologia no Brasil consequências na formação do arquivista;
- As possibilidades de trabalho para o arquivista nas cidades onde é ofertada a Graduação em Arquivologia;

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ricardo Sodré. **Tecnologia, memória e a formação do profissional arquivista**. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 149-159, jan/jun. 2006. Disponível em: <www.arquivistica.net>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____. **Iniciativa Privada abre espaço para arquivistas**. 2009. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/sites/especiais/noticias/0,,MUL964339-15526,00-INICIATIVA+PRIVADA+ABRE+ESPACO+PARA+ARQUIVISTAS.html>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

BAHIA, Eliana Maria dos Santos. SEITZ, Eva Maria. **Arquivista empreendedor**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.14, n.2, 468-481, jul./dez., 2009. Disponível em: <www.revista.acbsc.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2011.

BARBOSA, Safira Loyde Rodrigues. **Avaliação de competências informacionais em formandos de Arquivologia da UFBA**. 2008. Monografia (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BARRETO, Auta Rojas. **O arquivista no atual mundo dos negócios**. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 2, 2006, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: AARGS, 2006.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **O arquivista na sociedade contemporânea**. In: BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos Permanentes: tratamento documental/Heloísa Liberalli Bellotto – 2. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **As responsabilidades éticas e cidadãos na formação do arquivista**. In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 7, 2007, Viña del Mar. Anais... Viña del Mar: Associação de Arquivistas do Chile, 2007.

BITTENCOURT, Paola Rodrigues; VIEIRA, Thiago de Oliveira. **Perspectivas da Graduação em Arquivologia na Modalidade Educacional à Distância no Brasil**. In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 7, 2007, Viña Del Mar. Anais... Viña Del Mar: Associação de Arquivistas do Chile, 2007.

BRASIL. Decreto nº. 82.590 de 6 de novembro de 1978. Regulamenta a Lei nº. 6546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/114732/decreto-82590-78>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BRASIL. Lei nº. 6.546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128373/lei-6546-78>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

CARDOSO, Débora Regina. VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Perfil do profissional arquivista para atuar com a gestão documental em ambientes empresariais**. In: Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia, 11, 2007, Santa Maria. Anais... Santa Maria: UFSM, 2007.

CASTANHO, Denise Molon. **Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria: 25 anos de história: 1977 – 2002**/Denise Molon Castanho, Eneida Izabel Schirmer Richter, Olga Maria Correa Garcia. – Santa Maria: UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, 2002.

CASTANHO, Denise Molon. SILVA, Rosani Beatriz Pivetta da. **O Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)**. In: MARQUES, Angélica Alves da Cunha. RONCAGLIO, Cynthia. RODRIGUES, Georgete Medleg. A formação e a pesquisa nas universidades públicas brasileiras. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia/Angélica Alves da Cunha Marques, Cynthia Roncaglio e Georgete Medleg Rodrigues, organizadoras. – Brasília: Thesaurus, 2011.

CISCATO, Maria Caroline Flores. **Contribuição do estágio supervisionado em Arquivologia para a implementação do sistema de arquivos da UFSM**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

COSTA, Larissa Cândida. **Entre a formação e o trabalho: o arquivista diante das novas demandas sociais e organizacionais em matéria de informação**. 2008. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DUARTE, Zeny. **Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional**. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 2, 2006, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: AARGS, 2006.

_____. **Quem é este profissional – O arquivista?**. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 2, 2006, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: AARGS, 2006.

ELESBÃO, Ildo. **Arquivistas diplomados pela UFSM e sua presença no mercado de trabalho: análise de egressos de 2005 a 2009**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

ERTHAL, Daniele. **O papel do profissional arquivista na gestão de informações na sociedade do conhecimento**. In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6, 2005, Campos do Jordão: ARQSP, 2005.

ESPOSEL, José Pedro. **04 de julho – Dia da independência do arquivista**. Entrevista concedida à ENARA. 2008. Disponível em: <<http://www.fortium.com.br/blog/detalhar.php?id=27&idn=17>>. Acesso em: 02 mar 2011.

JARDIM, José Maria. CARDOSO, Julio Cesar. **Entrevista com José Maria Jardim**. Arquivistica net. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.7-21, jan/jun. 2006. Disponível em: <www.arquivistica.net>. Acesso em: 20 jan. 2011.

JARDIM, José Maria. **A pesquisa como fator institucionalizante da Arquivologia enquanto campo científico no Brasil**. In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha. RONCAGLIO, Cynthia. RODRIGUES, Georgete Medleg Rodrigues. A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia/ Angélica Alves da Cunha Marques, Cynthia Roncaglio e Georgete Medleg Rodrigues, organizadoras. – Brasília: Thesaurus, 2011.

KRAUSE, Carla. PAGANINI, Geison. PROVEDEL, Attilio. **A atuação do arquivista no desenvolvimento e na administração de sistemas de informação computadorizados**. In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6, 2005, Campos do Jordão. Anais... Campos do Jordão: ARQSP, 2005.

LINK, Jocelaine Zanini Rubim. **O mercado de trabalho dos arquivistas sócios da Associação dos Arquivistas do RS (AARS)**. 2009. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

LOPEZ, André Porto Ancona. **O ser e o estar arquivista no Brasil de hoje**. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 15, 2008, Goiânia. Anais... Goiânia: AAG. 2008. Disponível em <www.aag.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2011.

MALDANER, Sandra Schinwelski. **Processos educativos & capital intelectual: um estudo do papel do arquivista nas instituições**. 2010. 78 f. Monografia (Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria/Universidade Aberta do Brasil), Três de Maio, 2010.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. RONCAGLIO, Cynthia. RODRIGUES, Georgete Medleg Rodrigues. **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia/ Angélica Alves da Cunha Marques, Cynthia Roncaglio e Georgete Medleg Rodrigues, organizadoras. – Brasília: Thesaurus, 2011.

OLIVEIRA, Flávia Helena de. **As habilidades demandadas aos arquivistas para o exercício profissional no mercado de trabalho de Brasília.** In: Congresso Nacional de Arquivologia, 4, 2010, Vitória. Anais... Vitória: AARQUES, 2010.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática/** Marilena Leite Paes. - 3. ed. Rev. Ampl. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PEDRAZZI, Fernanda Kieling. SILVA, Rosani Beatriz Pivetta da. **Arquivo de Memórias:** fragmentos de histórias de vida sobre os 30 anos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 2, 2006, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: AARGS, 2006.

PEDRAZZI, Fernanda Kieling. **Difusão da identidade do arquivista:** a profissão e as estratégias de comunicação para o público infantil. Disponível em: <WWW.ufsm.br/sipecom/anais/artigos/culturaidentidade/PEDRAZZI.pdf> Acesso em: 31 de out 2011.

PENA, Daniel. **A formação universitária do arquivista brasileiro.** In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6, 2005, Campos do Jordão. Anais... Campos do Jordão: ARQSP, 2005.

RAMOS, Elida Nascimento. **O aporte da noção de empreendedorismo na formação do arquivista.** 2008. Monografia (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; GARCIA, Olga Maria Correa; PENNA, Elenita Freitas. **O arquivista.** In: Introdução à Arquivologia. Santa Maria: FACOS-UFSM: 2004. 2ª Edição, 110 p.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. **Relação ensino-pesquisa:** em discussão a formação do profissional da informação. DataGramZero, Rio de Janeiro, RJ, v.3, n.5, p. 1-12, 2002. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/out02/Art_05.htm >. Acesso em: 15 set 2012.

RODRIGUES, Georgete Medleg. MARQUES, Angélica Alves da Cunha. COSTA, Larissa Candida. **Arquivistas e Arquivologia:** lugares de formação, competências e exigências profissionais. In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6, 2005, Campos do Jordão. Anais... Campos do Jordão: ARQSP, 2005.

RODRIGUES, Camila Poerschke. **As políticas de preservação de documentos digitais na realidade do profissional arquivista atuante nas instituições de ensino superior do RS.**

2009. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. **Arquivos, gestão de documentos e informação**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, ano 9. n. esp, p. 1-13, 2004.

ROSSATO, Carlos Alessio. **O ensino de arquivologia em Santa Maria e a origem do Congresso do Mercosul**. In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6, 2005, Campos do Jordão. Anais... Campos do Jordão: ARQSP, 2005.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. **O arquivista como profissional da informação**. In: SANTOS, Vanderlei Batista dos. INARELLI, Humberto Celeste. SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de. **Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento/ Vanderlei Batista dos Santos, Humberto Celeste Inarelli, Renato Tarciso Barbosa de Souza, organizadores; 3ª ed: Distrito Federal: SENAC, 2009.**

SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de. **Os desafios da formação do arquivista no Brasil**. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 15, 2008, Goiânia. Anais... Goiânia: AAG, 2008. Disponível em: <www.aag.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2011.

SOUZA, Katia Isabelli Melo de Souza. **Visibilidade do arquivista no mundo do trabalho**. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 4, 2010, Vitória. Anais... Vitória: AARQES, 2010.

_____. **Arquivista, visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho/Kátia Isabelli Melo de Souza**. – Brasília: Starprint, 2011.

STAHL, Sabrina Joana. **O mercado de trabalho para arquivistas nas prefeituras do RS**. 2008. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

VEDOIN, Aline Medianeira Ramiro. **Tendência empreendedora: Perfil dos Alunos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria**. 2010. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

ZANINI, Marco Antonio. **Estudo do perfil do servidor técnico administrativo em educação da UFSM com formação em Arquivologia**. 2010. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria, São João do Polêsine, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com a Coordenação do Curso de Arquivologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
GESTÃO EM ARQUIVOS**

Ao Coordenador do Curso de Arquivologia da UFSM

Data do envio da entrevista:

Segue abaixo entrevista como forma de auxiliar na investigação da pesquisa intitulada: **O perfil do profissional arquivista formado pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM**. Sua colaboração é fundamental para o levantamento das informações iniciais e conhecimento do universo da pesquisa, ou seja, a quantificação e aspectos da formação dos arquivistas graduados em 2001, com pelo menos dez anos de atuação profissional. Desde já, agradeço pela atenção e aguardo sua resposta.

Arquivista: Eliseu dos Santos Lima – eliseudsl@yahoo.com.br

- 1) Qual o número de arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM até a presente data?
- 2) Quantos arquivistas foram formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM em 2001?
- 3) Quais as principais mudanças observadas no perfil do profissional arquivista formado pelo currículo de 1994 e pelo currículo vigente (2004)?
- 4) Quais são as suas percepções sobre as mudanças ainda necessárias de acontecerem em um currículo futuro?
- 5) Na sua opinião, qual o período necessário para um arquivista estabilizar-se na profissão?

APÊNDICE B – Questionário aplicado ao Universo da Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO LATO-SENSU GESTÃO EM ARQUIVOS

O presente instrumento coleta dados para a pesquisa: **O perfil do profissional arquivista formado pela Universidade Federal de Santa Maria**, que tem por objetivo identificar o perfil dos arquivistas formados pelo Curso de Arquivologia da UFSM no ano de 2001, como parte integrante da monografia de especialização do Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Gestão em Arquivos da UFSM. Sua cooperação é fundamental para o alcance dos objetivos do estudo. Assegura-se o sigilo total dos dados e privacidade na identificação dos sujeitos da pesquisa. Grato, Eliseu dos Santos Lima (eliseudsl@yahoo.com.br)

QUESTIONÁRIO

1 - ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

1.1 Gênero: Feminino Masculino

1.2 Faixa etária: até 30 anos de 30 a 34 anos de 45 a 49 anos
 de 35 a 39 anos de 50 a 54 anos de 40 a 44 anos acima de 55 anos

1.3 Cidade de origem: _____ Estado (UF): _____ País: _____

1.4 Cidade onde reside: _____ Estado (UF): _____ País: _____

1.5 Estado civil: Casado (a) Separado (a) e/ou divorciado (a)
 Solteiro (a) União estável Viúvo (a) Outro: _____

1.6 Tem filhos: Sim Quantos: _____ Não

1.7 Renda salarial mensal (Salário mínimo de referência: R\$ 622,00):
 de 01 até 02 salários mínimos de 07 até 08 salários mínimos
 de 03 até 04 salários mínimos de 09 até 10 salários mínimos
 de 05 até 06 salários mínimos mais de 10 salários mínimos

1.8 Cidade onde trabalha: _____ Estado (UF): _____ País: _____

2 - FORMAÇÃO ACADÊMICA E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 No que se refere à graduação, você possui outra formação além de Arquivologia?
 Sim Qual: _____ Instituição: _____ Não

Em caso afirmativo, concluiu a outra formação:

Antes de concluir a graduação em Arquivologia
 Durante a graduação em Arquivologia
 Após a conclusão da graduação em Arquivologia

2.2 Ao concluir a graduação em Arquivologia, você se considerou preparado para ingressar no mercado de trabalho?

Sim Não Em parte

Justifique sua resposta: _____

2.3 Você acredita que a formação oferecida pelo Curso de Arquivologia da UFSM atende as exigências do mercado de trabalho?

Sim Não Em parte

2.4 Você possui ou faz Pós-graduação?

Sim Não

Em caso afirmativo: (múltipla escolha)

Especialização concluída Mestrado em andamento
 Especialização em andamento Doutorado concluído
 Mestrado concluído Doutorado em andamento

2.5 Qual a área de sua formação na Pós-Graduação? (múltipla escolha)

Administração Gestão do Conhecimento Ciência da Informação
 Gestão Pública Comunicação História
 Documentação Informática Engenharia da Produção
 Patrimônio Cultural Gestão em Arquivos Outra _____

2.6 Você fala, lê ou escreve em outro idioma?

Sim Especifique: _____ Não

2.7 Depois de formado você desenvolveu alguma atividade técnico-científica (pesquisa) voltada aos arquivos?

Sim Não

Em caso afirmativo, você costuma apresentar e/ou publicar trabalhos/artigos científicos nos anais de eventos da área ou revistas científicas?

Sim Não

2.8 Você participa de eventos da área como congressos, simpósios, seminários, palestras?

Sim Com que frequência? _____ Não

2.9 Você possui algum tipo de contato com os demais arquivistas formados no mesmo ano?

Sim Qual? _____ Não

3 - INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

3.1 Qual foi sua forma de inserção no mercado de trabalho logo após concluir a graduação?

Concurso público/nomeação Contrato
 Contrato temporário Processo simplificado/análise de currículo
 Já trabalhava e continuou no emprego após a formatura
 Outra Qual: _____

3.2 O seu primeiro emprego após formado foi desenvolvendo atividades arquivísticas?

Sim Não

3.3 Desde que você concluiu a graduação atuou como Arquivista?

Sim, e continua atuando Sim, mas hoje desempenho outras atividades
 Nunca atuei como arquivista

Em caso afirmativo, quanto tempo de atuação profissional como arquivista você possui?

1 ano 4 anos 7 anos 10 anos
 2 anos 5 anos 8 anos 11 anos ou mais

3 anos 6 anos 9 anos
 Caso você não atue hoje como arquivista, qual é a sua área de atuação profissional?

3.4 Quanto à práxis arquivística, no seu campo de atuação, você já desenvolveu, ou desenvolve as atividades de: (múltipla escolha)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Classificação | <input type="checkbox"/> Conservação preventiva de acervos |
| <input type="checkbox"/> Avaliação | <input type="checkbox"/> Restauração de documentos |
| <input type="checkbox"/> Descrição | <input type="checkbox"/> Difusão de acervos |
| <input type="checkbox"/> Protocolo | <input type="checkbox"/> Microfilmagem e Diplomática |
| <input type="checkbox"/> Transferência | <input type="checkbox"/> Gestão eletrônica de documentos |
| <input type="checkbox"/> Recolhimento | <input type="checkbox"/> Consultoria |
| <input type="checkbox"/> Treinamento/Instrução de equipe | <input type="checkbox"/> Diplomática Contemporânea |
| <input type="checkbox"/> Descarte de documentos | <input type="checkbox"/> Tratamento de documentos especiais |

3.5 Quais conhecimentos você sentiu mais necessidade ao desempenhar suas funções como arquivista? (múltipla escolha)

- Outro idioma
 Informática
 Documentos especiais (fotográficos, filmográficos, sonoros...)
 Gerenciamento eletrônico de documentos
 Microfilmagem e Digitalização
 Diplomática Contemporânea
 Preservação Digital
 Arquivos especializados (médico, de engenharia, etc.)
 Arquivos privados e pessoais
 Aprofundamento em Legislação Arquivística
 Outros: _____
-

3.6 Como você classifica seu domínio sobre as Tecnologias da Informação aplicadas aos arquivos (GED, Workflow, Sigad, etc)?

- Ótimo Bom Regular Ruim

4 - RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO EMPREGADORA ATUAL

4.1 Qual a denominação do cargo ocupado por você atualmente?

- Arquivista Técnico de arquivo Auxiliar de arquivo
 Auxiliar Administrativo Assistente Administrativo Docente
 Outra Especifique: _____
-

4.2 Qual seu regime de trabalho?

- Estatutário Celetista Autônomo Outro _____

4.3 Qual sua carga horária semanal de trabalho?

- 20 horas 30 horas 40 horas Mais de 40 horas
 Outra Especifique: _____
-

4.4 Qual é a sua instituição empregadora atual?

- Pública Federal Pública Estadual Pública Municipal
 Empresa Privada Nenhuma, sou autônomo Nenhuma, não trabalho

4.5 Em caso de ter uma instituição que o empregue hoje, qual sua forma de ingresso?

- () Concurso público/nomeação () Contrato
 () Contrato temporário () Processo simplificado/análise de currículo
 () Outra Qual: _____

4.6 Quais foram os requisitos para seu ingresso na instituição? (múltipla escolha)

- () Titulação universitária () Experiência profissional
 () Conhecimento de informática () Conhecimento de idioma
 () Referências pessoais () Outros Especifique: _____

4.7 Na instituição em que você atua, desempenha função de chefia de setor/departamento/divisão?

- () Sim () Não

4.8 A instituição na qual você trabalha incentiva/subsidia seu aperfeiçoamento?

- () Sim () Não () Em parte

4.9 Você tem apoio da administração superior para que suas ações do campo arquivístico se tornem efetivas e/ou para adquirir materiais e equipamentos, quando necessário?

- () Sim () Não () Em parte () Não atuo como arquivista

4.10 Você considera adequada a remuneração salarial?

- () Sim () Não

5 - RELAÇÕES INTERPESSOAIS DE TRABALHO

ATENÇÃO! Somente responda a estas questões se atua hoje como arquivista.

5.1 Para você, o arquivista é respeitado pelos profissionais de outras áreas na instituição em que trabalha?

- () Sim () Não () Às vezes

5.2 O seu trabalho é reconhecido e valorizado por seus colegas de outras áreas de formação?

- () Sim () Não () Às vezes

5.3 A sua opinião é levada em consideração quando o debate com não arquivistas é sobre atividades arquivísticas?

- () Sim () Não () Às vezes

5.4 Você acredita que o trabalho arquivístico pode ser compartilhado com não arquivistas?

- () Sim () Não () Nem sempre

5.5 Quando não arquivistas realizam atividades arquivísticas, você acredita que a qualidade técnica do trabalho fica comprometida?

- () Sim () Não () Nem sempre

Explique sua resposta: _____

6 - LEGALIZAÇÃO E RECONHECIMENTO PROFISSIONAL

6.1 Segundo o artigo 2º da Lei 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências, são atribuições dos arquivistas:

- I – planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo;
- II – planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;
- III – planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;
- IV – planejamento, organização e direção de serviços ou centros de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;
- V – planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;
- VI – orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;
- VII – orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;
- VIII- orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;
- IX – promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;
- X – elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;
- XI – assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
- XII – desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes;

As atividades desenvolvidas por você atualmente estão previstas na lei da profissão do arquivista?

Sim Não Em parte

6.2 Você tem conhecimento ou procura manter-se informado (atender) sobre a legislação arquivística vigente, incluindo as resoluções do CONARQ?

Sim Na medida do possível Não tenho conhecimento da legislação vigente

6.3 Você é filiado a alguma entidade ou associação profissional de arquivistas?

Sim Especifique o nome e indique o ano de adesão: _____
 Não

6.4 Você considera que a inexistência de um Conselho Federal de Arquivologia que atenda os anseios profissionais da categoria é um empecilho para que a profissão de arquivista conquiste maior reconhecimento no mercado de trabalho?

Sim Não

6.5 Você possui registro de arquivista na Delegacia Regional do Trabalho (DRT) do Ministério do Trabalho?

Sim Não

6.6 Qual a sua principal expectativa profissional em relação ao futuro? (múltipla escolha)

Alcançar cargo de chefia Fazer pós-graduação
 Fazer outra graduação Fazer outra pós-graduação
 Mudar de local de trabalho Maior reconhecimento profissional
 Outra Especifique: _____

6.7 A partir das suas experiências, você acredita que a profissão de arquivista está em ascensão? E vislumbra uma maior visibilidade profissional para a categoria no futuro?

Sim Não

Explique sua resposta: _____